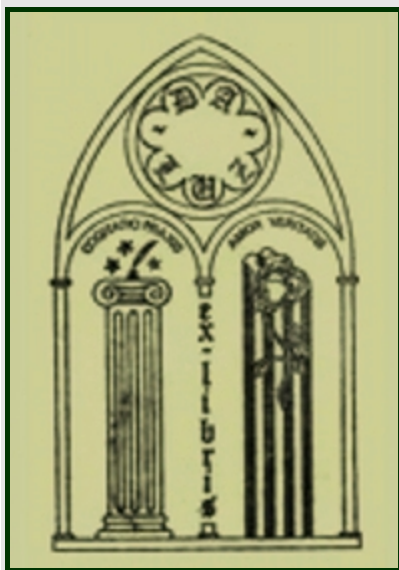


# O Tradicional Na Modernização



*Jacob (J.) Lumier*

---

Webstio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital

<http://www.leiturasjlumierautor.pro.br>

Indicações para  
FICHA CATALOGRÁFICA

Lumier, Jacob (J.) (1948 -...):

**O Tradicional na Modernização:**  
Leituras sobre Ernst Bloch

(Coletânea de Artigos)

Internet, E-book Monográfico, 130 págs. Novembro 2008-Abril 2009.  
Publicação do Web site Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital  
<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>



ISBN...

1. Crítica Histórica
  2. Sociologia e Filosofia
- I. Título.  
II. Série

\*\*\*\*\*

Creative Commons

Esta obra está bajo una licencia Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 3.0 Estados Unidos de Creative Commons. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/us/> o envíe una carta a Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.



Web site Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

*O Tradicional na Modernização:  
Leituras sobre Ernst Bloch*

*(Coletânea de Artigos)* 

Por

**Jacob (J.) Lumier**



*Websítio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital*

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

Rio de Janeiro, Maio de 2009



Websítio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

## *O Tradicional na Modernização:*

---

*Leituras sobre Ernst Bloch*



### APRESENTAÇÃO

A reflexão histórico-filosófica é vista como sendo distanciada em relação às questões prementes da vida pública em virtude do seu *caráter não-representacional*, embora seja situada na realidade social.

Ernst Bloch é um pensador com essa virtude <sup>1</sup>. Nada obstante, além de uma sociologia do legado rural tradicional na formação das classes sociais, a leitura de sua obra é interessante porque nos mostra a dimensão humana universal da Esperança histórico-filosófica que está por trás dos movimentos camponeses na formação do mundo moderno.

Embora seja estudado em ligação com as conhecidas correntes intelectuais do Século Vinte influenciadas por dogmas materialistas ou marxistas <sup>2</sup>, *Ernst Bloch é o pioneiro da relativização da dialética na crítica-histórica* e, ainda na década de 1920, desenvolve em sua obra a compreensão da totalidade com vários níveis de realidade histórica ou de passado, designada no seu dizer a *totalidade múltipla*.

Portanto, deve ser lido como pensador europeu relacionado à história contemporânea da dialética, cabendo lembrar a respeito disto que Gastón Bachelard começou a introduzir a dialética em Ciências Humanas somente em 1936 <sup>3</sup>, e que a "revolução de Heisenberg" data de 1925, quando foi descoberta a mecânica quântica, cujas Equações de Incerteza levaram a Física Teórica à descoberta da dialética complexa e relativista (*Revista Dialectique*, 1947) <sup>4</sup>.

Neste sentido, tomamos como nossa principal referência a obra *Héritage de ce Temps* (Erbschaft dieser Zeit, Zürich, 1935), que é uma coletânea de artigos e

---

<sup>1</sup> Ernst (Simon) Bloch: Ludwighshafen, 1885-Tubinga, 1977. Exílio estadunidense (1938-1949) onde elaborou sua monumental obra "*O Princípio Esperança*" (publicada entre 1954 e 1959).

<sup>2</sup> Historiadores renomados observaram que o posicionamento de Ernst Bloch nos debates com Georges Lukacs, por exemplo, acentuavam a subjetividade. Cf. Lowy, Michael: '*Para una Sociología de los Intelectuales Revolucionarios: La evolución política de Lukacs-1909/1929*', tradução Ma. Dolores Pena, México, Siglo Veintiuno editores, 1978, 309pp. (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1976).

<sup>3</sup> Bachelard, Gaston: "*La Dialectique de la Durée*", Paris, Press Universitaire de France - PUF, 1972, 151 pp., 1ª edição 1936.

<sup>4</sup> Ver Gurvitch, Georges (1894-1965): "*Dialectique et Sociologie*", Flammarion, Paris 1962, 312 pp., Col. Science.



---

ensaios que incluem escritos publicados no final dos anos vinte e comentários sobre o relativismo científico (Bérgson, Einstein).

Certamente, visamos pôr em relevo a vertente sociológica weberiana a que se liga e se contrapõe Ernst Bloch e centramos nossa leitura nas análises dialéticas em múltiplos níveis enfocando a crise então verificada na Alemanha.

Assinalamos notadamente que, ao pesquisar o psiquismo coletivo dos "de baixo", Ernst Bloch chega à descoberta de uma orientação fenomenológica indispensável à crítica do processus de formação do mundo moderno, aportando novos conhecimentos sobre a problemática dos modos de produção pré-capitalistas, com esclarecimentos indispensáveis que, todavia, restam pouco explorados <sup>5</sup> na pesquisa histórica.

Em modo mais amplo, as observações de leitura reunidas neste nosso trabalho contribuem para a reflexão do sociólogo sobre as linhas de pesquisa dialética alternativa ao legado de Max Weber, de que a obra de Ernst Bloch constitui inesgotável manancial <sup>6</sup>.

Daí os capítulos elaborados sobre a leitura de "Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución" <sup>7</sup>, que é um ensaio sobre a importância das insurgências camponesas e da cultura do gótico tardio para a compreensão das superestruturas do capitalismo em modernização. Sendo nesse ensaio de 1921 que Ernst Bloch põe em obra a análise dialética orientada para a *totalidade múltipla*.

Finalmente, cabe acrescentar que alguns textos nesta coletânea são inéditos, outros contam versões anteriores publicadas junto ao OpenFSM <sup>8</sup>, que ora foram corrigidas e aperfeiçoadas. Eventualmente, ocorreram algumas repetições <sup>9</sup>.

\*\*\*

Maio de 2009

Jacob (J.) Lumier



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумieraуtor.pro.br>

---

<sup>5</sup> Por ter acordado regressar para a Alemanha Comunista em 1948, Ernst Bloch sofreu o esquecimento. Primeiro, em virtude de sua oposição, que o levou desde 1957 ao afastamento da vida acadêmica, tendo sido excluído da RDA em 1961. Segundo, o fato de haver regressado dos EUA e, ao contrário dos grandes intelectuais igualmente exilados, ter aceito integrar-se na RDA, também lhe valeu um esquecimento no pensamento europeu, já que só em 1976 teve sua grande obra reconhecida e publicada em Paris.

<sup>6</sup> Ao utilizarmos as edições francesas e espanholas das obras de Ernst Bloch estamos secundados por Walter Benjamin, que verteu Baudelaire ao alemão por reconhecer a legitimidade das pesquisas sobre textos em versões traduzidas.

<sup>7</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución ("Thomas Münzer als Theologe der Revolution", München 1921) Editorial Ciencia Nueva, Madrid, 1968.

<sup>8</sup> OpenFSM is a platform for social activism provided by the World Social Forum. Cf. A Home Page "Reflexão e Crítica".

<sup>9</sup> A primeira versão deste trabalho encontra-se difundida na Web da OEI, sob o título *Crítica da Cultura e Comunicação Social*.



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумieraуtor.pro.br>

*O Tradicional na Modernização:*

---

*Leituras sobre Ernst Bloch*



## SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO</i>	4
<i>A CRÍTICA DA CULTURA E O MUNDO DA COMUNICAÇÃO</i>	8
<i>A Crítica Social</i>	10
<i>Romantismo e Cultura Obscura</i>	12
<i>A indústria cultural</i>	13
<i>Cultura Obscura e Expressionismo</i>	15
<i>O Romantismo na Modernização</i>	17
<i>A Análise Dialética do Tradicional</i>	19
<i>CRONOLOGIA RESUMIDA</i>	23
<i>A ARTE DA MONTAGE E A MODERNIZAÇÃO</i>	25
<i>Crítica da Cultura e Surrealismo</i>	25
<i>Comentários sobre Joyce e o surrealismo.</i>	30
<i>MILENARISMO E INSURGÊNCIA</i>	44
<i>A Fenomenologia Concreta de Ernst Bloch</i>	46
<i>O Princípio Omnia Ubique</i>	56
<i>A Psicologia fenomenológica do tradicional na cultura</i>	63
▶ <i>A análise do problema do legado do passado dentro do processus histórico.</i>	67

---



---

▶O realismo Estético, a análise das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI e o elemento postulativo histórico-filosófico em obra: descobrindo o gótico tardio no milenarismo.	70
A ambiência tradicional legada na desagregação do Sacro Império Romano-Germânico	78
Marcha do Gótico Tardio, Renascença, História das Heresias	82
MILENARISMO, COMUNISMO E UTOPIA:	87
Dupla Maneira de Viver	90
Do Século XI Ao Século XV: A Queda Do Tomismo E A Construção Da Marcha Do Gótico Tardio.	110
▶O Lugar da Percepção da Realidade.	114
O Estudo Dos Níveis De Percepção Da Cristandade Na Perspectiva Dos Predicadores Andarilhos No Gótico Tardio.	115
O Psiquismo Coletivo Visionário Como Referência No Estudo Da Crença Milenarista Na Ambiência Do Gótico Tardio	116
O Enorme Fortalecimento Da Interioridade Do Homem E O Estrépito Milenarista.	122
▶O Homem Abismático	123
▶Comunismo, humanismo, antifeudalismo: o estrépito milenarista	127
Perfil do Autor Jacob (J.) Lumier	130





---

## *A CRÍTICA DA CULTURA E O MUNDO DA COMUNICAÇÃO*<sup>10</sup>

---

### **Preliminares**

Para refletir sobre contracultura, anticapitalismo e crítica da cultura deve-se observar o seguinte:

- Que se trata de três aspectos da realidade social-histórica descoberta detrás do salto tecnológico da cibernética, cuja referência principal é a extensão dos Direitos Cíveis e Políticos nos EUA, na sequência da *March for Jobs and Freedom* ocorrida no início dos anos sessenta.
- Que o salto tecnológico da cibernética fez acentuar a liberdade de expressão, com os meios de comunicação de massa desempenhando um papel essencial para repercutir e projetar em ampla escala as manifestações de comportamento, os fatos políticos e as condutas efervescentes ligadas às aspirações coletivas, de tal sorte que os eventos dos anos sessenta revelam a função de comunicação social prevalecendo sobre as ideologias, tornadas estas mensagens de mídia, incluindo o anticapitalismo ou antiimperialismo.

---

<sup>10</sup> Artigo anteriormente publicado junto ao OpenFSM, em Dezembro de 2008.



■ A Crítica da Cultura é liberdade de expressão, suscita ou convoca a consciência da irracionalidade da civilização técnica notada a partir da inelutável especialização<sup>11</sup> favorecendo a revalorização dos direitos sociais e as aberturas ideológicas, inclusive nas mídias – ou, como diriam *les utopistes concrets*<sup>12</sup>: aberturas geográfica, religiosa, étnica, social.

■ Portanto, liberdade de expressão no sentido mais efetivo de liberdade intelectual – para lembrar o conceito desdogmatizador de Spinoza – que se exerce com anterioridade histórica em relação às mídias e não em dependência destas.

■ Quer dizer, orientada para o efetivismo como o elemento das liberdades, como o caráter humano das liberdades, a Crítica da Cultura põe em questão o irrealismo como a perda do contato da realidade social sob todas as suas formas, e se exerce igualmente como crítica do (des-) conhecimento político (carência de realismo no conhecimento político em sua combinação de partidarismo e realismo<sup>13</sup>).

■ O quadro de referência para compreender a Crítica da Cultura é a democracia Ocidental notadamente o movimento em liberdade de expressão configurando a revolução social que consagrou a extensão dos direitos civis e políticos nos EUA.

■ Como se sabe a “*Marcha sobre Washington para a criação de emprego e liberdade*” foi um grande comício político que teve lugar em Washington, DC, em 28 de agosto de 1963. Martin Luther King, Jr. aí pronunciou seu histórico “*I Have a Dream*”: discurso de promoção da harmonia racial proclamada no Lincoln Memorial durante a marcha. Cerca de 250.000 pessoas participaram na marcha, se estima que 200.000 fossem afro-americanos e 50.000 eram brancos.

■ Essa marcha que constitui o acontecimento de mais alta significação para a história da segunda metade do século XX reanimando por todo o mundo as condutas efervescentes ligadas às aspirações coletivas democráticas foi organizada pelos movimentos pró-direitos civis e sociais e organizações religiosas. Depois da marcha, a Lei de Direitos Civis (1964) e a Lei dos Direitos de Votação Nacional (1965) foram aprovadas.

■ Como se não bastasse, deve-se notar que o festival de Woodstock sucedido em Agosto de 1969 chegou não só em meio ao drama “*Vietnam*”, mas se inscreve notadamente no âmbito dessa revolução social no país com a extensão dos direitos civis.

■ *The Woodstock Music and Art Fair* foi o maior *happening* da contracultura valendo como recordatório da juventude e do excesso de hedonismo dos anos sessenta. Sua significação política está em ter constituído o contrapeso social mais decisivo para apaziguar a discórdia racial nos Estados Unidos (na seqüência de Woodstock os grupos de autodefesa se desmobilizaram). Muitos dos maiores artistas dos anos sessenta estavam no Festival onde cerca de 500.000 “hippies” se reuniram para celebrar sob o lema de “três dias de paz y música”.

■ Por sua vez, cabe lembrar que a noção de revolução social como redução da exclusão e extensão dos direitos civis e políticos tem raízes na evolução das cidades-livres e seus Conselhos com a diferenciação do eleitor moderno. A evolução das cidades livres desde o século XIV caracterizou uma

<sup>11</sup> Ver nossa observação sobre “O Tema do Impacto da Cibernética na Sociedade: da especialização e do automatismo ao animal abstrato” [http://docs.google.com/View?docid=ddm5qvxx\\_41f764f2](http://docs.google.com/View?docid=ddm5qvxx_41f764f2).

<sup>12</sup> <http://lesogres.org/>

<sup>13</sup> Ver nosso artigo “A Ficção nas Eleições” link:

[http://docs.google.com/View?docid=ddm5qvxx\\_22hr822v&pli=1](http://docs.google.com/View?docid=ddm5qvxx_22hr822v&pli=1)



verdadeira revolução municipal, que deu nascimento aos governos provisórios. Tais centros da indústria e do comércio são ao mesmo tempo (a) - os centros da inspiração intelectual e da ressurreição do direito romano; (b) - as sedes de onde parte o conhecimento perceptivo do mundo exterior e de onde partirá, finalmente, o movimento da Renascença.

■ A Federação das cidades liberadas e suas hierarquias de grupos, como as hierarquias dos mestres de ofícios, as das intendências, as das associações de companheiros e aprendizes, as das sociedades comerciais representa um vasto movimento de liberação das "comunas" urbanas com seus conselhos municipais, onde estão representadas as sociedades comerciais e as corporações de ofícios (para Saint-Simon, este movimento marca o começo da era industrial, com a superação progressiva dos "ociosos" pelos "produtivos")<sup>14</sup>.

---

### *A Crítica Social*

► Em sentido estrito, a Crítica da Cultura relaciona a Modernização, a literatura e arte de avant-garde – contemplando notadamente expressionismo e surrealismo –, o romance e o individualismo.

Como se sabe, o interesse sociológico na literatura do século XX aprofunda no individualismo para focar-se na própria *individuation burguesa*, na possibilidade mesma do que constitui ou diferencia um indivíduo de outro indivíduo em contexto de alienação. Daí o *domínio conexo entre a estética sociológica e as teorias metapsicológicas*, já que à objetivação do humano nas estruturas corresponde o surgimento da subjetividade, a aspiração aos valores que resta em estado de aspiração, uma cultura que não se individualiza.

Daí igualmente a *simples* subjetividade como pensamento letargado, perplexo, chegando à ataraxia, a qual não deve ser confundida às alienações mentais subjetivas, esquizofrenias ou delírios patogênicos em face da realidade e freqüentemente provocados no envolvimento do indivíduo em alternativas inconciliáveis para o sentimento de felicidade.

Com efeito, *em sociologia a busca da individuação na composição literária de avant-garde deve levar em conta a coisificação não somente como condição da ruptura libertadora, condição negativa, mas como a forma positiva que torna objetivo o trauma subjetivo, como o caráter de mercadoria assumido pela relação entre os homens*. O modelo da tradição do romance que vem do século XVIII, desde o Iluminismo, tendo por objeto o conflito entre o homem vivo e

---

<sup>14</sup> Ver: [http://es.wikipedia.org/wiki/Henri\\_de\\_Saint-Simon](http://es.wikipedia.org/wiki/Henri_de_Saint-Simon)  
[http://classiques.uqac.ca/classiques/saint\\_simon\\_claude\\_henri/physiologie\\_sociale/physiologie\\_sociale.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/saint_simon_claude_henri/physiologie_sociale/physiologie_sociale.html)



as petrificadas relações sociais, é uma referência limitada ao nível ideológico e, falta de *crítica social*, não atende à exigência de *justiça poética*, não evita colocar os personagens em injustiça pelo não reconhecimento ou pela descaracterização do *perfil neurótico* desempenhado.

T.W. Adorno acentua a **crítica social** não só como ponto de vista aproximadamente freudiano sobre a busca da individuação (objetivação do trauma subjetivo), porém *equipara a crítica social ao conhecimento de que a promessa humanista da civilização afirma o humano como incluindo em si juntamente com a contradição da coisificação também a coisificação mesma.*

Nesse caráter de mercadoria assumido pela relação entre os homens, uma relação que se esqueceu de si mesma – *forma positiva que torna objetivo o trauma subjetivo* – a busca da individuação passa pela forma reflexa afirmando a *falsa consciência* que o homem tem de si mesmo e que é decorrente dos seus fundamentos econômicos. *Essa falsa consciência configura por sua vez o homem coisificado não somente como uma realidade crítico-teórica, mas dá-lhe expressão como um homem obnubilado diante de si mesmo.*

Dáí, finalmente, desse *estado patético* procede a figura recorrente na literatura de *avant-garde* do *personagem neurótico* como afirmação da individuação buscada no contexto da Standardização e da indústria cultural, o personagem com alcance crítico e por isso com valor artístico positivo.

De fato, se a *justiça poética* é uma noção reflexiva aplicável à *utopia negativa* como tema configurando o campo da arte e literatura de *avant-garde* e se tal noção vale para designar o modo pelo qual o autor, como artista, deve observar e aplicar a forma de objetivação na composição dos personagens, sua figuração da ataraxia (ou até mesmo da ancilose, como em “*A Metamorfose*”, de Kafka), isto é, sua assimilação ou seu distanciamento para com a crítica social<sup>15</sup>, então temos que a atitude efetiva assumida em face desse modo composicional ou dessa crítica social leva a distinguir um momento positivo e um momento negativo interpenetrados na utopia negativa. É o que T.W. Adorno nos sugere e suas análises esclarecem.

Portanto, não é só como ponto de vista aproximadamente freudiano sobre a busca da individuação (objetivação do trauma subjetivo) que se compreende a *crítica social*. Há igualmente como vimos o conhecimento de que a promessa humanista da civilização afirma o humano como incluindo em si juntamente com a contradição da coisificação também a coisificação mesma.

---

<sup>15</sup> Para o humano vivente neste mundo histórico a atitude estóica (ascética) é inacessível fora da crítica social. A ataraxia não é preferência por um modo de vida alternativo, mas é uma descoberta.



### *Romantismo e Cultura Obscura*

► Nesta linha iremos encontrar a crítica da cultura pela análise do tradicional na modernização desenvolvida por Ernst Bloch nas antípodas de Max Weber. Orientação esta fundada na história do Gótico Tardio na Alemanha e na experiência das revoluções camponesas dos séculos XV e XVI como vinculada à história das heresias cristãs.

À luz desta orientação crítica se coloca em questão igualmente o chamado estilo *gothic*, considerado não somente como gosto do obscuro, mas como paixão das trevas, que teria nascido de uma visão fantasmagórica da Idade Média atribuída aos românticos.

Com efeito. Quando se busca uma definição para o que seria *gothic* ou *dark* nos dias de hoje, no mundo da indústria cultural, além da referência às manifestações comportamentais e indumentárias de feição tida por não-conformista ou “*tribo urbana*”, que recebeu essa denominação, admite-se freqüentemente em maneira confusa o seguinte: (a) - ser *gothic ou dark* relaciona-se mais a uma opção estética do que qualquer outra coisa; (b) – este sentido estético particular apresenta características definidas principalmente no que se refere às temáticas abordadas, mas não constituiria em si nenhuma escola artística específica, absorvendo influências diversas, unindo em um mesmo caldeirão influências românticas, surrealistas, expressionistas *y muchas otras más*.

Os simpatizantes do chamado “movimento gothic”, que fez a fama de certos grupos do Rock’n’roll, vendo no romantismo do século XIX uma espécie de “reabilitação” da Idade Média e do seu imaginário misterioso, nos dirão que os românticos são os responsáveis pelo surgimento da “gothic novel” ou “romam noir”, normalmente ambientados em castelos sombrios e ambientes tenebrosos.

Paralelamente ao embelezamento do passado no cultivado mistério da História, o romantismo literário do século XVIII-XIX teria um “lado escuro” levando ao pessimismo, à loucura, aos sonhos, sombras, decomposição, queda, atração pelo abismo (trevas) e morte, bem como à urgência pela vida. Para os simpatizantes do *gothic*, no “*dark side*” do romantismo se encontrariam como vimos praticamente todos os elementos estéticos que tanto deliciam os góticos até os dias de hoje... Além da sua origem através da *gothic novel*.

Sem dúvida, essa abordagem do *gothic* como *paixão das trevas*, sendo cogitada pelo aspecto da filosofia da arte suscita um tema crítico, a saber: será legítimo falar de estética no lado escuro do romantismo tendo em conta que toda a arte afirma um horizonte, afirma a criação enlaçada à aspiração?



---

O gosto das "trevas pelas trevas", a atração pelo abissal não será nihilismo? Não será uma apologia do *Nihil ex-nihilo*, uma filosofia do *nada que se tira do nada*, portanto negação absoluta da criação tornada *non-sense* absoluto? Dizer que o *gothic* como atração das trevas constituiria uma opção estética não será paradoxal? Mesmo que procedente do romantismo à Novalis?

Ultrapassando a noção simples de *cultura obscura*, reservada para designar unicamente as ambiências com pouca luz e muitas sombras, alguns idealizadores do gothic nos dirão ainda que "a celebração da noite escura" como passando a ser o lugar privilegiado da evocação dionisiaca<sup>16</sup> se faz no romantismo literário, tomando-se como exemplo a obra de Novalis (*Hinos à Noite*).

Por essa mistificação do noturno, conduzindo a uma transposição nihilista do dionisiaco, acredita-se que na "urgência pela vida" do romantismo haveria o resgate de fantasiosos e irrisórios "valores noturnos" levando ao pessimismo, à loucura, aos sonhos, às sombras, à decomposição, à queda, à atração pelo abismo (trevas) e morte.

Para os simpatizantes do *gothic*, portanto, no "*dark side*" do romantismo se encontrariam praticamente todos os elementos estéticos que dão motivo e estilo aos apreciadores dessa figuração da tradição gótica.

---

### *A indústria cultural*

► Neste e-book haverá oportunidade para inferir sobre o artificialismo de uma abordagem artística sobre o gothic como *cultura obscura* identificada à paixão das trevas.

Como se sabe depois das análises de Theodor W. Adorno, no século XX toda a abordagem artística só é válida se compreende que a arte assume sua liberdade distanciando-se das classes desfavorecidas: essa negatividade da cultura faz parte de sua verdade.

---

<sup>16</sup> Em seu livro sobre a arte na Grécia clássica, intitulado "O Nascimento da Tragédia", contrastando-o com Apolo, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche considerou Dionísio como símbolo da força vital básica e incontrolada (criação) em face do mundo da Razão, ordem e beleza representado por Apolo. O contraste entre os papéis destas duas divindades do Olimpo deu lugar aos adjetivos apolíneo e dionisiaco.



Mediante o primado do divertimento, a indústria cultural no século vinte abusa das precauções em relação às massas fornecendo-lhes as distrações procuradas por quem em seus lazeres busca escapar às rotinas do trabalho automatizado.

Todavia, a indústria cultural não lhe oferece para isto senão os produtos que são a cópia do seu trabalho, já que produzidos segundo os mesmos procedimentos automatizados de toda a produção industrial: a mesma divisão do trabalho, a mesma standardização.

► Deste ponto de vista, o chamado *gothic* é cultura de massa, é "tribo urbana", é fenômeno *comportamental* ou maneira de consumir e não opção estética, a não ser que se prolongue artificialmente para além do campo da filosofia da arte a noção do estético, para aí incluir o comportamental, as indumentárias, os *estereótipos de consumo*, e desse modo venham a falar de um sentido estético (industrial) para valorizar certos hábitos que não passam de meras preferências inculcadas pelo empreendedorismo e a indústria cultural.

Sem dúvida, estender a mesma concepção de arte e estética que se aplica para situar o romantismo literário do século XVIII-XIX, visando nessa ampliação incluir o comportamental e as indumentárias do mundo *standardizado* da comunicação, será pelo menos um posicionamento muito problemático.

Tanto mais repellido quanto limitados a opções ou preferências previamente estabelecidas e padronizadas, como o são os estereótipos de contestação social, sobretudo as veleidades produzidas ou induzidas pela indústria cultural sobre os consumidores.

Em suma: no habitual de certas veleidades aceitas como contestação social e identificadas aos comportamentos ou "estilos" de certos grupos de admiradores e consumidores da chamada *cultura obscura*, tida supostamente por dotada de apelo estético-filosófico, mentalizou-se certa satisfação particular, afirmada no e pelo gosto nostálgico das ambiências sombrias e imagens fúnebres tiradas do romantismo conservador, sobretudo no cinema e no *Rock and Roll*: tal o perfil dos chamados *gothics*.

Certamente, tal questão é mais do que mero reflexo das correntes atuais na cultura de massa que, em estilo semelhante ao devocionismo, cultivam o *gosto do obscuro*. O *Dark* é maneira de revalorizar menções alusivas às misteriosas *potências das trevas*, muito à feição das lendárias bandas do *Heavy Metal* que impulsionaram a busca da vertigem e o *headbanger*, inclusive o chamado *Gothic* como tendência cultora da elegante *arte cemiterial*<sup>17</sup>.

Embora se imagine como corrente de índole artístico-industrial com impacto produtivo nas mídias, a *cultura obscura* encontrou-se reforçada na esteira de filmes fantásticos como *Star Wars*. Para isso contribuíram as imagens da adoração iconoclasta de certos efeitos mentais para-normais ali projetados e as menções alusivas a uma entidade do *escuro* espaço sideral dita a *Força*.

Absolutamente fictícias (dentro da própria ficção), a emanar da inverossímil simbiose com seres incorpóreos viventes, tais concepções difundidas em *Star Wars* são absolutamente impróprias para aludir a qualquer totemismo artístico.

---

<sup>17</sup> Ver a bela *Página da Beatrix* < <http://www.beatrix.pro.br/> > pesquisada nos inícios de Outubro/06.



Aliás, não há horizonte etnológico nessa arte de superstições cabalistas e truques tecnológicos de George Lucas. A tal *Força* ubíqua sem *mito* nem *alienação* é exaltada por um gnomo (*Dragonlance*) alienígena, o poderoso Mestre Yoda que não passa de um *Gremlin* civilizado.

Tal é a fantasia antiexperimental que se revelou tão atrativa aos admiradores do *déjà vu* elaborado à maneira equivocada da utopia negativa em Aldous Huxley (*Brave New World*, 1932): um futurismo de aparência inconformista perpetuado no filme fantástico por contraste com as antecipações futuristas de *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*), onde o futurismo é mais a expressão de um futuro virtual do que a imagem do sistema cristalizado de poder e violência que se vê em *Star Wars*.

Portanto, não há maneira de repelir a questão sobre a ambiência obscura do chamado filme fantástico sem menosprezar o caráter contestatório da supersticiosa fantasia *Dark* com forte apelo aos sentimentos indefinidos de um público juvenil em renovada rebeldia ante a prosaica vida futura de incertezas constantes. Devemos então discuti-la.

---

### *Cultura Obscura e Expressionismo*

► Com efeito, abrindo-se ao público da cultura obscura podemos ler certa interpretação da história da arte no cinema cuja intenção é voltada para aproximar do *Dark* os filmes do expressionismo.

Nessa aproximação tudo se passa como se a obscuridade da ambiência fosse o componente diferencial da histórica arte das montagens, máscaras, deformações. Por exemplo, há quem sustente na Internet sob a categoria “o expressionismo e o fantástico” a inclusão na galeria expressionista de certos filmes que lhe são bem posteriores tomando como critério simplesmente a menção alusiva a uma “potência das trevas”, numa tentativa de nos passar a sugestão de que esta imagem seria predominante no *Nosferatu*, de Murnau, ou nela se concentrasse todo o alcance contestatório desta notável obra dos anos de 1920\*.

Os equívocos são nítidos e se sucedem uns aos outros desde a concepção errônea de que <*l'expressionnisme allemand invoque une obscure vie marécageuse où plongent toutes choses, soit déchiquetées par les ombres, soit enfoui dans les brumes. La vie non-organique des choses, une vie terrible qui ignore la sagesse et les bornes de l'organisme tel est le premier principe de l'expressionnisme, valable pour la nature entière, c'est à dire pour l'esprit inconscient perdu dans les ténèbres, lumière devenue opaque.*>

Nessa falsa interpretação que, desprezando o paradigma dos artistas plásticos do expressionismo confunde essa arte com o chamado “film noir”, favorecendo, sobre-



tudo o chamado "filme fantástico", prenda dos seus afetos, termina-se por colocar no mesmo saco os filmes sobre Frankenstein e os de Alfred Hitchcock ou de John Ford.

Devemos, pois nos acautelar contra tais páginas que semeiam a confusão. Não há em absoluto menção alusiva alguma a "potências das trevas" no expressionismo, seu caráter contestatório tem horizonte na existência e pode inspirar o ideal político. Certamente a relação com a realidade a pintar não é inocente. A realidade será apreendida em uma perspectiva exclusivamente antropomórfica consistindo em dar um sentido humano mesmo ao inanimado.

Raramente os expressionistas pintam a paisagem em si, mas escolhem frequentemente a figura humana ela mesma, lapidada pela exigência do sentido. Em vez da paisagem simplesmente, nas obras expressionistas nos defrontamos a uma realidade produzida pelo homem: a realidade a pintar traz objetividade humana são os ambientes interiores, os jardins, pontes, cidade, porto, culturas...

É certo que no expressionismo não há louvação do motivo à maneira dos realistas. O espaço e os meios pictóricos são submetidos à significação que revela em maneira crua a inanidade <*d'une condition dite encore "humaine" par commodité, mais déjà objectivée, mangée par les produits de l'activité industrielle. C'est l'émergence picturale et esthétique d'un intolérable malaise, réclamant partout et à tout prix de l'humanité et ne trouvant quasiment que du fabriqué, un réel manufacturé qui porte encore le signe de l'homme sans plus être l'humain en soi*>3.

No expressionismo a realidade não é para ser reconhecida simplesmente, mas passa para-além do nível representacional. É uma colocação em ordem deliberadamente significante e não reprodução no idêntico do visível. Trata-se para os artistas expressionistas de produzir um sentido humano subjetivo que seja um sobressalto de raiva, de desespero ou mesmo de esperança contra a desumanidade do ambiente objetivo.



Daí O GRITO (Skrik), de Edvard Munch, ser considerado um símbolo existencial do homem moderno e farol do expressionismo em pintura. Representa uma pessoa caminhando sobre uma ponte, com as mãos pressionando as orelhas, os olhos vazios e a boca grande aberta em um grito aparentemente inaudível.

E não há modo de confundir a menção alusiva a *trevas* dos filmes fantásticos com a figura literária e filosófica do *subterrâneo* notada nos filmes do expressionismo.

Sem perder de vista que a literatura de vanguarda é alimentada na contracultura pelo *Homem do Subsolo*, de Dostoyevski, sabe-se que, desde a *Alegoria da Caverna* na filosofia de Platão, o escuro significa um mundo de sombras, de lusco-fusco, de imagens imprecisas (*ídolos*) onde o homem se encontra encadeado, constringido a olhar só para a parede na sua frente, ficando com a mente embotada, preocupando-se apenas com as coisas mesquinhas do seu dia-a-dia, dominado pelas sensações e pelos sentidos mais primários, enfim, o homem em situação de desconhecimento e ignorância (*agnosis*) por oposição ao homem habitando a claridade, podendo investigar e inquirir tudo ao seu redor e alcançando a ciência (*gnose*), o conhecimento (*episteme*) e as formas perfeitas. Trata-se de uma alegoria introduzida no *Diálogo* platônico por Sócrates a fim de fazer compreender a seus interlocutores a natureza da idéia do Bem.



Para compreender a figura das ambiências sombrias, portanto, devemos situá-las do ponto de vista da filosofia. Quer dizer, devemos ter em conta que, na época de Platão, como *lugar* de onde se joga a transparência, a caverna tem alcance de contestação, servindo ao filósofo para elaborar uma imagem crítica da sua *cidade* então decadente, cuja ordem moral havia sido pervertida ao desprezar a filosofia mediante a condenação de Sócrates e a perseguição a Pitágoras.

Portanto, não há *trevas* e a figura subterrânea da caverna vale para contrabalançar o mundo ilusório no qual viviam os cidadãos. Aliás, no filme recente considerado expressionista "*Batman: Returns*", de Tim Burton (Warner Bros, 1992) não será outro o estatuto dessa figura subterrânea da caverna: a *batcaverna* está em oposição a uma *Gotham City* dominada pelo caos e mostra o lugar *underground* e igualmente caótico em suas duplicidades de onde a alternativa/alteridade pode ser alcançada.

Quanto a *Nosferatu*, de Murnau, realizado em 1921, é considerado a pedra de toque do expressionismo alemão. Tornou-se mais lembrado depois do filme homônimo de Werner Herzog em 1979, com Klaus Kinski no papel principal, com o qual, porém, não deve ser comparado.

A utilização de lugares reais e *décors* estilizados fazem dele um clássico da idade de ouro do cinema, com o subtítulo *Sinfonia do Horror*, tendo seu vampiresco conde *Orlock* de olhar rodeado por um círculo de fuligem a exprimir a mais intensa solidão e um desespero febril, aparentando sair diretamente de uma tela de Edvard Munch.

*Nosferatu* foi considerado um filme marcado de romantismo (a idéia de uma passagem para o outro lado do espelho) que nasceu de uma ambiência de crise dos valores do individualismo, cercada de todas as incertezas morais, políticas e econômicas de uma modernização industrial acelerada na Alemanha dos anos vinte.

Como se vê, sendo um símbolo existencial, o cinema expressionista fugia de toda a representação realista sem rejeitar, todavia a figuração e a narração. Comprazia-se na exasperação das formas e dos contrastes, na desrealização dos *décors* e dos personagens, para assentar um *mundo de artifícios no limite da abstração*.

---

### *O Romantismo na Modernização*

O *Moyen âge* do romantismo se integra na contradição não-contemporânea.



► Nada obstante, resta que, por não acolher uma estética, o romantismo acrescenta algo de sonho que a filosofia da arte compreende na função utópica à medida que trata de estabelecer em nível das superestruturas a eficácia diferenciada dos sonhos passados, como atividade onírica in-dormida, para além do freudismo.

Com efeito, como se verá neste ensaio, no realismo estético de Ernst Bloch a função utópica é enfocada como o conteúdo que em estado de princípio cada um pode encontrar em os diferentes Nós que apreende e que por este mesmo estado de princípio, por aspiração, a arte pode pôr no horizonte que lhe é essencial.

Em sua obra de 1954 “**Le Príncipe Espérance**”<sup>18</sup>, a função utópica é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à autoconservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do **desejo de ser mais bem aquinhoado**, o qual resta em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial. Haverá, pois que distinguir dentre as imagens simbólicas ideais em que a sociologia estuda a moralidade ideológica aquelas outras que, ultrapassando-as, devem ser compreendidas, sobretudo como imagens-aspiração.

Vale dizer, se incluem nestas imagens-aspiração as imagens formadas de sonhos passados, as imagens diferenciadamente formadas pelo elemento onírico da arte que integram o ideal estético realista ou entelequial, sendo exatamente os sonhos passados que servem de critério da **não-contemporaneidade**.

Acresce que as formas passadas ou pré-capitalistas jamais tornaram em fatos realizados os conteúdos visados do **solar**, do **solo**, dos **de-baixo**, de sorte que esses focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.

Além disso, notando que estas intenções insatisfeitas passam ao longo da história por contradições veladas, Ernst Bloch as examinará desde a colocação em perspectiva filosófica, para além da psicologia representacional, tratando-as como *conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura*, o que o levará a definir o campo estético em eficácia como o *concretamente utópico*.

O exame das intenções insatisfeitas colocadas em perspectiva filosófica como conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura torna possível penetrar na psicologia fenomenológica do tradicional na modernização.

A partir dessa orientação dialética em profundidade torna-se possível, portanto penetrar na psicologia fenomenológica do tradicional. A análise crítica histórica descobrirá então o seguinte: (a) – foram extintos os deveres, os ramos da cultura e estado mental da *antiga pequena burguesia*; (b) – oculto sob essa extinção, o *pequeno homem* se ressentido da falta de alguma coisa habitual, psíquica, móbil, e (c) – este algo habitual em falta não é uma coisa somente econômica, mas é uma carência profunda que no seu ser ele opõe ao tempo do capitalismo.

---

<sup>18</sup> Bloch, Ernst: *Das Prinzip Hoffnung*, 3 vol., Berlin 1954/1955/1959. Tradução francesa *Le Principe espérance*, vol. 1, Paris, Gallimard, "Bibliothèque de philosophie", 1976.



Entrementes, a análise passa a um grau maior de complexidade ante a constatação de uma coincidência na afirmação deste opor ou contrapor no ser do *pequeno homem* ao tempo mesmo do capitalismo.

Ou seja, o opor dessa ausência ressentida é afirmada desde o âmbito interior do sujeito em feição apática e morna, enquanto no âmbito da vida exterior é afirmada junto com os vestígios estranhos inseridos no tempo presente do capitalismo, é afirmada coincidentemente com os vestígios dos tempos antigos pré-capitalistas que restaram.

Daí, dessa coincidência complexa, decorrem certas características da psicologia fenomenológica do tradicional, como *psicologia em ausência de móbil*, que configuram as características essenciais do campo estético.

Trata-se, portanto, do estado existencial desprovido de significações prévias a que Ernst Bloch refere a "*realidade aberta da cultura*" em sua efetividade.

A potência dessa *psicologia coletiva em ausência de móbil* deve ser interpretada a partir dos rastros e das lacunas de *certa expressão romântica* notada em certas formas literárias<sup>19</sup>. Deve ser interpretada tomando por base a constatação de que a *pequena burguesia tradicional embeleza no presente do capitalismo o passado cultural*: ela opõe a tal presente suas antigas aspirações não realizadas misturadas ao melhor relativo do passado. Esse embelezar estético do passado tem um componente trágico que, todavia, é *concretamente utópico*.

Componente este que não é limitado ao fato de que o melhor relativo embelezado são os aspectos das *formas pré-capitalistas cujos vestígios estão ultrapassados no presente do capitalismo em modernização*.

Por esta via, o componente trágico no embelezar do passado que é também um componente concretamente utópico, põe em relevo o modo do opor do pequeno homem como sendo um modo não-contemporâneo, porque se trata de um opor afirmado em face de um tempo presente no qual até mesmo a última satisfação também desapareceu<sup>20</sup>.

Tal o concretamente utópico que define o campo estético em eficácia diferenciado no âmbito das superestruturas ao século XX para as regiões mais enraizadas no medievo, como a Alemanha.

---

### *A Análise Dialética do Tradicional*

---

<sup>19</sup> Como se sabe, o *artista romântico* é muito interessado pelo Tempo, tem consciência da *importância da recordação na inspiração*, mostrando-se, porém, inclinado a *sensacionalizar pela memória espacializada as evocações do Eu*.

<sup>20</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps* (Erbchaft dieser Zeit, Zürich, 1935), tradução de Jean Lacoste, Paris, Payot, 1978, 390 pp. Ver pág 108.



► Desta forma, enfatizando que o legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último, a reflexão filosófica de Ernst Bloch acentua por contra o elemento positivo que as negatividades reificadas comportam.

Quer dizer, a **matéria** das contradições contemporâneas não é somente a matéria das forças produtivas muito presentes ou desencadeadas com a modernização, mas é também a negatividade extrema de tal situação: é o homem ou o proletário alienado, é o trabalho alienado, é o fetiche da mercadoria, em suma é a inconsistência do nada, do vazio.

Diz-nos que esse elemento positivo se encontra no interior da contradição contemporânea e de sua matéria, no interior das negatividades reificadas e se apresenta sob a forma de *alguma coisa que falta*, se apresenta em fato como a aspiração ao homem completo, ao trabalho não alienado, ao paraíso terrestre.

Há, pois que distinguir na análise do tradicional como positividade outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporânea<sup>21</sup>.

Nesse estudo se distingue de início uma universalidade velada, com a qual a espécie que permanece sempre não-contemporânea é em contato: é o elemento subversivo e utópico do homem, da vida, que não foi satisfeito em época alguma, o qual, no realismo estético de Ernst Bloch, será apreciado como o elemento postulativo propriamente histórico-filosófico.

Em seguida se nota que a positividade da espécie não-contemporânea é também em contato com as positivities que foram evocadas muito cedo contra o capitalismo como formas e elementos de uma matéria antiga. Tratando-se em realidade de conteúdos intencionais, essas positivities precoces serão apreciadas como momentos da contradição não-contemporânea, seguintes: (a) – os elementos positivos da burguesia revolucionária, dentre os quais a natureza arcadiana, simbólico-bucólica, de Rousseau; (b) – os elementos positivos misturados de elementos da Restauração; (c) – os elementos misturados de abdicação da revolução, classificados “*ilusões de um passado não posto em dia*” como o **Moyen Âge do romantismo**, incluindo neste, “*o renascimento de um mundo hierarquizado em feição qualitativa e orgânica a partir dos espaços vazios*”.

\*\*\*

O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, a lenda fabulosa mantida sem solução *do velho ser obscuro da natureza*. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado.

---

<sup>21</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, pp.111.



Nesse aprofundamento do concretamente utópico, os momentos da contradição não-contemporânea já estão suscitados na vida do elemento que não foi satisfeito em época alguma e também já o estão na totalidade com vários níveis de realidade histórica ou de passado.

Quer dizer, essa vida da espécie que permanece sempre não-contemporânea e essa totalidade múltipla com a qual é em contato configuram o marco de onde se tira a matéria autêntica que: (a) – se opõe à alienação e que (b) – inspira, seja favorecendo o lado das forças da nova sociedade ou contemplando outros lados, o que Ernst Bloch classifica “o bravio de tornar in-domesticado” (no sentido da figura do “bom selvagem”, de Montaigne a Diderot; daquele que se esquiva de relacionar-se com os homens e se apraz em viver sozinho e retirado). Mais ainda: o bravio do agarramento ao espaço, o bravio da **natureza dionisíaca** (extasiante, inspiradora, entusiasmante) e arcadiana embrulhadora (ou metamorfoseante).

Em poucas palavras: na história literária da humanidade, as modalidades do bravio em tornar in-domesticado valem nessa filosofia estética histórico-crítica como manifestações da vida da espécie não-contemporânea. Desta forma, se classifica essa vida utópica e essa totalidade múltipla (a) – como espécie humana sob o aspecto da criatura que não foi saciada (inclusive em sua aspiração); (b) – como a advertência profética e o testemunho de esferas (no sentido do conhecimento místico-simbólico) que, acentuando o alcance postulativo da matéria, exigem da própria reflexão filosófico-sociológica, na medida em que é uma reflexão desenvolvendo-se no âmbito do capitalismo, a formulação em termos do problema dessa totalidade com vários níveis de tempos passados.

Note-se que Ernst Bloch ele próprio oferecerá em seu realismo estético uma formulação inicial dessa totalidade com vários níveis de tempos passados. Trata-se de uma formulação que (a) – ultrapassa o cálculo abstrato e reducionista inerente ao capitalismo bem como ultrapassa a orientação em metade racionalista que lhe corresponde também; (b) – desenvolve uma orientação ascética a respeito das exigências da “natureza fabulosa”, tomada esta como não passando de um museu de todos os enigmas sem solução, o que levará nosso autor ao ideal estético realista.

Segundo Ernst Bloch como já o notamos o problema metodológico alcançando o modo de produção capitalista, o problema do legado do passado dentro do processus histórico não pode ser adequadamente apreciado caso a reflexão filosófico-sociológica se limite ao capitalismo como ao presente em seu estágio último. O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, a lenda fabulosa mantida sem solução do *velho ser obscuro da natureza*. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado<sup>22</sup>.

## Conclusão

---

<sup>22</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, pp.112.



---

*Na literatura de avant-garde encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce.*

---

Sem dúvida é através da história das heresias que se desvela *em cor de realidade* o caráter postulativo, ascético do ambiente tradicional mais enraizado no medievo.

Há que mencionar inclusive a relevância na morfologia social da **forma gótica**, sua persistência como significação prática efetiva na vida rural através do feitio dos objetos, móveis e mansões. Entretanto, com a história das heresias, em modo muito mais profundo do que um nível cristalizado e estático que apenas simboliza a fixação do apego místico ao solo e à mansão, a análise do tradicional põe em relevo que se trata da própria configuração dinâmica da ambiência coletiva como um todo, se trata da **marcha do gótico tardio** caracterizando com a cor da realidade todo o complexo cultural insurgente dos séculos XV e XVI.

Observação esta tanto mais relevante quanto se põe em relevo a outra face da Renascença, da qual Ernst Bloch dirá ser não a face mais conhecida das musas, do lirismo e versificação, mas a outra face que é orientada no sentido do milenarismo desde Joaquim Di Fiori nos séculos XI e XII até Eckardt, Thomas Münzer, Paracelso, Jacob Boheme. Será esse gótico tardio em marcha que definirá o quadro de referência como incluindo a efervescência dos setores sociais e a rebeldia das massas, e delimitará o campo de percepção dos temas, sobretudo a Guerra dos Camponeses, o movimento iconoclasta (incluindo o anabatismo e os predicadores ambulantes), o espiritualismo (incluindo o visionarismo astrológico e o milenarismo).

Compreendendo as exaltações visionárias e o milenarismo como crença coletiva real, o gótico tardio (séculos XV e XVI) é o fenômeno cultural da ambiência tradicional mais enraizada no medievo do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade estética da cultura.

Finalmente, para encerrar, note-se que a compreensão do milenarismo em filosofia da arte decorre do ideal estético realista em obra (o evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos) e que esta compreensão por este ideal entelequial<sup>23</sup> será confirmada e será recorrente em várias passagens textuais do estudo por nosso autor sobre o teólogo milenarista Thomaz Munzer, lá onde se trata de sublimação ou sedução.

Ensina-nos Ernst Bloch (a) – que o milenarismo se faz de afeições, sonhos (o onírico *in-dormido*), emoções sérias e puras, entusiasmos projetados para um fim; (b) – que estas manifestações não decaem, mas contribuem para dar cor de realidade a um largo período da história e da vida social; (c) – que tais estados são provenientes de um ponto original criador e determinador de valores que há na alma humana; (d) –

---

<sup>23</sup> Entelequial no sentido de que o ideal estético em obra cria dependências, correlações, estímulos relacionados à sublimação.

---



que tais estados mantêm em todo o tempo como assunto de permanente atualidade a orientação em profundidade do Século XVI, isto é o milenarismo, afirmado tanto na chamada guerra dos camponeses quanto no movimento anabatista como vertentes da marcha do **gótico tardio**, fenômeno cultural do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade da cultura.

Ensina-nos ainda Ernst Bloch que, nesse caso das insurgências camponesas, do movimento iconoclasta e do espiritualismo, ademais dos elementos do desencadeamento e do conteúdo do conflito que são de ordem econômica, há que considerar justamente o elemento essencial originário em si mesmo, a saber: o retorno do mais antigo sonho; o maior espocar para todo o tempo da história das heresias; o êxtasis do caminhar guiado e da impaciente, rebelde e severa **vontade de paraíso** <sup>24</sup>.

\*\*\*

ANEXO

---

*Literatura, Cinema e Arte de avant-garde.*

#### **CRONOLOGIA RESUMIDA**

1905 –

**Die Brücke (A Ponte)** Exposições dos artistas expressionistas de Dresde, Alemanha.

1911 –

**Der Blaue Reiter (O Cavaleiro Azul)** Exposições dos artistas expressionistas de Munique, Alemanha.

1913 –

**Marcel Proust (1871-1922): Du côté de chez Swann (1913 e 1917).**

1915 –

**Franz Kafka (1883-1924): Die Verwandlung (A Metamorfose).**

1918 –

**Marcel Proust: À l'ombre des jeunes filles en fleurs.**

**Ernst Bloch (1885 -1977): Geist der Utopie (Espírito da Utopia)**

1919 –

**Franz Kafka: In der Strafkolonie (A Colônia Penal).**

**Ernst Lubitsch (1892- 1947): Die Puppe (La poupée), filme expressionista.**

**Robert Wiene (1873-1938): Das Kabinett des Doktor Caligari (Le Cabinet du docteur Caligari), filme expressionista.**

1921 –

**Marcel Proust: Le Côté de Guermantes;**

**Ernst Bloch: Thomas Münzer als Theologe der Revolution (Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución).**

1922 –

---

<sup>24</sup> Ver Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit.págs.67, 68.



---

**F.W. Murnau (1888 - 1931): *Nosferatu, eine Symphonie des Grauens***  
(Nosferatu: Sinfonia do Horror) filme expressionista;

**James Joyce (1882 - 1941): *Ulysse*.**

1924 –

**Thomas Mann (1875- 1955): *Der Zauberberg* (A Montanha Mágica).**

1925 –

**Franz Kafka: *Der Prozeß* (O Processo), publicação Póstuma.**

1926 –

**Franz Kafka: *Das Schloß* (O Castelo), publicação Póstuma.**

**Fritz Lang (1890 - 1976): *Metrópolis*, filme expressionista.**

1928 –

**Marcel Proust: *Le temps Retrouvé*, publicação póstuma.**

1935 –

**Ernst Bloch: *Erbschaft dieser Zeit* (Héritage de ce Temps).**

1936 –

**Walter Benjamin (1892-1940): *L'oeuvre d'art à l'époque de sa reproduction mécanisée* (*Écrits français*).**

©2007-2009 by Jacob (J.) Lumier

FIM

Do Artigo A Crítica Da Cultura E  
O Mundo Da Comunicação



*Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:*

*Literatura Digital*

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

*O Tradicional na Modernização:*

*Leituras sobre Ernst Bloch*



---

## *A ARTE DA MONTAGE E A MODERNIZAÇÃO*

---

### Primeira Parte: Crítica da Cultura e Surrealismo

---

Mais do que uma animação psicológica, o valor estético do surrealismo deve ser buscado em relação ao problema da objetividade.

---

► O movimento dos artistas, poetas e escritores surrealistas mantém interesse atual na sociologia da literatura não só por haver introduzido a noção de *arte de avant-garde* nas primeiras décadas de um século XX em acelerada modernização, mas, no âmbito de uma orientação para o resgate da antiga cultura, por sua vinculação com a obra literária de James Joyce, divulgada na Alemanha e aparecida em versão francesa já nos começos dos anos vinte.

Sob a decadência da cultura liberal e do individualismo, essa identificação dos surrealistas com James Joyce pôs em relevo um contexto cultural de redução das significações estabelecidas estimulando a reflexão estético-sociológica de pensadores como

---



---

Theodor W. Adorno<sup>25</sup> e Ernst Bloch, que apreciaram a relação da cultura com o surrealismo desde o prisma da composição dos materiais e da objetividade.

Em contraste com a teoria que acentuava a suposta explicação psicológica desta arte, T.W. Adorno destaca o paradoxo de a obra de arte esperar explicação conceitual para o *esquisito*, para o que nela é estranho e surpreendente. A explicação elimina o que necessitava ser explicado "impondo o contra-senso de enquadrar o *in-sólito* por meio do *sólito* e habitual". Se acontecer de a obra de arte *esperar* a sua explicação é porque ela já favorece o conformismo, mesmo se contrariamente à sua própria intenção.

Deste ponto de vista, nivelar o surrealismo com a teoria psicológica do sonho equivale a submetê-lo à vergonha do que já é oficial e já é aceite: não se devem tratar *as ruínas do mundo* no surrealismo como manifestações do inconsciente. Se assim fosse, símbolos como os de Salvador Dalí nada teriam de escandaloso, mas seriam demasiado racionalistas e não passariam de projeções do complexo de Édipo ou categorias semelhantes. Da mesma maneira, não se pode supor que na arte das "*collages*" e da *escrita automática* são os arquétipos de Karl Jung que teriam encontrado sua linguagem gráfica liberada dos acréscimos do Eu consciente.

Por contra, o valor estético do surrealismo deve ser buscado em relação ao problema da objetividade em arte e T.W. Adorno articula as suas observações em torno de uma frase atribuída ao Hegel de *A Fenomenologia do Espírito* que fala da história como *progresso na consciência da liberdade*<sup>26</sup>.

---

A montagem surrealista faz ver o paradoxo da modernidade: em vez de estar sempre sob a fixação do Sempre Igual da produção em massa, alguém pode ainda ter história.

---

Trata-se de mostrar que o surrealismo é toda outra coisa que não uma animação psicológica e que as imagens desse movimento artístico não são neutralizadas, mas têm impacto exatamente no processus histórico como progresso na consciência da liberdade.

Se a ação ou efeito da *montage* como procedimento artístico do surrealismo serve do que é *antiquado*, o notável nesse efeito é que acentua como sendo o paradoxo típico da modernidade o fato de alguém, em vez de encontrar-se sempre sob a fixação do *Sempre Igual* da produção em massa venha ainda a ter história.

A *montage* procede do que está no centro mesmo dos *shocks* surrealistas debatidos após a catástrofe europeia nos começos de um século XX em acelerada modernização, a saber: *a ruína da cidade*. Além disso, a *montage* pode ser bem observada inclusive na lírica dos poemas surrealistas, no seu descontínuo amontoado estruturado de imagens.

---

<sup>25</sup> Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (Setembro 1903 – Agosto 1969) foi um filósofo alemão, sociólogo, teorizador da música e compositor, muito influente no século XX. Integrou a chamada *Escola de Frankfurt*.

<sup>26</sup> Cf. Adorno, Theodor. W: "*Notas de Literatura*", tradução Manuel Sacristán, Barcelona, Editora Ariel, 1962, 134pp., ver págs. 109 sq.

---



Por sua vez, a crítica da cultura ao valorizar a *collage* observa certa ligação do surrealismo com as ilustrações das revistas do final do século XIX e com o material gráfico, dizendo-nos que a prática propriamente surrealista mesclou estes elementos com outros insólitos de tal sorte que no *shock* surrealista se produziu a sensação do *donde vi eu isto?* Na *collage*, mediante as *explosões/shocks* com as imagens fracionadas compostas de fragmentos de ruínas, a afinidade com a psicanálise sustenta-se não em um simbolismo do inconsciente, mas sim, no intento de descobrir as experiências infantis.

Segundo T.W. Adorno, no plano da indústria cultural, o surrealismo acrescenta aos reprodutores do mundo *coisista* o que os homens do século XX perderam da sua infância, a saber: a experiência daquelas revistas ilustradas do final do século XIX e já então antiquadas. O surrealismo resume-se na obtenção de um efeito capaz de captar o momento subjetivo de todo o conteúdo antiquado, produzindo as percepções tal como deveram ter sido naquele então. Daí a imagem surrealista de um ovo gigantesco como ameaçando deixar saltar da casca o momento de um juízo final, e se o ovo é tão grande é porque o observador humano era muito pequeno na primeira vez que, em criança, viu com calafrio o ovo.

---

No surrealismo, em modo diferente da psicanálise, o sujeito da expressão involuntária é "des-animado", desprovido do elemento anímico, mítico.

---

No conteúdo do surrealismo nota-se o caráter estranhado da subjetividade ali composta a partir do mencionado paradoxo daquele que ainda tem história apesar da fixação do Sempre Igual da produção em massa. Portanto, esse estranhamento configura uma tensão entre esquizofrenia (ou alienação mental subjetiva) e coisificação própria da individuação na era da modernidade, que se descarrega na catarse ou shock surrealista. Vale dizer, para o crítico da cultura o conteúdo no surrealismo é esmiuçado e reagrupado, porém não é dissolvido.

Como sustenta T.W. Adorno, se as formações surrealistas têm analogia com o sonho em psicanálise por desarticularem a lógica habitual e as regras da existência empírica, todavia elas continuam respeitando as coisas isoladas, separadas violentamente umas das outras do mundo *coisificado*, continuam respeitando todos os seus conteúdos e até aproximam o humano à figura *coisista*. No sonho, o mundo *coisista* aparece incomparavelmente mais velado ou menos posto como realidade do que no surrealismo, que é a arte sacudindo a arte.

Quer dizer, no surrealismo o sujeito atua muito mais abertamente e menos inibidamente aplicando suas energias em apagar-se a si mesmo, enquanto no sonho isso é feito sem necessidade de energia alguma. A diferença é que disso resulta tudo mais objetivo no surrealismo do que no sonho em psicanálise. Neste último o sujeito é ausente por antecipação e se ele dá cor e penetra em tudo o que ocorre, o faz entre bastidores.

Daí porque as associações dos conteúdos no surrealismo não sejam as mesmas que na psicanálise, embora ambos busquem a expressão involuntária. No surrealismo, onde se tem em vista a coisificação total que o remete totalmente a si mesmo e ao seu



protesto, o sujeito dessa expressão involuntária e que dispõe livremente de si, tendo se desentendido de toda a consideração do mundo empírico, revela ser algo **des-animado**, desprovido do elemento anímico, mítico.

T.W. Adorno sublinha haver uma dialética da liberdade subjetiva em situação de falta de liberdade objetiva de tal sorte que, nas imagens do surrealismo, o que se tem é o abandono pela sociedade burguesa da sua esperança na própria sobrevivência.

Daí a aplicação ao conteúdo do surrealismo da frase atribuída ao Hegel de *A Fenomenologia do Espírito* segundo a qual “a única ação da liberdade geral é a aniquilação que não tem dimensão nem cumprimento interno algum”<sup>27</sup>: Segundo T.W. Adorno, esta frase que põe em relevo o sentido do “**algo des-animado**” caracterizando o sujeito da expressão involuntária como desprovido do elemento anímico ou mítico serve para explicar sem, todavia enquadrar no discursivo o alcance crítico do surrealismo, compreendendo não só os seus impulsos políticos contra a anarquia, mas também a incompatibilidade destes com o conteúdo do próprio surrealismo.

Portanto, não se pode alcançar o surrealismo sem levar em conta esse aspecto negativo de que, na frase de Hegel, é o iluminismo que se dissolve a si mesmo mediante a sua própria realização com a ascensão da classe burguesa. Desta sorte, o surrealismo como *linguagem do imediato* ou do *não-mediatizado* dá testemunho da inversão da liberdade abstrata como se configurando no domínio das coisas e, com este domínio, em mera natureza (mera porque não mítica). Finalmente, T.W. Adorno sentencia: as *montagens* do surrealismo são as verdadeiras naturezas mortas.

Desta compreensão de que, ao compor o antiquado, as *montagens* criam efetivamente *nature morte*, o crítico da cultura sustenta que as imagens dialéticas do surrealismo compondo o antiquado não são imagens de um algo interno (*quid*), mas são fetiches, são *mercadorias-fetiches* às quais *em outro tempo* o subjetivo do indivíduo, a libido, aderiu: tais imagens recuperam a infância não por imersão no homem, mas com estes fetiches. Daí que os modelos do surrealismo sejam em realidade as pornografias e não as projeções simbólicas de complexos inconscientes reprimidos.

---

No surrealismo as deformações compostas dão testemunho do que a proibição fez com o desejado e proibido.

---

Como foi dito não se devem tratar *as ruínas do mundo* no surrealismo como manifestações do inconsciente. Se assim fosse, símbolos como os de Salvador Dalí nada teriam de escandaloso, mas seriam demasiado racionalistas e não passariam de projeções do complexo de Édipo ou categorias semelhantes. O que nas *collages* se impõe convulsivamente como um tenso gosto de voluptuosidade se parece ao momento de satisfação do *voyeur*: seios recortados, pernas de bonecas em meias de seda, tais como se vê nas *collages* são recordatárias dos objetos de instinto que *em outro tempo* despertou a libido.

Quer dizer, o crítico da cultura põe desse modo em destaque a revelação nessas imagens do instinto libidinal para a identificação, a revelação daquilo com o qual *o esquecido coisista* quisera identificar-se. Se o surrealismo está aparentado com a

---

<sup>27</sup> Apud T. W. Adorno, op. cit. p.112.



fotografia é porque se trata de um despertar petrificado. Nada obstante são imagens históricas porque nelas o mais interno do sujeito toma consciência de si como de sua exterioridade, como imitação de algo histórico-social no sentido da frase “*venha Joe, toca como era a música de então*”.

Finalmente, acentuando essa *consciência da privação* no aspecto negativo do surrealismo, T. W. Adorno faz sobressair o contraste da objetividade como superando mediante aquelas imagens infantis da modernidade o tipo de racionalidade artística que, mantendo-se somente racional, é incapaz de manusear o ser *coisista* dessa racionalidade. No significado da imagem surrealista fazendo nascer da casa uma excrescência de carne, como um tumor, se pintam seus antigos varandões desejados.

Quer dizer, no surrealismo as deformações compostas dão testemunho do que a proibição fez com o desejado e proibido. No seu dizer, graças a essas deformações pintadas o surrealismo salva o antiquado como um álbum de idiossincrasias nas quais se torna amarelada a pretensão de felicidade que os homens vêem negada em seu próprio *mundo tecnificado*.

\*\*\*

**Palavras Chave:** montage / collage / shock (catarse) / alienação / coisificação / liberdade / consciência / subjetividade / objetividade / sujeito / expressão involuntária / mundo coisificado / símbolos / antiquado / infantil / mito / iluminismo / classe burguesa / inconsciente / arquétipos / conformismo / fotografia / escandaloso/ privação.

**Categorias:** arte de avant-garde / sociologia / surrealismo / modernidade / modernização/ sociedade burguesa / psicanálise / história / crítica / dialética / século XX / cultura de massa /.

\*\*\*



*A ARTE DA MONTAGE E A MODERNIZAÇÃO*



**Segunda Parte: Comentários sobre Joyce e o surrealismo.**

**EPÍGRAFE**

---

As criações de palavras dementes em Joyce se exprimem notadamente na arquitetura de um romantismo que, pela primeira vez, consegue reunir as maneiras de dizer múltiplas em uma só.

---

► Nas análises de Ernst Bloch<sup>28</sup> a arte e a literatura de avant-garde são apreciadas desde o ponto de vista dos materiais e procedimentos de composição em vista de equacionar o problema da objetividade. Paralelamente aos críticos da cultura, Ernst Bloch dá prioridade ao expressionismo autêntico e ao surrealismo, vê a experiência da individuação na **modernidade** como penetrada pela coisificação, porém, diferente de T.W. Adorno relaciona a *montage* ao sonho.

Não que Ernst Bloch se contraponha ao existencialismo ou dê acolhida aos chamados freudismos do surrealismo. Pelo contrário. A seu ver, as teorias psicológicas desvalorizam a objetividade em arte.

---

<sup>28</sup> Renomado pensador do Século XX, Ernst (Simon) Bloch, nascido em 8 de julho de 1885 em Ludwigs-hafen am Rhein sendo falecido a 4 de agosto de 1977 em Tubinga, foi um notável filósofo alemão e influente historiador da filosofia.

---



Os elementos de sonho que Ernst Bloch aborda ultrapassam ou não se limitam a uma aplicação do inconsciente pecaminoso da psicanálise. No seu dizer, os surrealistas buscavam originalmente um só objetivo que era o de introduzir os *elementos de decomposição* nos interstícios do mundo deste tempo de **modernização**, sendo a esses elementos que se aplica a palavra *sonho*.

No universo dos surrealistas o sonho não mais conduz para um mundo **mais-além**, porém é feito de símbolos esotéricos que somente encarnam pressentimentos arcaicos e utópicos na realidade estética da cultura.

- Tais elementos não são restritos à vida anímica dos indivíduos, mas, integrando a realidade estética da cultura – *realidade aberta* – são passíveis de serem inseridos artisticamente nos interstícios do mundo contemporâneo (que inclui a coisificação), exatamente como elementos intrínsecos e fatores endógenos da sua própria decomposição.

Daí a utilização de Kafka como termo de comparação em torno de um esforço comum de verificação simbólica e de busca de um mais-além no surrealismo e na literatura de *avant-garde*.

Vale dizer, como o filme mudo que aporta simultaneamente um monte de coisas inúteis e sonho, nas fontes do surrealismo se distinguem os *aspectos esotéricos dos símbolos que não conduzem mais para um mundo mais-além*, e somente encarnam *pressentimentos arcaicos e utópicos* que estão imbricados nas porosidades do mundo contemporâneo que é o deste tempo.

A compreensão estético-sociológica do surrealismo e da literatura de avant-garde busca a montagem de um **espaço contemporâneo fissurado**.

Na obra de Ernst Bloch, que é um pensador da *utopia positiva* com suas categorias crítico-históricas em molde teológico imbricadas na efetividade da interpenetração do arcaico e do histórico na consciência coletiva, a reflexão da criação poética começa pela constatação do **vazio cultural** na situação da distração disseminada com a **modernização** acelerada nos anos Vinte.

- Desse modo, caracteriza-se em reflexão de filosofia estética o que os sociólogos chamam *fatiga da simbolismo social* e que para o nosso autor, atento à dicotomia das formas de vida rural-tradicional e urbano-moderna, exige constatar a ocorrência de símbolos esotéricos, fechados, obscuros<sup>29</sup>.

Por este tornarem-se opacos dos símbolos sociais, observa-se que, com a arte de Kafka, resurge em feito estranho a diferenciação e a confusão entre um *mundo absorvido* na realidade histórica, por um lado e, por outro lado, um mundo até então situado no mais-além.

Em estado de *mundo absorvido*, nota-se o reflexo de *antigos interditos*, de antigas leis e de velhos demônios da ordem, como que a fluírem nas águas subterrâneas dos pecados e dos sonhos pré-israelitas que afloram à superfície nos períodos de decadência.

---

<sup>29</sup> Na reflexão de Ernst Bloch, o vazio do mundo da burguesia declinante (liberal) transmite ainda uma cultura na montagem desse vazio como preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia que sem ser a boa pode servir para assegurar a antiga cultura (gótico tardio).



---

No espaço do *mundo até então situado no mais-além*, observado nos romances de Kafka como **Le Chateau** ou **Le Procés**, destaca-se a forma durável de uma *mitologia* de dependências insuperáveis, de ordens estamentais estranhas e longínquas que jamais alguém pode examinar.

Para Ernst Bloch, essa distinção em dois níveis na realidade histórica da consciência coletiva no período da decadência da cultura burguesa <sup>30</sup>, revela respectivamente que raramente neste mundo deste tempo os sentimentos do medo e da piedade foram tão estritamente reaproximados, sendo **a esta confusão de medo e piedade que se buscam os elementos de decomposição que são ao mesmo tempo os elementos do sonho** e aos quais se refere a compreensão poético-sociológica do surrealismo e da literatura de *avant-garde* ou que lhe é afim, como configurações de um **espaço contemporâneo fissurado**.

Como a imagem surrealista de um tumor crescendo no vazio, a busca de materiais estéticos em meio à confusão de medo e piedade configura um esforço poético de construção onírica, bem notado em Julien Green, Marcel Proust, James Joyce.

Lembrando a imagem surrealista de um tumor crescendo no vazio, se remarca que, com essa busca de materiais artísticos em meio à confusão de medo e piedade, trata-se de um esforço poético de construção onírica.

Segundo Ernst Bloch, esse esforço poético pode ser bem notado em escritores como Julien Green – elaborando a construção onírica da vida sufocante e morna que se conserva de parte – ou Marcel Proust, elaborando a construção onírica da memória na hora ampliada da agonia como o objetivo de toda uma vida; ou ainda, James Joyce, elaborando por sua vez a construção onírica da *montage*, onde se reencontram as ruínas do presente.

Não se deve deixar de notar, entretanto que, por detrás dos afundamentos recortados nessas construções oníricas há o envolvimento pela obscuridade do vazio cultural no período de decadência da cultura liberal e do individualismo - de que a confusão dos sentimentos de medo e piedade dá repercussão.

De acordo com os comentários de Ernst Bloch<sup>31</sup>, o **espaço contemporâneo fissurado** que é pintado nas metáforas de Julien Green corresponde a um Eu de quem o medo se apossou e que é torturado por seus sonhos. Todavia, é também o espaço de uma ação desprovida, tornada inteiramente reduzida a indivíduos privados de toda a comunidade, seres humanos estúpidos como as bestas que, porém, se tornam grandes como os afrescos ou como as paisagens, pois cada um dentre eles representa uma paixão.

Então, só há paixões solitárias, só há, seduzindo, o destino disfarçado desta paixão. Não há saída alguma. A sedução, o enfeitamento é compacto e suga inteiramente seus suportes

---

<sup>30</sup> Que é a decadência do Estado e do Contrato levando à crise dos anos vinte e à estrutura de classes.

<sup>31</sup> Cf. Bloch, E: *Héritage de ce Temps*, tradução de Jean Lacoste, Paris, Payot, 1978, 390 pp. Ver págs.223 sq.



humanos. Nesse espaço contemporâneo pintado poeticamente por Julien Green reina um odor de folhas mortas, cheira a cômodos trancados cujos ocupantes parecem jamais sair.

Quanto ao **espaço contemporâneo fissurado** em Proust, em virtude da *finesse* e da micrologia em sua mirada que a tudo recolhe, parece mais saliente o que Ernst Bloch chama **sonho no objeto**, designando a qualidade poética ou o foco irradiador das imagens e das metáforas literárias.

Em Proust, compõe-se um espaço cujas imagens só se desdobram *après-coup*, em seus mosaicos não-euclidianos da agonia; um espaço curvo acima de um Eu que vê decorrer a sua própria vida e a vida exterior; um Eu que apreende com extrema acuidade o que está perdido; que põe por escrito a caída de um mundo em declínio: caleidoscópio de grandes damas, belos senhores, aventureiros: *les héros du déluge*.

- Tudo parece real nesse espaço proustiano e tudo contém os interstícios onde se aninham as metáforas. Destaca Ernst Bloch que são metáforas tiradas de esferas decaídas, sejam estas as mesas dos restaurantes, sejam os planetas como o sol - designado *a suntuosa e milenar múmia desembaraçada de todas as suas ataduras* -, nas quais a regra da vida social virou liturgia.

Nesse espaço contemporâneo proustiano, a personalidade é desagregada em "inumeráveis Eu" que não sabem coisa alguma uns dos outros, mas cujos mundos se recortam.

Quanto ao comentário de Ernst Bloch sobre o **espaço contemporâneo fissurado** em Joyce, sobressai de início a imagem surrealista de *uma boca sem Eu*, em meio à decomposição que atinge a própria língua, desprovida esta de toda a forma pronta e acabada, logo, aberta e confusa.

As palavras estão em disfunções, perderam sua inserção ao serviço do sentido. O que de ordinário fala, o suposto sujeito que faz de narrador, brinca com as palavras em momentos de fadiga, nos silêncios da conversação ou no falar sem dizer dos seres sonhadores e instáveis que povoam a suposta narrativa.

Segundo Ernst Bloch, deve-se apreciar a *montage* no *Ulysse*, de Joyce, como um *work in progress*: simultaneamente atelier e criação. Atelier que, porém, não está acima, mas também faz parte da decomposição.

- Vale dizer, a língua observa as regras gramaticais, mas não segue em absoluto as regras da lógica do seu tempo. Na *montage* no *Ulysse* de Joyce a língua tanto se recorta como um copo quebrado em pedaços, tanto se cristaliza como em um caleidoscópio em movimento, ou circunda estreitando a ação no feitiço das cintas.
- A compreensão que se tem da língua na narrativa de Joyce é de que ela deve ter sua origem *na relação primária, sonora e imaginada*; que ela deve ter seu sentido *na liberação e na captura da vida inconsciente*. ***É isto o que desperta a língua para a vida: as palavras rebrinda seu valor pré-lógico.***



Sem dúvida, como já remarcou Georges Lukacs em seus ensaios sobre Thomas Mann, a atitude de Ernst Bloch para com a obra de James Joyce é de apreciação admirada. Tanto é assim que, priorizando em arte o resgate onírico da antiga cultura e da Escolástica medieval, Ernst Bloch minimiza qualquer postura prévia na leitura de Joyce.

Deste ponto de vista, se quisermos compreender o sintoma e o símbolo que se considera como representando a obra joyceana, pouco importa saber se Joyce obteve êxito, se a sua empresa de embrutecimento dos personagens tivera jamais alcançado o enlevo do poema; pouco importa se em maneira geral é Joyce um autor sério ou o mercador de uma *não-idéia impensável*, nebulosa da rememoração burguesa da terra após a morte da terra, após uma catástrofe cósmica.

Segundo Ernst Bloch, tampouco é importante saber se *Ulysse* confirma ao menos a lógica de um mundo decaído e opaco, mesmo sem projetar no porvir a luz de uma reviravolta transparente.

Com certeza, o estilo de Joyce em *Ulysse* corresponde a um mundo sem controle, e acolhe como fermento a desagregação, que se compõe de início como a desagregação do Eu no monólogo interior, e depois, como a desagregação da coerência burguesa dos objetos.

Aliás, na apreciação crítica segundo Ernst Bloch, deve-se sublinhar *a particularidade do monólogo em Joyce, que não mais deixa intacta e reconhecível a pessoa na permanência do Eu.*

Quer dizer, nas anteriores composições do monólogo em outros autores a pessoa conservava ainda muitas coerências de superfície perfeitamente conscientes, muitas coberturas morais. Em Joyce pelo contrário: aqui a pessoa deixou de ter inclusive o Eu como testemunha.

O corpo daquele que fala quase desapareceu, o corpo que encerrava a linguagem, liberando assim um dilúvio anônimo. Segundo os comentários de Ernst Bloch, trata-se de uma linguagem em tal torrente nua e impudica, sem retoques e sem barragens que todos os naturalismos de antes se reduzem em comparação com uma cerimônia de Corte.

Assim, como jatos de vapor re-ascendentes do inconsciente, nascem nessa linguagem liberada as criações de palavras dementes, preenchendo os abissais, os tesouros sem dono, os abismos dos seres ordinários habitantes da obra joyceana. E Ernst Bloch chamará a atenção sobre essas criações dessas palavras dementes, notando que se exprimem, sobretudo, na arquitetura de um **romantismo**, que pela primeira vez consegue reunir as maneiras de dizer múltiplas em uma só.



A ação se desenrola entre o diálogo interior, o mundo de baixo, o mundo oblíquo e o mundo de cima

► Prosseguindo a análise da *montage* no *Ulysse* de Joyce, e sustentando o ponto de vista da objetividade em arte, Ernst Bloch alerta para a referência de um *diálogo interior* que diz tudo o que o indivíduo recebe pelos sentidos, de tal sorte que *a ação se desenrola entre o diálogo interior, o mundo de baixo, o mundo oblíquo* <sup>32</sup> e *o mundo de cima*, que estão também em contato muito estreito, carnal.

■ O lugar e objeto da ação em *Ulysse* é uma jornada na vida de pessoas sem importância, ação tão fluida esta cujo lugar-objeto bem poderia ser não uma, porém muito mais do que mil e uma jornadas e mesmo um **omnia ubique** ou **um todo que é por todas as partes** em uma minúscula noz.

A obscenidade, a crônica, o contar estórias, a escolástica, o magazine, a gíria, Freud, Bêrgson, o Egito, a árvore, o homem, a economia, a nuvem se afundam e reaparecem nesse rio de imagens, se misturam, se interpenetram em uma desordem que, não obstante o caos, desde então busca sua forma não mais em Prometeu, porém sim em **Proteu**, o embaralhador da natureza em fermentação <sup>33</sup>.

Incluindo a fantasia, há uma **dinâmica furtiva da expressão no Ulysse de Joyce** a que Ernst Bloch chama **cinética verbal**, equiparável a um movimento puramente musical.

Quer dizer, na estética sociológica como ponto de vista da objetividade em arte, há o que em seu relativismo crítico Ernst Bloch chama **um murmúrio de leitmotif** animando obliquamente, de soslaio, a superfície do texto joyceano. Em modo mais amplo, incluindo a **fantasia**, trata-se de uma **dinâmica furtiva da expressão no Ulysse de Joyce**, a que Ernst Bloch chama **cinética verbal**, equiparável a um movimento puramente musical.

Por outras palavras, ao feito de inúmeras sinfonias pós-wagnerianas, se notariam nessa obra joyceana certos motivos que prefiguram também em maneira profética sua forma futura. Todavia, lembrando a transversalidade do **espaço contemporâneo fissurado**, se notaria igualmente outros motivos que tentam inversamente se desprender de *um interior passado da terra* e dar *après-coup* informações a seu respeito, misturando tumbas, erudição, rememoração, pornografia e mitologia.

Traçando assim as grandes linhas inscritas na composição do **Ulysse** de Joyce, Ernst Bloch observa que a *montage* do espaço contemporâneo fissurado, por mais artificial que seja, ou se transforma em uma grande *migração dos objetos eles mesmos* ou

---

<sup>32</sup> A distinção entre *mundo de baixo*, *mundo oblíquo* e *mundo de cima* é sociológica, ou melhor, microsociológica e corresponde à abordagem da estrutura de classes pela realidade estética da cultura, na medida em que nesta se põe em relevo o aspecto do sentimento coletivo em que, por efeito da imanência recíproca do individual e do coletivo, a estrutura é apreendida e percebida como tema real.

<sup>33</sup> Cf.. Ib.p.208.



vem a ser a mera sombra de *uma metamorfose artística*<sup>34</sup>, o que se consegue compondo seres voluntariamente ordinários e indiferentes, mas *seres completos*, para quem coisa alguma é estranho; que, sem vírgula, falam ao infinito, e, sem conhecimento, fazem digressões a perder de vista.

- Nessa *montage* em dupla escala – grande *migração dos objetos eles mesmos* e sombra de *uma metamorfose artística* – nota-se a *analogia do gênero épico* ou, no dizer de Ernst Bloch, reencontra-se a cada instante a Odisseia que é outorgada ao homem, atualizada nas vinte e quatro horas que duram as cenas.

Estão lá desde os pretendentes da Penélope, como aqueles da senhora Bloom; passando pela cena da princesa Nausicaa, na qual o senhor Bloom se avista com três moças na praia; chegando até a situação correspondente à cena do cyclope, isto é, a situação no Cabaret obscuro, com o senhor Bloom fazendo-se o *discursador* e com o nacionalista zanzão como o cyclope, que o atira para fora do antro.

Ao parecer de sociologia, Ernst Bloch nos sugere que a *montagem* do espaço contemporâneo fissurado em Joyce compreende, no simbolismo decomposto e sem coerência, a distinção de um mundo absorvido e de um mundo que até a modernização e o crescimento industrial fora situado no mais-além, ambos ressurgindo em feito estranho na vida deste mundo deste tempo.

Desse modo, a **dinâmica furtiva de expressão** dessa *montage* por analogia do gênero épico está a oscilar: sendo descendente para a desordem no mesmo feito em que se eleva de soslaio.

\*\*\*

---

<sup>34</sup> Ernst Bloch não partilha a concepção de que a arte de avant-garde em especial o expressionismo e com este o surrealismo, seja reduzida à mera projeção do *vazio de objeto*. Daí a noção de *objetos intersticiais*.





*A objetividade em arte e literatura de avant-garde é possível porque a construção onírica de que a montagem é uma das formas está em correspondência com a intercambiabilidade das partes chamadas fenômenos da montagem.*

Mas não é tudo. A análise e descrição da dinâmica furtiva de expressão que acabamos de mencionar como sendo descendente para a desordem no mesmo feitio em que se eleva de soslaio têm prosseguimento.

Diz-nos Ernst Bloch que, na oscilação descendente, o exemplo compreende por um lado, a cena das jovens utilizando a linguagem dos pensionatos de 1900 com seu estilo apenas decorativo de beira de praia e, por outro lado, aparece aquele Ulysses (senhor Bloom) o anunciante nos pequenos anúncios de jornal, voraz como uma grande goela surrealista de um grosseiro.

Na oscilação ascendente, as associações da arte de *montage*, ligadas a mais horizontal realidade vivida, se elevam de soslaio até o deus *Platão* na taça de chá; até os palácios bordados em água da Índia antiga, no silêncio de uma conversação.

Todavia, Ernst Bloch assinala que essa oscilação furtiva na dinâmica de expressão da *montage* do espaço contemporâneo fissurado em Joyce, por analogia do gênero épico, oscilação oblíqua<sup>35</sup>, equivale a uma empresa astrológica rememorando seis mil anos (cultura antiga egípcia), a qual por sua vez não cristaliza nem fixa a *montage* como mundo das fissuras e da desordem.

Antes pelo contrário. Nota-se a astrologia decifrada sobre os despojos da realidade vivida e, igualmente, nota-se a Escolástica em instância última (rememoração da tradição judeu-cristã) que, ambas, não fazem senão revelar ainda mais nitidamente o objeto anárquico e somente mostram a qual ponto é desesperante a infinidade concreta de todos os *objetos intersticiais*.

---

<sup>35</sup> Para Ernst Bloch o *oblíquo* e o *furtivo* são categorias descobertas na consciência coletiva das classes subalternas tradicionais na modernização, cujo modelo esse autor examina sob a imagem do "pequeno homem" desenraizado, como vimos anteriormente no capítulo "O *Gothic*, O *Romantismo* e a *Filosofia da Arte: Linhas para uma filosofia expressionista*".



Na *montage* joyceana de fim de mundo, cujo símbolo é Proteu, há uma tentativa para fundar a escolástica no seio do caos.

Para Ernst Bloch, como já foi dito, o símbolo adequado para compreender essa *montage de fim de mundo* é Proteu, a divindade das *metamorfozes* presente na Odisséia, visto como o embaralhador da natureza em fermentação que ganha um leito no fluxo de uma só jornada.

- Quer dizer, no espaço contemporâneo fissurado em Joyce, o espaço em *montage* desse dia único e ordinário na vida do Senhor Bloom, ressurge o mundo seis vezes milenário, com seus antros, suas prostitutas, suas vísceras de pedra, seu Jesus grosseiramente ruidoso, seus cetros, seus pequenos anúncios e suas filas diante dos magazines.

Com tal material artístico, ou melhor: na elaboração desses objetos se chega a montar ao mesmo tempo uma *noz quimérica (omnia ubique)*<sup>36</sup> e a mais incrível das liquidações comerciais, *montage* essa que Ernst Bloch prefere descrever como uma mistura heterogênea embrulhando *prospectus* em fragmentos, tagarelice de símios, bolas de trapos viscosos, frangalhos de nada, mas que é ao mesmo tempo **uma tentativa para fundar a escolástica no seio do caos**<sup>37</sup>.

Desse modo, essa *montage de fim de mundo* no fluxo de uma só jornada com Proteu, de que se faz o *Ulysse*, de Joyce, se completa como um *jour de colère*, um *dies irae* no dístico do missal romano sublinhado por Ernst Bloch, arbitrariamente desacorrentado em meio à pequena burguesia tradicional do início dos anos de mil e novecentos, quando acontece a jornada do Senhor Bloom: um *dies irae* sem julgamento, sem Deus, sem fim.

Com palavras outras, Ernst Bloch vê a arte da *montage* em James Joyce como a maceração onírica de uma consciência naufragada, mas que traz uma essência onírica própria a uma novidade em fermentação (a tentativa de fundar a Escolástica no caos). Sustenta tratar-se da figura *grotesque* a mais quimérica e a mais sobrecarregada de palavras. Se outrora só as idéias coabitavam com facilidade na literatura, a partir dessa *montage* perfeita por Joyce as coisas também vivem juntas no âmbito da *arte e literatura de avant-garde*.

\*\*\*

---

<sup>36</sup> Quer dizer, cada um dos múltiplos conjuntos estruturais dialéticos é pleno do princípio de que “*o todo é por todos os lados*” (*omnia ubique*) de tal sorte que o *efeito de espelho* daí decorrente (mistificado no romantismo) faz com que *cada parte não cesse de refletir o todo*, garantindo assim a unidade da obra em sua diversidade dialética.

<sup>37</sup> Cf. Ib.p.227.





A Arte da *Montage* e a Modernização:  
Comentários Sobre Joyce e o Surrealismo.

O objetivo perquirido na arte da *montage* não é um caos artístico, mas sim fazer dos fragmentos da superfície decomposta as partículas de outra linguagem: fazer a figura provisória de uma **realidade aberta**.

► A compreensão do estatuto da objetividade artística e literária na reflexão estético-sociológica em Ernst Bloch exige se leve em conta que o ideal da arte de avanguarda, ou melhor, o ideal da *montage*, não se limita a uma sucessão de momentos da cristalização dos pedaços quebrados que constituem os objetos intersticiais.

Sob este aspecto, o caleidoscópio como figura dessa arte tem algo enganoso. Por seu intermédio as ruínas de que se constituem o material artístico tirado da desagregação das coerências simbólicas são reinseridas. Ora, o objetivo perquirido na arte da *montage* não é um caos artístico, mas sim fazer desses fragmentos da superfície decomposta as partículas de outra linguagem, de outras informações: é fazer a figura provisória de uma realidade aberta. O objetivo é, pois, a experimentação.

Segundo Ernst Bloch, na arte da *montage* se trata de experimentar a maneira pela qual o fragmento reinserido da vida antiga funciona em uma vida nova. É preciso ter em conta que *o emaranhado e a intercambiabilidade das partes* de que se faz o procedimento artístico da *montage* se manifestam no afundamento espontâneo da cultura liberal<sup>38</sup> e por esta via já se situam para-além da totalidade fechada.

<sup>38</sup> Do ponto de vista da formação da realidade histórico-social, a decadência não significa mera desagregação das formas de vida, mas, no caso, traz consigo o afundamento da cultura burguesa liberal para



Ou seja, a objetividade em arte e literatura de avant-garde é possível porque a construção onírica de que a *montage* é uma das formas está em correspondência com essa intercambiabilidade das partes chamadas *fenômenos da montage*.

Se a construção onírica é um esforço de inserção artística dos elementos do sonho (*confusão de medo e piedade*) nos interstícios do mundo em modernização acelerada do capitalismo em crescimento – *este mundo deste tempo* –, como os seus elementos de decomposição, isso acontece porque a possibilidade dessa inserção é dada em estado de *realidade aberta*, isto é, pode ser encontrada nos *fenômenos da montage*.

A *montage* artística faz ver que a contradição na modernidade vem do que é **autenticamente contemporâneo** e não do arcaico ou do irracional.

Ernst Bloch desenvolve a análise das correlações sociológicas entre arte e literatura de avant-garde, por um lado e, por outro lado, a *realidade aberta* (realidade estética da cultura), observando na sociedade a atitude da grande burguesia, como fração dominante da classe burguesa, em relação aos grupos e movimentos de cultura literária e artística, notadamente sua atitude em relação ao surrealismo e ao expressionismo.

A objetividade artística se descobre no âmbito dessa atitude exatamente como o que é aí reconhecido ou tido por **contraditório na modernização**, como o que aí parece **a-normal**: tal o critério do material que serve de partes utilizáveis na arte da *montage*. Não é, pois, a contradição como tal que define a objetividade em arte.

- Vale dizer: há uma intermediação pelo reconhecimento do que é contraditório se configurando na atitude em relação à arte de **avant-garde**, e se tornando transparente exatamente porque é uma relação de afastamento e não de aproximação.

Mais ainda: o reconhecimento do que é contraditório se torna transparente porque as partes utilizáveis na *montage* são aquelas cujo critério é exatamente o de serem formadas pela grande burguesia e de aparecerem aos olhos desta fração dominante tanto como partes inacabadas e travadas quanto suspeitas.

Em suma: a *montage* artística se favorece da utilização daquelas *partes em intercambiabilidade* que já aparecem como representando o **a-normal** não por imposição do artista, mas aos olhos da própria grande burguesia<sup>39</sup>.

Dessa maneira, na medida em que se utiliza dessas partes que representam o a-normal, a **montage** artística acentua o reconhecimento, faz ver que a contradição histórica<sup>40</sup> vem do que é **autenticamente contemporâneo** e não do arcaico ou do irracional.

---

níveis mais internos da consciência coletiva, possibilitando a apreensão do *emaranhado e da intercambiabilidade das partes como característica da realidade social em formação*.

<sup>39</sup> Nas análises de Ernst Bloch a reificação como consciência fissurada significa nos anos Vinte sobretudo a incapacidade da grande burguesia para chegar à percepção do caráter homogêneo do meio objetivo das suas relações com a classe operária, em razão do que, e por temor então infundado diante desta última, se deixa levar a fazer *montage*, isto é, à "montar ou maquinar combinações" com grupos alheios e movimentos obscurantistas reconhecidamente estranhos à modernização e ao crescimento industrial – daí falar-se de partes anormais – sendo nessas atitudes contraditórias e percebidas como tais pela própria grande burguesia que Ernst Bloch observa (a) – não só a interveniência dos que cavoucaram na Alemanha a catástrofe dos anos Trinta, mas (b) – a existência dos elementos muito antigos da cultura, que chama não-contemporaneidade, além (c) – dos fenômenos da *montage*, isto é, a intercambiabilidade das partes.



Se a contradição histórica *vem do que compreende concretamente o futuro em vias de se fazer*, decorrem da acentuação desse reconhecimento as relações de afastamento, como tendendo a tornar a *montage* artística em contestação (e escândalo). Ernst Bloch nos lembra, por exemplo, que o *grande capital* fez por estancar os múltiplos abalos provocados nos meios de cultura pelo expressionismo alemão nos anos Vinte.

Destaca também nosso autor que se devem atribuir às correlações sociológicas em estudo, sobretudo, à utilização do que é tido já por **a-normal** pela burguesia, os fatores de explicação para o aparecimento da *montage*, não só em James Joyce onde esta última não tem ainda o caráter de contestação, mas também em Bertold Brecht, com quem a arte da **montage** no teatro assume tal caráter, sendo utilizada exatamente como uma força produtiva que interrompe o fluxo dramático e desloca as partes, em feitiço didático.

No seu estilo rico em recursos literários, Ernst Bloch nos revela a arte e os motivos do expressionismo exatamente como capacidade de neutralizar o irracional pelo dom da expressão.

Sem dúvida, as apreciações de Ernst Bloch sobre o conteúdo da arte de avant-garde, especialmente as suas ponderações em favor do expressionismo autêntico, esclarecem sua percepção do novo, do que é *in statu nascendi*.

Vê-se claro que o sentido da construção onírica presente na **montage** artística não somente ultrapassa incluindo o passado inconsciente do freudismo, domínio arcaico e irracional, mas o consegue exatamente na medida em que é uma construção onírica voltada para além do prazer da decadência, em busca das imagens de um mundo mais autêntico<sup>41</sup>.

- Nosso autor remarca que as pinturas de Picasso, Chagall, Franz Marc não guardam o irracional puro e simples, mas um **racionalismo do irracional** e mesmo uma filantropia do irracional que tem piedade dele e o acolhe junto ao homem que se inclina sobre ele.

No seu estilo rico em recursos literários, Ernst Bloch nos revela a arte e os motivos do expressionismo exatamente como capacidade de neutralizar o irracional pelo dom da expressão: *"toda essa incubação se encontra diante da expressão e diante da luz que vem bem lá do alto e se espalha fraternalmente sobre os silêncios murmurados ou urrantes da criatura; sobre o testemunho bruto do primitivo, da arte do alienado, dos prisioneiros e das crianças; sobre os caracteres balbuciantes dos fenômenos da montage, do vale e do céu estrelado"*.

Tomando como obras exemplares a Paul Klee e aos mencionados Chagall e Franz Marc, Ernst Bloch sustenta que nesses artistas a representação da **ausência do objeto** não mais aparece indiferente, pura e simplesmente.

Analisando as pinturas, os peixes de sonho, um pequeno cervo no corpo de sua mãe, os animais na floresta se poderia notar que *o objeto foi antes des-reificado*, posto em acordo com a nossa fábula, em face do que Ernst Bloch enfatiza a negação de qualquer progresso para trás, para o

<sup>40</sup> Ao dar a precisão de que a contradição vem do contemporâneo, Ernst Bloch tem em vista a questão do controle social da produção, que em outras passagens da sua obra apreciará como matéria da morfologia social, e não exclusividade da economia política.

<sup>41</sup> Cf. *Ib.* pp.240, 241.



---

sono primordial hostil aos homens e à civilização que é representado nas tendências obscurantistas, amantes da decadência e do irracionalismo.

No expressionismo autêntico dos artistas mencionados, a *avant-garde* de então, se buscava o homem mesmo na floresta virgem, bem entendido: um homem que é escondido ou a vir. Essa *avant-garde* buscava encontrar os segredos da humanidade, ampliava o mundo no homem e o homem no mundo, para-além dos limites da expressão até então conhecida.

Embora tenha sido uma revolta no interior da burguesia, o expressionismo autêntico de que Ernst Bloch nos fala foi também uma ultrapassagem da mitologia no interior da mitologia, que, todavia, queria passar da noite para a luz, queria fazer jorrar a luz desde a noite dos oprimidos.

Na filosofia de Ernst Bloch como no expressionismo autêntico o elemento arcaico enquistado é debilhado em uma **utopia** que enfim lhe faz jus, o que é depois de longo tempo esquecido se insere no **ainda-não-consciente**.

A reflexão estético-sociológica em Ernst Bloch é orientada como já o assinalamos para a **utopia em sentido positivo**, que ultrapassa o apego da decadência como motivo crítico, e que tem exemplo no *expressionismo autêntico*, em que a **vontade de mudança** não se limita ao chocante em arte.

Se o expressionismo autêntico é ainda menos o reino do arcaico, da incubação, da obscuridade desejada é porque aquilo que não é mais consciente se insere no **ainda-não-consciente**; o que é depois de longo tempo esquecido se acopla ao que não é ainda absolutamente aparecido, quer dizer: o elemento arcaico enquistado é debilhado em uma **utopia** que enfim lhe faz jus. Tal é o alcance que Ernst Bloch reserva à arte de montagem como construção onírica e toma como orientação fundamental de sua reflexão estético-sociológica e de toda a sua filosofia histórica.

---

**Palavras-Chaves:** *Montage*/ construção onírica/ vontade de mudança/ *ainda-não-consciente*/ objeto des-reificado/ objetos intersticiais /realidade estética da cultura/ dinâmica furtiva de expressão/ Monólogo interior/ espaço contemporâneo fissurado/ vazio cultural/ desagregação da coerência burguesa dos objetos/.

**Categorias:** Literatura e arte de *avant-garde*/ Utopia/ Estética sociológica/ Modernização/ Expressionismo/ surrealismo.

\*\*\*



FIM

Do Artigo A Arte da Montage e a Modernização



*Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital*

<http://www.leiturasilumierautor.pro.br>

---



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital

<http://www.leiturasjlumierautor.pro.br>

*O Tradicional na Modernização:*

*Leituras sobre Ernst Bloch*



---

## *MILENARISMO E INSURGÊNCIA*

---

### **Epígrafe:**

*Na abertura do mundo moderno distinguem-se duas linhas de afirmação do indivíduo: a liberação externa do Eu e o fortalecimento da interioridade, levando a desdobrar uma compreensão diferenciada da ascensão capitalista.*

---



### **"Abstract"**

Como se sabe, devido ao seu caráter não-representacional, a reflexão histórico-filosófica é vista como sendo distanciada em relação às questões prementes, embora seja situada na realidade social.

A leitura de Ernst Bloch é interessante por que nos mostra a dimensão humana universal que está por trás dos movimentos camponeses na história do mundo moderno.

Esse autor examina como milenarismo o fenômeno coletivo da ambiência tradicional que muitos autores de sociologia estudiosos do espírito do capitalismo se limitaram a abordar pelo aspecto mais exterior e particular no messianismo (para Max Weber trata-se de um aspecto das exaltações carismáticas).

Sua análise concreta põe em relevo que o legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último.

A matéria das contradições contemporâneas não é somente a matéria das forças produtivas muito presentes ou desencadeadas com a modernização, mas é também a negatividade extrema de tal situação: é o homem ou o proletário alienado, é o trabalho alienado, é o fetiche da mercadoria, em suma é a inconsistência do nada, do vazio.

Diz-nos que esse elemento positivo se encontra no interior da contradição contemporânea e de sua matéria, no interior das negatividades reificadas, e se apresenta sob a forma de alguma coisa que falta em fato, como a aspiração ao homem completo, ao trabalho não alienado, ao paraíso terrestre.

Há, pois, que distinguir na análise do tradicional, como positividade, outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporânea.

Daí sua insistência na importância da idéia milenarista, examinada como heresia cristã para a compreensão de uma grande revolução social como a do século XVI no ambiente tradicional agrário mais ancorado no medievo (o Gótico Tardio).

Seja como for, a qualidade que diferencia a reflexão crítico-histórica de Ernst Bloch são os seus procedimentos para colocar em perspectiva no estudo do Gótico Tardio e das insurgências camponesas o legado da profundidade do sentimento.



## MILENARISMO E INSURGÊNCIA

### PREÂMBULO:

#### A Fenomenologia Concreta de Ernst Bloch

---

Embora seja estudado em ligação com as conhecidas correntes intelectuais do Século Vinte influenciadas por dogmas materialistas, Ernst Bloch é um dos pioneiros da relativização da dialética na crítica-histórica e desenvolve em sua obra a compreensão da totalidade múltipla, ou seja: a totalidade com vários níveis de realidade histórica ou de passado.

---

► Já tivemos ocasião de comentar que, na Crítica da Cultura Tradicional do ponto de vista das regiões mais vinculadas ao medievo, a descoberta de uma problemática fenomenológica na análise dialética do *processus* histórico do mundo moderno é assinalada como orientação de Ernst Bloch, notadamente em suas aplicações à crise dos anos vinte na Alemanha e ao psiquismo coletivo dos "de baixo", relacionado à figura do *pequeno homem*.

Dentre os vários aspectos que corroboram uma fenomenologia, assinala-se que a burguesia declinante exprime o vazio de um mundo seu preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos.

Quer dizer, tomando em consideração o conjunto dessas coincidências Ernst Bloch observará tratar-se de um tempo em ausência de intenção, tendo relevo a relativização das coerências, não como um fim, mas no sentido de uma fenomenologia em caminho, em vias de se fazer como reencontro estranho da antiga cultura (gótico tardio) e do individualismo.

Isto porque, em um tempo em ausência de intenção, a atividade onírica in-dormida pode ser verificada e descrita em maneira objetiva, revelando-se mais acessível à crítica-histórica do tradicional na modernização, de tal sorte que a análise caminha para a fenomenologia concreta.

Os sonhos passados compreendidos no sentido de atividade onírica in-dormida se associam na juventude à inquietação orgânica, em maneira propícia aos movimentos de exaltação personalista, como eram aqueles movimentos alheios à modernização compostos pela montagem na burguesia.



---

■ Em sua obra "*Le Principe Espérance*"<sup>42</sup>, a função utópica é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à autoconservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do desejo de ser mais bem aquinhoado.

Por sua vez, em virtude de sua natureza gestante, o desejo de ser mais bem aquinhoado jamais se completa, é permanente em sua não-complementação, restando em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial.

Desta forma, haverá que distinguir em paralelo às imagens simbólicas ideais em que a sociologia estuda a moralidade ideológica, aquelas outras que, ultrapassando-as, devem ser compreendidas como imagens-aspiração: o herói cavaleiresco, as formas góticas dos mobiliários, solares e mansões rústicas, por exemplo.

Nestas se incluem as imagens formadas de sonhos passados, as imagens diferenciadamente formadas pelo elemento onírico da arte que integram o ideal estético realista ou *entelequial*, sendo exatamente os sonhos passados que segregam o critério para a não-contemporaneidade.

Acresce que as formas passadas ou pré-capitalistas jamais tornaram em fatos realizados os conteúdos visados do solar, do solo, dos "de baixo", de sorte que esses focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.

Além disso, notando que estas intenções insatisfeitas passam ao longo da história por contradições veladas, Ernst Bloch as examinará desde a colocação em perspectiva filosófica, para além da psicologia representacional, tratando-as como conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura, o que o levará a definir o campo estético em eficácia como o concretamente utópico<sup>43</sup>.

---

A *montage* na burguesia declinante exprime o vazio do seu mundo sendo preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia que certamente não é a boa, mas que no caso limite pode servir de alavanca para a boa prestando também uma maneira de assegurar a antiga cultura<sup>44</sup>. Portanto, a ausência de intenção deve ser entendida no sentido dessa fenomenologia em caminho, em vias de se fazer como reencontro estranho da antiga cultura e do individualismo.

---

► Na fenomenologia de Ernst Bloch, que é histórico-filosófica, a redução dos juízos prévios ou da função representacional da consciência leva não a uma intencionalidade lógico-existencial, como a "intencionalidade funcional" de Husserl: a primeira e primordial afirmação de significado.

---

<sup>42</sup> Bloch, Ernst: **Das Prinzip Hoffnung**, 3 vol., Berlin 1954/1955/1959. Tradução francesa **Le Principe Espérance**, vol. 1, Paris, Gallimard, "Bibliothèque de philosophie", 1976.

<sup>43</sup> Ver anteriormente nesta coletânea o tópico "O Romantismo na Modernização".

<sup>44</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, p.211. Como se verá adiante, no termo antiga cultura Ernst Bloch tem em vista o Gótico tardio.



- A fenomenologia concreta leva sim a um elemento postulativo, originário, na raiz de todo o conteúdo de civilização, que, entretanto, se descobre não como experiência originária do pensamento "puro", mas em estado de realidade aberta (realidade estética), a partir de seu núcleo ativo: o "*dator formarum*" como atitude ascética, que a história da filosofia está em medida de comprovar justamente porque é a experiência humana originária do pensamento histórico "puro", bem reconhecido na estrutura gradual<sup>45</sup>.

Desta forma, não nos parece haver dúvida quanto à vinculação fenomenológica do "materialismo" entre aspas de Ernst Bloch.

Embora tenha raízes em Marx, sua filosofia ultrapassa o marxismo: é impossível encontrar em sua obra o menor rastro de uma antropologia à maneira de Engels. Isto significa que o paralelo é feito com a sociologia.

► Com efeito, na sociologia, o materialismo e o espiritualismo não passam de abstrações do esforço humano.

Deve-se notar a distinção de Marx entre consciência real ou imanente à vida social e consciência mistificada ou ideológica – domínio dos preconceitos filosóficos inconscientes.

À semelhança das obras de civilização, a consciência faz parte das forças produtivas em sentido lato e desempenha um papel constitutivo, seja como linguagem, seja pela intervenção do conhecimento, seja ainda como direito espontâneo, nos próprios quadros sociais.

- Como se sabe, esses quadros sociais são chamados por Marx de "modos de ação comum" ou modos de colaboração ou relações sociais, nos quais se incluem as manifestações da sociabilidade, os agrupamentos particulares, as classes sociais e as sociedades.

O significativo aqui, do ponto de vista do alcance determinístico da sociologia, é que esses quadros sociais exercem um domínio, um envolvimento, sobre a produção material e espiritual que se manifesta no seu seio, domínio esse, por sua vez, que é exatamente o que se prova nas correlações funcionais.

Quanto às ideologias, ficam excluídas das forças coletivas ou produtivas por representarem uma "mistificação", ou seja, oferecem um aspecto da alienação: *a alienação do conhecimento desrealizado e perdido nas projeções para fora*, que inclui as "falsas representações" em que os homens e as suas condições surgem invertidos, como numa câmara escura, que é um aspecto da teoria do fetichismo da mercadoria em Marx.

Na dialética dos níveis de realidade social, os quadros sociais e a consciência real são produtos das forças produtivas *strictu-sensu* – isto é podem ficar objetivados – mas, sob outro aspecto, são igualmente os seus produtores e assim se afirmam como elementos reais da vida social. Essa dialética dos níveis em Marx é tanto mais saliente quanto mais observadas forem as forças produtivas ou forças coletivas, não como fatores isolados, mas como a causa social total.

Quer dizer, o conceito de forças produtivas fica então compreendido no sentido de extensão máxima identificando-se ao conjunto dos níveis ou dos graus da realidade social.

---

<sup>45</sup> Ernst Bloch verificará em sua forma efetiva a idéia de graus de realidade, que é essencial a toda a manifestação possível de um pensamento histórico.



Portanto, não há negar que a compreensão da realidade social e da sociologia que a estuda é bem definida em Marx, e reúne várias formulações enfatizando a ultrapassagem do dualismo (espiritualismo/materialismo) como levando ao coeficiente existencial e ao coeficiente humano do conhecimento.

- Assim, em Marx, é no domínio da realidade social (a) que "*pensar e ser são simultaneamente diferentes e um só*"; (b) que "*a velha oposição entre espiritualismo e materialismo foi por todo o lado posta de parte*"; (c) que "*o subjetivismo e o objetivismo, o espiritualismo e o materialismo, a atividade e a passividade perdem a sua oposição e, por consequência, a sua existência*"<sup>46</sup>.

Em suma, para Marx, a ultrapassagem do dualismo das ciências naturais e das ciências humanas não deve ser procurada na absorção das ciências humanas pelas ciências naturais, mas na constatação de que "*qualquer ciência é uma atividade social prática e, portanto, comporta um coeficiente humano*" – notando que é este o posicionamento e a formulação de Marx nas "**Teses sobre Feuerbach**"<sup>47</sup>.

---

A superação da oposição entre materialismo e espiritualismo na fenomenologia existencial passa pela crítica ao tomismo.

---

► Quanto à superação da oposição entre materialismo e espiritualismo na fenomenologia existencial passa a mesma pela crítica ao tomismo.

Com efeito, ao sustentar uma "verdade em si" como distinta da verdade como "posse humana", o tomismo é tido por um "*realismo representacional*". No dizer de W. Luypen o tomismo "*não considerava a objetividade como termo encontrado pelo sujeito cognoscente, mas como "em si", como realidade isolada do sujeito, supondo desta sorte, que, no conhecimento verdadeiro, este em si "se repercutia exatamente no sujeito"*"<sup>48</sup>.

- A crítica ao tomismo se opõe à pintura da realidade como se esta fosse uma coleção de essências acumuladas em uma terra que nem sequer necessitava ser descoberta para ter significado; portanto, a crítica contesta a fixação do "universo da realidade" (*omnitude realitatis*) como paisagem ordenada e hierarquizada na qual até "as essências das ações do homem se imbricam", dizendo-se que, em suas essências, tais atos "*eram o que são, necessária, universal, imutável e eternamente verdadeiros em si mesmos*" - posicionamento este que identificava o *realismo representacional* como um ponto de vista divino sobre as coisas e de difícil aceitação pelo homem contemporâneo.

Por contra, os defensores da fenomenologia existencial sustentam que "*qualquer descrição real da realidade objetiva pressupõe o "descobrimento" desta realidade mediante a "luz" da subjetividade*". Em teoria, esse "descobrimento" é um acontecimento que se pode situar no tempo e que tem um futuro. É a historicidade do sujeito.

---

<sup>46</sup> Respectivamente: (a) "**Manuscritos de 1844**", tradução francesa Molitor, vol. VI, p.28; (b) "**La Sainte Famille**", Molitor, Vol.II,p.167; (c) Manuscritos, ib.pág..33. Apud Gurvitch, Georges: "**A Vocaçào Actual da Sociologia –vol.II: antecedentes e perspectivas**", tradução da 3ª edição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957). Cf.p.286

<sup>47</sup> Gurvitch, Georges: "**A Vocaçào Actual da Sociologia –vol.II**, Op Cit, Ibidem.

<sup>48</sup> Luypen, W. : "**Fenomenología del Derecho Natural**", tradução Pedro Martín Cámara, Buenos Aires, editor Carlos Lohlé, 1968, 268pp.(1ª edição em neerlandês). Cf. p.108 sq, p.111 sq, p.130-134



A verdade como posse humana comporta riscos, já que o sujeito, se ele “*comparte da verdade como desocultamento*”, ele não se limita a ser sujeito existente passivo (“ego cogito”), mas pode adjudicar às coisas toda a classe de significações, pois “*pensa que as vê*”.

Assim entramos na “*doutrina do homem como existência*” e notamos que quem está no primeiro plano da ordem do conhecimento é o sujeito sumido no mundo vivido como complexo de significações, e esta elevação é descoberta através de uma *Gestalt* ou configuração em atitude – a que a fenomenologia existencial refere “a experiência original do mundo da vida”, fundamento da experiência científica *à medida que esta é um “retornar a esse mundo anterior ao conhecimento”*.

O complexo de significações dentro do qual está imbricado o sujeito não é um ato apenas mental, mas é “o próprio ser do homem como existência”, ao qual Husserl chamará “intencionalidade funcional” ou “vida que experimenta o mundo”, a primeira e primordial afirmação de significado.

Nessa afirmação em que o sujeito é o “reconhecimento da autonomia do significado”, o fenomenólogo se distancia tanto do materialismo como do espiritualismo.

Quer dizer, “*a fenomenologia existencial define o homem como sujeito, porém sujeito que se encontra imerso em coisas materiais*”, de tal sorte que “*as coisas mundanas co-determinam o que é o homem*”. Em conseqüência, não se pode deixar o mundo à margem do pensamento sem que se elimine o próprio homem e, reciprocamente, estando as coisas materiais sinalizando para o sujeito, ao deixar-se esse sujeito à margem do pensamento, se eliminam também do pensamento, ademais de todos os significados, o próprio homem.

---

A filosofia não se perguntou pelo tipo de herança, pela forma de ser do povo, pelas forças e poderes reais que constituem a história.

---

► Sem dúvida, os primeiros críticos do existencialismo como Herbert Marcuse<sup>49</sup> aceitaram que o sentido do existencialismo filosófico era recuperar em face do sujeito lógico e abstrato do idealismo racional a concretude plena do sujeito histórico, quer dizer *suprimir o domínio inco-movível do “ego cogito”, que se estende desde Descartes até Husserl.*

- “A posição de Martin Heidegger até sua obra “**Ser e Tempo**” dá testemunho da linha mais avançada da filosofia nesta direção”.

A análise crítica de Herbert Marcuse se atém ao que ele qualifica de “reação” a este sentido de concretude histórica: posteriormente “*a filosofia evitou, por boas razões, examinar de mais perto a faticidade material da situação histórica do sujeito ao qual se refere*”.

Aqui se detém a concretude, aqui a filosofia se limita a falar da “vinculação de destino”, do povo, da herança que cada um tem que aceitar, da comunidade da geração, enquanto as outras dimensões da faticidade são deslocadas para o plano da existência inautêntica.

---

<sup>49</sup> Marcuse, Herbert : ‘**Cultura y Sociedad**’, tradução E.Bulygin e E. Garzón Valdés, Buenos Aires, editorial Sur, 3ª edição, 1968, 126pp. (1ª edição em Alemão, Frankfurt, Suhrkamp, 1965). Cf. págs. 37 sq.



---

A filosofia não se perguntou pelo tipo de herança, pela forma de ser do povo, pelas forças e poderes reais que constituem a história. Marcuse sentencia: dessa maneira, a filosofia renunciou a toda possibilidade de poder conceber a faticidade das situações históricas e de valorá-las reciprocamente – renúncia essa que é patente na orientação dos fenomenólogos para separar a obra e o contexto, como em Paul Ricoeur<sup>50</sup>.

► Em contrapartida, a concretude do sujeito histórico para além da oposição espiritualismo ou materialismo, creditada ao ativo da fenomenologia existencial, tem sua vertente sociológica nas concepções do jovem Marx expostas nos “**Manuscritos de 44**” (Cf.ed.Molitor, op.cit.) em que a religião, a família, o Estado, o direito, a moral, a ciência, o espírito não passam de modos particulares da produção e estão penderes da ação global da mesma.

- Quer dizer, na realidade social, trata-se de um “*humanismo positivamente procedente de si própria, um humanismo positivo*” em que a ultrapassagem do dualismo das ciências naturais e das ciências humanas leva como vimos à constatação de que *qualquer ciência é uma atividade prática, e, portanto comporta um coeficiente humano cabendo à sociologia a missão de encarnar essa ligação* (cf. “Teses...”, op. cit.).

É a idéia do homem total e da sociedade total: a idéia de que, duas direções da mesma totalidade, *o homem encontra a sociedade na sua ação pessoal e na sua própria consciência individual, assim como a sociedade encontra a realidade humana individual em cada um de seus atos. Tal a concretude plena do sujeito histórico, como totalidade que entra em foco e se afirma em atitude ascética na fenomenologia de Ernst Bloch.*

---

<sup>50</sup> Ricoeur, Paul : ‘Interpretação e Ideologias’, organização, apresentação e tradução dos artigos originais em francês por Hilton Japiassu, Rio de Janeiro, editora Francisco Alves, 1977, 172pp. Cf.pág.53 sq.



## MILENARISMO E INSURGÊNCIA

### FRAGMENTOS DE LEITURA

#### Destaques

- *A montage na burguesia declinante exprime o vazio do mundo preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia que certamente não é a boa, mas que no caso limite pode servir de alavanca para a boa prestando também certa maneira de assegurar a antiga cultura (gótico tardio).*
- *A função utópica é uma pulsão imprescindível à autoconservação e se inscreve na extensão do desejo de ser mais bem aquinhado, que permanece irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial.*
- *Compreendendo as exaltações visionárias e o milenarismo, o gótico tardio (séculos XV e XVI) é o fenômeno cultural da ambiência tradicional mais enraizada no medievo do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade estética da cultura.*



## Títulos E Sumários Dos Parágrafos

O Princípio *Omnia Ubique* e a ligação entre a reflexão estético-sociológica e a literatura e arte de avant-garde.

- A montagem na burguesia declinante exprime o vazio do mundo preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia que certamente não é a boa, mas que no caso limite pode servir de alavanca para a boa prestando também certa maneira de assegurar a antiga cultura (gótico tardio).
- A constatação em Joyce de que o todo está por todas as partes permite desvelar a racionalidade no relativismo experimental da montagem em literatura e arte de avant-garde
- A preservação do *Omnia Ubique* nas ruínas das significações culturais é constatada através de uma fenomenologia em vias de se fazer pela redução das coerências em meras coincidências.

A tendência refratária ao espírito moderno, a *paysannerie* (“campesinato”) e a juventude.

- A atitude objetiva moderna da juventude burguesa na Alemanha dos Anos Vinte, naquele tempo em ausência de intenção se mostrará apenas exterior.
  - Em sua obra “*Le Príncipe Espérance*”, a função utópica é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à auto-conservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do desejo de ser mais bem aquinhado, o qual resta em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial.
- Para Ernst Bloch o problema é saber a que se deve o enraizamento obstinado da *paysannerie* germânica como espécie social com lastro na ambiência cultural do gótico tardio legado dos séculos XV e XVI.



### A Psicologia fenomenológica do tradicional na cultura.

- Ernst Bloch empenha-se em busca do campo estético como o concretamente utópico e constata que as formas pré-capitalistas jamais realizaram os conteúdos visados do solar, do solo, dos de-baixo, de sorte que estes focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.
- O problema da análise desenvolvida por Ernst Bloch é a coincidência no momento exterior: o opor não-contemporâneo do pequeno homem que coincide com as manifestações residuais da sociedade antiga sem implicar isto em correlação funcional com as formas pré-capitalistas.

### A análise do problema do legado do passado dentro do processus histórico.

- O legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último.
- Há que distinguir na análise do tradicional como positividade outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporânea.
- O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, a *lenda fabulosa mantida sem solução do velho ser obscuro da natureza*. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado.

O realismo Estético, a análise das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI e o elemento postulativo histórico-filosófico em obra: Descobrindo o gótico tardio no milenarismo.

- A arte criadora põe manifesto o típico ao mesmo tempo em que prefigura como ideal realista a possibilidade não realizada ainda, estimulando-a na realidade viva.
- Mesmo destacando constituírem as apetências econômicas as motivações mais razoáveis e constantes, a análise por Ernst Bloch visará a influência e-



---

xercida desde longe pelo evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos como níveis da realidade estética.

- Compreendendo as exaltações visionárias e o milenarismo como crença coletiva real, o gótico tardio (séculos XV e XVI) é o fenômeno cultural da ambiência tradicional mais enraizada no medievo do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade estética da cultura.
- Na literatura de avant-garde encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce.

### A Marcha do Gótico Tardio, a Renascença e a História das Heresias.

- A análise crítica do tradicional do ponto de vista da história das heresias põe em relevo na marcha do gótico tardio que se trata da própria configuração dinâmica da ambiência coletiva como um todo: a marcha do gótico tardio caracteriza com a cor da realidade todo o complexo cultural insurgente dos séculos XV e XVI.
- A história das heresias será diferenciada em relação à figura cultural de uma Igreja milenarista que, localizada no horizonte entre este mundo e o Mais-além, afirma o contraste de uma Igreja invisível sob a forma totalmente desconhecida pertencente ao tempo vindouro e ao Mais-além: a forma desconhecida da comunhão dos santos.
- Na Alemanha, a mentalidade comunitária e até mesmo a profundidade do sentimento de interioridade herdado do gótico tardio e do aprofundamento do tabu sacramental, se subtraindo ao fracasso político, foram se refugiar no âmbito do meramente afetivo e emocional.
- A partir da percepção do princípio cultural em alternativa à análise weberiana e situando-se não sob a mentalidade de acumulação capitalista, mas no horizonte da marcha do gótico tardio, Ernst Bloch encontrará a abordagem concreta para a nova formulação do velho problema do direito natural, no exame do qual terá em conta o catolicismo primitivo e a escolástica.



## MILENARISMO E INSURGÊNCIA

### O PRINCÍPIO OMNIA UBIQUE <sup>51</sup>

---

*O Princípio Omnia Ubique E A Ligação Entre A Reflexão Estético-Sociológica E A Literatura E Arte De Avant-Garde.*

---

- A montage na burguesia declinante exprime o vazio do mundo preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia que certamente não é a boa, mas que no caso limite pode servir de alavanca para a boa prestando também certa maneira de assegurar a antiga cultura (gótico tardio).

A reflexão estético-sociológica tem vertente poética no sentido filosófico do termo já contemplado por Aristóteles em vista de refletir a criação em arte e pode ser apreciada em íntima ligação com a literatura e arte de avant-garde, porém sob um modo que decorre da concepção mesma que Ernst Bloch nos comunica como orientando a composição de sua obra intelectual. Nesta se pode observar que a arte da montage está aplicada com a percepção de que a reflexão se elabora por partes intercambiáveis, partes estas que não atendem a ordem prévia alguma e o fio da meada que as une decorre somente da maneira como estão elas compostas em seqüências sucedendo um desiderato inicial.

A característica ab-norma encontrada, por exemplo, no Ulysse de Joyce é a mesma constatada *mutatis mutandis* no texto da reflexão de Ernst Bloch, notadamente em

---

<sup>51</sup> Sobre as edições originais em Alemão das obras de Ernst Bloch ver a Ernst Bloch Assoziation: [www.ernst-bloch.net](http://www.ernst-bloch.net).

---



**Héritage de ce Temps**<sup>52</sup>. Não que essa característica releve de um estilo personalista ou extravagância para com a reflexão filosófica no contexto da modernização. Pelo contrário. Tomando em conjunto, por um lado, o plano das idéias, procedimentos, métodos e, por outro lado, o plano das práticas, modos, atitudes, notamos que toda a reflexão e a filosofia desenvolvida na obra deste pensador do Século XX são fundadas na percepção de um **tempo de transição**, um tempo que está às vésperas de se orientar em uma nova direção, portanto, **em ausência de intenção**.

- Para traçar um paralelo com outro pensador contemporâneo, notamos que em Theodor W. Adorno<sup>53</sup> o elo com a literatura e a arte de avant-garde é exercido como Crítica da Cultura; por sua vez encontramos em Ernst Bloch para começar várias análises do vazio cultural correspondendo aos níveis em profundidade da realidade estética da cultura na estrutura de classes. Inserido no contexto artístico dos Anos Vinte confrontado à intensa modernização e ao acelerado crescimento industrial, este autor aí interpela na decadência da cultura liberal e do individualismo a outra face da modernização, onde a *standardização* e o mundo administrado da comunicação social apenas se colocavam em perspectiva no horizonte da reflexão estético-sociológica.

Todavia, não se pensa que a ausência de intenção tenha equivalência com alguma visão arbitrária da atividade artística como montage. Longe disso. Se a obra intelectual e artística é desprovida de ordem prévia e suas partes são intercambiáveis, com o interessado nela ou seu apreciador desempenhando ele próprio o papel novador ao combinar desde seu ponto de vista as partes intercambiáveis no horizonte da obra, isto não significará, em absoluto, a completa irracionalidade do contexto, destruição total das coerências ou significações culturais.

O exemplo disto provém do enlace da burguesia e da cultura. O relativismo anuncia a fissura na superfície fechada da realidade da cultura favorecendo a montage no sentido das combinações anormais da grande burguesia com os movimentos culturais alheios à modernização na industrialização. Quer dizer, o relativismo assim adotado e praticado conhece bem, exatamente por ser praticado, a figura estranha, destoante da normalidade e experimental dessas ruínas na superfície fissurada da realidade da cultura.

Segundo Ernst Bloch será com esse relativismo das ruínas que, todavia, a burguesia declinante, liberal, transmitirá ainda uma cultura ou fará transmiti-la: uma cultura que visa o homem sob um feitiço muito estranho, que atualiza certa maneira de proceder marcada com todo o caráter negativo do vazio, mas tendo também, em modo mediato, certo caráter talvez positivo de transportar as ruínas em outro espaço que se opõe ao contexto habitual.

Por outras palavras, a montage na burguesia declinante exprime o vazio do mundo dela, preenchido pelas coincidências de uma história dos fenômenos, uma fenomenologia, que certamente não é a boa, mas que no caso limite pode servir de alavanca para a boa prestando também uma maneira de assegurar a antiga cultura<sup>54</sup>. Portanto, a ausência de intenção deve ser entendida no sentido dessa fenomenologia em caminho, em vias de se fazer como reencontro estranho da antiga cultura (o Gótico) e do individualismo.

---

<sup>52</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps* (Erbschaft dieser Zeit, Zürich, 1935), tradução de Jean Lacoste, Paris, Payot, 1978, 390 pp.

<sup>53</sup> Ver neste e-book o artigo Crítica da Cultura e Surrealismo

<sup>54</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, p.211. Como se verá adiante, no termo *antiga cultura* Ernst Bloch tem em vista o Gótico tardio.



- A constatação em Joyce de que o todo está por todas as partes permite desvelar a racionalidade no relativismo experimental da *montage* em literatura e arte de avant-garde

Desta sorte, o princípio de circularidade da reflexão filosófica (*omnia ubique*) parece preservado na intercambiabilidade das partes aos olhos dessa mirada fenomenológica concreta que, no vazio, rastreia traços microscópicos de cultura, mesmo sendo tal intercambiabilidade desprovida do movimento em espiral do sistema idealista dedutivo (Hegel). Sem dúvida essa mirada é reforçada graças à constatação do *omnia ubique* sem o dedutivismo em Joyce, onde, observando inclusive a sua *micrologia*, o todo está por todas as partes, constatação esta que permite desvelar a racionalidade no relativismo experimental da *montage* em literatura e arte de avant-garde, alcançando a própria obra de reflexão estético-sociológica <sup>55</sup>.

Aliás, essa analogia do procedimento artístico com a obra filosófica está posta em relevo a respeito do proceder do próprio Hegel no seguinte trecho de Ernst Bloch, fazendo sobressair o efeito de espelho aplicado na montagem do caleidoscópio: “(...) *uma obra como a de Hegel, feita de tantas camadas forma um só livro, concretamente maduro. Digamos mais: no caso de Hegel era menos difícil ficar ligado a sua estrela, isto graças ao princípio que lhe é imanente: Omnia Ubique, o todo está por todas as partes, princípio do qual está pleno cada um dos conjuntos múltiplos que nele constitui a relação dialética sujeito-objeto. Esse princípio vem de Nicolas de Cusa e de Leibniz, mas o efeito de espelho que o mesmo implica fazendo que cada parte não cesse de refletir o todo é, finalmente, o que garante ainda a unidade de Hegel na sua diversidade dialética*”.

- Mas não é tudo. Há duas extensões do *Omnia Ubique* nos mostrando o alcance fenomenológico deste princípio. **Primeiro:** que daí provém o mesmo *conhece-te tu mesmo*, encontrado em cada um dos degraus ou em cada uma das espirais ascendentes de **A Fenomenologia do Espírito**, de Hegel; **segundo:** que daí procede igualmente **a exigência para Hegel de que “em cada um dos conjuntos estruturais dialéticos arbitrariamente postos de parte, se esteja em medida de ver todos os mil outros, à única condição de que a mirada do sujeito considere como é preciso considerar o existente, que não cessa de se dividir, de se apaziguar e de novo se dividir”**<sup>56</sup>.

A preservação do *Omnia Ubique* nas ruínas das significações culturais é constatada através de uma fenomenologia em vias de se fazer pela redução das coerências em meras coincidências.

Se o caráter arbitrário do procedimento modelar da fenomenologia é acentuado nesse trecho que acabamos de ver é porque a intercambiabilidade

<sup>55</sup> Cf. *Ib*, p. 208.

<sup>56</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Sujet-Objet: éclaircissements sur Hegel*, Gallimard, 1977, pág.34. (Edição em Alemão: *Subjekt - Objekt: Erläuterungen zu Hegel*, Berlin 1951; Editado em castelhano: *El pensamiento de Hegel*. Tradução Wenceslao Roces Mexico City/Buenos Aires 1949). Ver Lumier, Jacob (J.): “A Crítica Dualista na Leitura de Hegel: uma reflexão a partir de A.Kojévè”, 2006, pdf, neste Website.



das partes não se apresentava como realidade estético-sociológica da cultura, a realidade aberta, à época e aos olhos de Hegel, e ainda não se podia falar com Ernst Bloch de uma "*fenomenologia em caminbo*". Nada obstante, a mirada para o existente está efetivamente suscitada, e se quisermos examinar com profundidade o mencionado paralelismo da reflexão estético-sociológica e da literatura e arte de avant-garde devemos fazê-lo pausadamente.

- Vimos que a preservação do *Omnia Ubique* nas ruínas das significações culturais é constatada através dessa *fenomenologia em vias de se fazer pela redução das coerências em meras coincidências*. A partir dessa constatação, devemos ter em conta (a) - que essas coincidências não são apreendidas diretamente e sim em modo mediato, posto que produzidas pela montagem na burguesia; (b) - que nesse modo mediato se antecipa a perspectiva do mundo *standardizado* da comunicação social<sup>57</sup>.

Neste ponto, várias considerações se impõem para explicitar como a mirada para o existente é conseguida no contexto da arte referido por Ernst Bloch, em que a extensão da indústria cultural no mundo fissurado da coisificação não gerou ainda as formas de vida completamente identificadas ao Sempre Igual.

Com efeito, no contexto posterior assimilado nessa identificação ao Sempre Igual, e em relação ao sujeito da consciência *standardizada*, Theodor W. Adorno distinguirá o *homem obnublado* como material do personagem neurótico característico da literatura de avant-garde, enquanto Ernst Bloch, por sua vez, terá que exercer a mirada para o existente sob outra configuração e como já o dissemos a encontrará no *reconhecimento do contraditório*.

Quer dizer, no contexto artístico do tempo de transição (ausência de intenção) vivido nos Anos Vinte, a linha configurando a equivalência das partes que levará à produção e re-produção do Sempre Igual não está ainda afirmada sobre a contradição, de sorte que a relativização em obra na intercambiabilidade das partes está ainda em franca atividade.

Daí aquele desdobramento que já notamos em que o elemento dessa relativização leva ao reconhecimento do contraditório pela grande burguesia como o *ab-normal* na intensa modernização, precipitando sua aproximação com os movimentos alheios ao mundo da sociedade industrial (a *montage* na burguesia, reduzindo as coerências em coincidências).

Esse desdobramento levará Ernst Bloch a diferenciar elementos muito antigos imiscuídos na cultura e não neutralizados ainda naquele contexto conturbado, sendo a tais elementos complexos que chamará **não-contemporaneidade**. Chegará assim esse autor às análises sobre o homem obnublado, em letargia de pensamento, como material artístico, por um viés antecedendo à predominância do Sempre Igual, mas relevando do reconhecimento do contraditório no vazio cultural.

Buscará o homem obnublado em meio à expressão do impacto da modernização/industrialização acelerada (surgimento das grandes fábricas, grandes usinas, cidades industriais, etc., em curto espaço de tempo) sobre as massas e os setores sociais ainda não plenamente integrados e mais vulne-

---

<sup>57</sup> Embora seja um capitalismo tardio, lembre-se que a Alemanha nos anos vinte e trinta já vivia no tipo de sociedade global do capitalismo organizado e dirigista, onde a antiga cultura herdada do gótico tardio combinada às sobrevivências econômicas pré-capitalistas coexistiam com a intensa modernização e acelerada industrialização.



---

ráveis àqueles elementos muito antigos<sup>58</sup> que, herdados através do gótico tardio, não se misturam, mas se intrrometem<sup>59</sup>.

---

*A tendência refratária ao espírito moderno, a paysannerie e a juventude.*

---

Com efeito, nessas análises se põe em relevo que a busca do existente, do diverso, do homem obnublado como material artístico se efetua através da constatação de uma tendência refratária ao espírito moderno, o espírito da máquina e da racionalização.

O primeiro passo no estudo dessa tendência refratária atuando no capitalismo tardio da Alemanha dos Anos Vinte se faz a partir da descrição de certas espécies de vida social mais facilmente observadas por sua dificuldade de integração na modernização acelerada. Para este fim Ernst Bloch utilizará com alcance sociológico a noção de espécie, aproveitando a procedência biológica deste termo que guarda o elemento muito antigo do ancestral.

Como conjuntos de indivíduos que se reproduzem, as espécies sociais se afirmam no campo mikro da realidade da cultura não por um caráter coletivo, mas sim pela reprodução de um elemento muito antigo, ancestral, o caráter coletivo sendo tirado dos conjuntos mais amplos na superfície, em relação aos quais os primeiros se diferenciam exatamente como espécies. Ernst Bloch nos diz que uma espécie recomeça sempre e que vem de muito longe, remarcando no "campesinato" (paysannerie) esta última qualidade, enquanto a primeira é reservada à juventude, a qual será estudada, sobretudo no interior da classe burguesa<sup>60</sup>.

A atitude objetiva moderna da juventude burguesa na Alemanha dos Anos Vinte, naquele tempo em ausência de intenção se mostrará apenas exterior.

Assim, a atitude objetiva moderna da juventude burguesa na Alemanha dos Anos Vinte, naquele tempo em ausência de intenção se mostrará apenas exterior. Ao invés do apego moderno ao pensamento analítico e aos cálculos, o que se observa é o antigo gosto das qualidades viris conquistadas, do vigor e da franqueza; é o estilo apaixonado e ardente que aparecem mais fortes e valem mais do que as doutrinas.

- No dizer de Ernst Bloch, as palavras exaltantes parecem mais exatas à juventude do que as palavras investigativas; os costumes parecem mais belos do que as cidades em modernização. Suas análises visam mostrar que os sonhos passados, compreendidos no sentido já mencionado de ati-

---

<sup>58</sup> Ernst Bloch distingue a cultura antiga – o Gótico atualizado através do Gótico Tardio no século XVI – e neste diferencia os elementos muito antigos: o reflexo de *antigos interditos*, de antigas leis e de velhos demônios da ordem, como que a fluírem nas águas subterrâneas dos pecados e dos sonhos pré-israelitas que afloram à superfície nos períodos de decadência. Veja-se anteriormente o artigo *A Arte da Montage e a Modernização*.

<sup>59</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, pág. 95 sq.

<sup>60</sup> Cf. ib. pp. 96, 97 sq.

---



vidade onírica in-dormida<sup>61</sup>, se associam na juventude à inquietação orgânica de maneira propícia aos movimentos de exaltação personalista, como eram aqueles movimentos alheios à modernização compostos pela montagem na burguesia.

O modo de ser dos adolescentes leva-os a formar facilmente seus clubes procurando fazer amigos e buscando, sobretudo um pai que freqüentemente não é o seu verdadeiro pai no sentido de comungar em os mesmos ideais. Os jovens eram seduzidos pela imagem feudal do herói cavaleiresco das antigas ordens estamentais.

Em sua obra “**Le Príncipe Espérance**”, a função utópica é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à autoconservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do desejo de ser mais bem aquinhado, o qual resta em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial.

- Portanto, tendo em conta os fanatismos de era pródiga a Alemanha dos Anos Vinte, a análise irá buscar nesse modo de ser dos adolescentes o exemplo que serve para compreender como a juventude era fácil de seduzir para ingressar em pequenos grupos com um líder conhecido no topo. Por esta via, destaca-se a facilidade dessa juventude burguesa alemã em deixar-se seduzir para participar em associações com juramento de sangue como então havia e aparecia como anormal para a grande burguesia.

Quanto ao exame na paysannerie germânica dessa tendência refratária ao espírito da máquina e da racionalização, será o apego ao solo antigo que se imporá como elemento ancestral. Entretanto, antes de nossa exposição a respeito disso, devemos sublinhar o alcance filosófico das análises desenvolvidas por Ernst Bloch.

Trata-se de estabelecer a eficácia diferenciada em nível das superestruturas dos sonhos passados como atividade onírica in-dormida e, por esta via, preparar o estudo da função utópica.

Com efeito, no realismo estético de Ernst Bloch a função utópica é enfocada como o conteúdo que em estado de princípio cada um pode encontrar em os diferentes Nós que apreende e que por este mesmo estado de princípio, *por aspiração*, a arte pode pôr no horizonte que lhe é essencial.

Em sua obra de 1954 intitulada “**Le Príncipe Espérance**”<sup>62</sup>, a função utópica é estabelecida no conhecimento filosófico como pulsão imprescindível à autoconservação, sendo a partir dessa compreensão que Ernst Bloch a classificará na extensão do desejo de ser mais bem aquinhado, o qual resta em fato e necessariamente irrealizado no estado de atenção, base fenomenológica de toda a comunicação existencial. Haverá, pois que distinguir dentre as imagens simbólicas ideais em que a sociologia estuda a moralidade ideológica aquelas outras que, ultrapassando-as, devem ser compreendidas notadamente como **imagens-aspiração**. Vale dizer, se incluem nestas

<sup>61</sup> Ver sobre esta noção de sonho como atividade onírica in-dormida o artigo A Arte da Montagem e a Modernização na Filosofia Literária de Ernst Bloch: comentários sobre Joyce e o surrealismo, neste website.

<sup>62</sup> Bloch, Ernst: *Das Prinzip Hoffnung*, 3 vol., Berlin 1954/1955/1959. Tradução francesa **Le Principe Espérance**, vol. 1, Paris, Gallimard, "Bibliothèque de philosophie", 1976.



imagens-aspiração as anteriormente mencionadas imagens formadas de sonhos passados, as imagens diferenciadamente formadas pelo elemento onírico da arte e que integram o ideal estético realista ou entealequial, sendo exatamente os sonhos passados que servem de critério da não-contemporaneidade.

Para Ernst Bloch o problema é saber a que se deve o enraizamento obstinado da paysannerie germânica como espécie social com lastro na ambiência cultural do gótico tardio legado dos séculos XV e XVI.

Todavia, não se pensa que os conhecimentos sociológicos restam desatendidos na abordagem de Ernst Bloch.

Em sua análise da paysannerie são considerados aqueles bem conhecidos aspectos sociológicos relevantes da sobrevivência do modo de produção pré-capitalista, tais como: ser o campesinato uma classe possuidora dos próprios meios de produção; utilizar ela as máquinas agrícolas fazendo-o, porém no quadro antigo extensivo à fazenda e ao campo ao seu redor; o desconhecimento em tal ambiência tradicional da figura do fabricante capaz de introduzir o ofício de tecer mecânico e as atividades manufatureiras correspondentes; neutralização das oposições econômicas entre explorados e exploradores devido ao desempenho do papel de patriarca ativo pelo rurícola rico apesar das diferentes relações de propriedade, etc.

Todavia, a análise dialética vai mais longe. Se estes aspectos da morfologia social têm validade para acentuar ou reforçar a tendência refratária à modernização não definem por si sós o conteúdo não-contemporâneo autêntico da paysannerie, nem explicam completamente o sentimento dos rurícolas de representarem um estamento em permanência relativamente unido.

Para Ernst Bloch, o problema é saber a que se deve o enraizamento obstinado da paysannerie germânica como espécie social tendo vínculos na ambiência cultural do gótico tardio, legado dos séculos XV e XVI.

► Quer dizer, o enraizamento obstinado da paysannerie deve ser compreendido (a) – como se afirmando no exterior da propriedade dos meios de produção pré-capitalistas e (b) – como originado da própria matéria que eles trabalham, os entretém e os alimenta em modo imediato; (c) – deve ser compreendido como parte do seu próprio corpo, a saber: *que os rurícolas das regiões mais vinculadas ao medievo são colados no solo antigo e no ciclo das estações.*

Tal o conteúdo autenticamente não-contemporâneo da tendência refratária à modernização na paysannerie germânica, que servirá a Ernst Bloch, inclusive como referência para explicar a persistência da forma gótica. Ou seja, além de uma mentalidade cheia de uma velha desconfiança afirmada no idiotismo, no embotamento, na tradição do costumeiro e da fé, *o senso de ser ligado no solo e na fazenda e o individualismo do rurícola germânico mostram a persistência da forma gótica nas mansões, nos móveis, e nos costumes campesinos como realidade da cultura* <sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, pp. 98, 99.



---

## A Psicologia fenomenológica do tradicional na cultura

---

Se quisermos fixar o esquema básico da sociologia literária de Ernst Bloch poderíamos começar por dizer que se trata de um estudo do tradicional na cultura (a) – considerado em oposição ao tempo presente do capitalismo dos Anos Vinte: o tradicional considerado efetivamente na tendência refratária à modernização acelerada; (b) – o tradicional como um campo estético diferenciado no âmbito das superestruturas.

A análise dialética por Ernst Bloch vai mais longe do que o exame das correlações entre a tendência refratária à modernização e as formas pré-capitalistas sobreviventes.

Buscando as manifestações dos sonhos passados como elementos oníricos indormidos e artísticos do tradicional na cultura, essa análise põe em relevo a eficácia estético-sociológica das *imagens da interioridade apaziguante* que têm por focos o solar, o solo, os de-baixo<sup>64</sup>.

Numa abordagem de estratificação social, descobre-se a *psicologia coletiva* (fenomenológica) dos de-baixo como sendo relacionada à figura psicossociológica concreta do *pequeno homem* – o tipo humano-social mediano da antiga pequena burguesia alemã – e abrangendo em linguagem sociológica (a) - a camada, ou melhor, a capa dos empregados definida por distância social em relação aos peões de fábrica, (b) - a pequena burguesia antiga empobrecida em consequência do progresso das corporações e por isso decepcionada.

Por esta via, se distingue inicialmente *duas situações*, seguintes:

► primeiro ponto: as imagens aparentemente relevantes dos determinismos sociais das formas pré-capitalistas, como imagens nas quais o *pequeno homem* que perdeu posição e aspira a recuperar o dinheiro perdido se encontra de soslaio, furtivamente, mas está integrado no tempo presente do capitalismo. Se este *pequeno homem oblíquo* pode vir a integrar as fileiras do fanatismo, do *abnormal*, não será em modo definitivo posto que baste sua situação econômica melhorar para que ele deixe de ser brutal. Observado sobre um fundo de desvario e entontecimento destaca-se que a modernização intensa trouxe ao *pequeno homem* a embriaguez da distração na mesma proporção em que acentuou a confusão de medo e piedade<sup>65</sup>. Para Ernst Bloch este *pequeno homem oblíquo* não deseja outra coisa que tornar a ser doméstico e recuperar sua sujeição a um senhor feudal, *buscando a obediência* com apego à ordem e hierarquia.

► Entretanto - este é o segundo ponto - toda a outra coisa são as *imagens da interioridade apaziguante no sentido de harmonização*, afirmadas pelo *pequeno homem* no curso de

---

<sup>64</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, pp.103, 107 sq, 111.

<sup>65</sup> Sobre a confusão de medo e piedade, ver neste Website o citado artigo *A arte da Montage e a Modernização na Filosofia Literária de Ernst Bloch: comentários sobre Joyce e o surrealismo*.



sua experiência da modernização como entontecedora, imagens estas de procedência recente se comparadas às imagens feudais de busca da obediência. Consta-se que as *imagens da interioridade apaziguante*, embora revelem um apelo que não atrai vantagens ou recompensas como as *imagens da obediência* atraem, são, todavia, representadas como imagens que já aparecem desgastadas, desbotadas, desanimadoras.

Desta maneira a análise classifica no primeiro ponto as imagens em que o pequeno homem vê a si mesmo em seu atraso cultural e social como integrante do capitalismo. No segundo ponto classifica as imagens diferenciadas em que o pequeno homem simplesmente não se vê, não vê onde ele está embora ele esteja totalmente no tempo presente do capitalismo, só que ele aí está em maneira amesquinhada e anestesiada.

Ernst Bloch empenha-se em busca do campo estético como o concretamente utópico e constata que as formas pré-capitalistas jamais realizaram os conteúdos visados do solar, do solo, dos de-baixo, de sorte que estes focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de intenções insatisfeitas.

Mas não é tudo, e o esquema da análise dialética aprofunda na fenomenologia concreta. Ernst Bloch empenha-se em busca do campo estético como o concretamente utópico. As formas passadas ou pré-capitalistas jamais tornaram em fatos realizados os conteúdos visados do solar, do solo, dos de-baixo, de sorte que estes focos do tradicional na cultura já guardam desde o começo a qualidade de **intenções insatisfeitas**.

Além disso, notando que estas *intenções insatisfeitas* passam ao longo da história por contradições veladas, Ernst Bloch as examinará desde a colocação em perspectiva filosófica, para além da psicologia representacional, tratando-as como conteúdos intencionais não ainda trazidos à luz do passado na realidade da cultura – orientação esta que o levará a definir o campo estético em eficácia como o concretamente utópico.

► A partir dessa orientação para a fenomenologia concreta torna-se possível, portanto penetrar na psicologia (fenomenológica) do tradicional. A análise dialética descobrirá então o seguinte: (a) – que foram extintos os deveres, os ramos da cultura e estado mental da antiga pequena burguesia; (b) – que, oculto sob essa extinção, o *pequeno homem se ressentido da falta de alguma coisa habitual, psíquica, móbil*, e (c) – que este algo habitual em falta não é uma coisa somente econômica, mas é uma carência profunda que no seu ser ele opõe ao tempo do capitalismo.

Entrementes a análise passa a um grau maior de complexidade ante a constatação de uma coincidência na afirmação deste opor ou contrapor no ser do pequeno homem ao tempo mesmo do capitalismo.

Ou seja, o opor dessa *ausência ressentida* é afirmada desde o âmbito interior do sujeito em feição apática e morna, enquanto no âmbito da vida exterior é afirmada junto com os vestígios estranhos inseridos no tempo presente do capitalismo, é afirmada coincidentemente com os vestígios dos tempos antigos pré-capitalistas que restaram.

Daí, dessa *coincidência complexa*, decorre certas características da psicologia fenomenológica do tradicional, como *psicologia em ausência de móbil*, que em realidade configuram as características do campo estético.



O problema da análise por Ernst Bloch é a coincidência no momento exterior: o opor não-contemporâneo do pequeno homem que coincide com as manifestações residuais da sociedade antiga, sem implicar isto em correlações funcionais com as formas pré-capitalistas.

Com efeito, o problema da análise dialética é a coincidência no momento exterior, o opor não-contemporâneo do pequeno homem que coincide com as manifestações residuais da sociedade antiga sem implicar isto em correlações funcionais com as formas pré-capitalistas.

Assim, posto não se verificarem correlações funcionais, Ernst Bloch assinalará não só a ausência de equilíbrio da carência profunda contraposta neste opor, por isso designado um opor não-contemporâneo, mas classificará igualmente *desequilibrada a contradição mesma em opor aquela carência profunda*.

- Isto será feito por duas razões, seguinte: (a) – porque essa notada contradição encontra-se em *desalinhamento* com as formas pré-capitalistas residuais; (b) – porque essa notada contradição constitui o *fator de ativação* dessa outra contradição interligada que é a modernização, por sua vez em contradição com a consciência da sociedade antiga, funcionalmente correlacionada esta sim àquelas formas pré-capitalistas.

Aliás, Ernst Bloch observa que a contradição da modernização com a consciência da sociedade antiga que é funcionalmente correlacionada às formas pré-capitalistas, constitui o caso que, por exemplo, se assinala na consciência do "campesinato" (*pay-sannerie*), lá onde equivocadamente o campesinato se percebe a si próprio como um estamento, à feição dos grupos tradicionais que caracterizaram as ordens feudais de *chevalerie*.

- Mas não é só a explicitação dessa consciência extemporânea que a constatação da coincidência complexa nos apresenta. A carência profunda contraposta e a contradição no opor não-contemporâneo do pequeno homem comportam variação conforme a colocação em perspectiva do shock histórico no quadro social mais amplo no qual o pequeno homem está inserido.

Acrescente-se que o caráter desalinhado da não-contemporaneidade dessa psicologia fenomenológica, provinda de antigas intenções insatisfeitas, deixa transparecer o que Ernst Bloch classifica como sentimento de cólera recalçada: um rancor excluído do campo consciente, mas permanecendo intacto em sua força na vida psíquica dos indivíduos.

Na medida mesmo de tal transparecer são notados os dois eixos de variação da não-contemporaneidade dessa psicologia de ausência de móbil, a saber:

- (a) – em época apaziguante essa cólera recalçada mantém-se próxima da feição apática e morna com que a ausência ressentida do algo habitual em falta afirma-se subjetivamente, podendo, todavia, aparecer ou como atitude exasperada ou como atitude meditativa, mas em todo o caso



uma atitude daquele que se recolhia na intimidade de uma vida social que ele não mais acompanhava;

(b) – entretanto, esta configuração se altera sob a época desordenada da modernização/industrialização acelerada dos Anos Vinte na Alemanha, como região mais enraizada no medievo, e o recalque poderá então irromper como a rebelião da cólera retida, notada exatamente a partir da ativação não só da consciência coletiva de outra época, antiga, mas da ativação do próprio ser coletivo que lhe é subjacente.

Segundo Ernst Bloch – e este será o coroamento do momento inicial desta análise em busca do campo estético, como o concretamente utópico que expusemos nos parágrafos anteriores – tal potência daquela psicologia coletiva em ausência de móbil deve ser interpretada a partir dos rastos e das lacunas de certa expressão romântica (que nosso autor descreverá em certas formas literárias, como veremos).

Ou, no dizer do próprio Ernst Bloch, deve ser interpretada tomando por base a constatação de que a pequena burguesia tradicional embeleza no presente do capitalismo o passado cultural: ela põe a tal presente suas antigas aspirações não realizadas, misturadas ao melhor relativo do passado.

Entretanto, este embelezar estético do passado tem um componente trágico que, todavia, é concretamente utópico. Componente este que não é limitado ao fato de que o melhor relativo embelezado são os aspectos das formas pré-capitalistas, cujos vestígios já estão ultrapassados no presente do capitalismo em acelerada modernização.

Por esta via, o componente trágico no embelezar do passado que é também um componente concretamente utópico põe em relevo o modo do opor do pequeno homem, como sendo um modo não-contemporâneo.

Isto porque se trata de um opor afirmado em face de um tempo presente no qual até mesmo a última satisfação também desapareceu – juntamente com os aspectos das formas pré-capitalistas de onde (pelo embelezar do passado) se tirava alguma satisfação estética<sup>66</sup>.

Tal o **concretamente utópico** que define o campo estético em eficácia – portanto, não isento do componente trágico – diferenciado no âmbito das superestruturas ao século XX, para as regiões mais enraizadas no medievo.

---

<sup>66</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, pp. 108.



---

## *A análise do problema do legado do passado dentro do processus histórico.*

---

O legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último.

- Neste ponto, a reflexão filosófica sobre os resultados do momento inicial da análise realista estética compreende uma orientação metodológica sobre o problema crítico histórico do modo de produção capitalista, que é uma orientação tirada do contexto dos anos vinte na Alemanha. Ou melhor, compreende o alcance metodológico positivo e racionalista do concretamente utópico na análise do tradicional nas superestruturas.
- Segundo Ernst Bloch, a análise do problema do legado do passado dentro do processus histórico – dentro, e não somente nos limites do mesmo, como a etnologia estuda as sociedades arcaicas – leva a valorizar a cultura antiga herdada do gótico e atualizada no século XVI (gótico tardio), em vias de desaparecimento ante a intensa modernização/industrialização de um capitalismo então soberano e já corporativo naquela época de transição.
- Por um lado, trata-se de um problema encaminhado pelas contradições entre as forças produtivas desencadeadas e as relações de produção, ditas contradições contemporâneas. Por outro lado, trata-se de um problema cujo equacionamento põe em relevo que essas contradições se alimentam em parte da matéria que a contradição não-contemporânea por sua vez não encontra no tempo presente, e busca de feição tão oblíqua no passado.
- Quer dizer, a matéria das contradições contemporâneas não é somente a matéria das forças produtivas muito presentes ou desencadeadas com a modernização, mas é também a negatividade extrema de tal situação. No dizer de Ernst Bloch, é o homem ou o proletário alienado, é o trabalho alienado, é o fetiche da mercadoria, em suma é a inconsistência do nada, do vazio, negatividades reificadas essas que, prossegue o nosso autor, conduzem por esta razão a um **renversement dialectique**, e se conduzem a isto é por efeito de uma seqüência racionalista própria ao presente capitalista.
- Desta forma, enfatizando que o legado do passado dentro do processus histórico como matéria das contradições contemporâneas não pode ser adequadamente contemplado caso o enfoque seja limitado ao capitalismo como ao presente em seu estágio último, a reflexão filosófica de Ernst Bloch põe em questão me-



---

todológica tal *seqüência racionalista*, acentuando por contra o *elemento positivo que essas negatividades reificadas comportam*.

- Diz-nos que esse elemento positivo se encontra no interior da contradição contemporânea e de sua matéria, no interior das negatividades reificadas, e se apresenta sob a forma de "*alguma coisa que falta*", se apresenta como a aspiração ao homem completo, ao trabalho não alienado, ao paraíso terrestre.
- Há, pois que distinguir na análise dialética do tradicional, como positividade, outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporânea <sup>67</sup>.
- A distinção dessa matéria diferenciada surgirá em contraponto à seqüência racionalista das negatividades reificadas. Modo de contraponto exigido em face do conteúdo fictício subjacente ao caráter abstrato das seqüências conceituais. Quer dizer, na seqüência racionalista as negatividades reificadas passam por determinações *coisistas* inelutáveis da contradição, que, por mera suposição, levam imperiosamente ao *renversement*, o qual, por sua vez, torna-se desta maneira fictícia uma necessidade racionalista.

Há que distinguir na análise do tradicional como positividade outra matéria diferenciada: a matéria de uma contradição que se rebela a partir de forças produtivas absolutamente não-desencadeadas: que se rebela a partir de conteúdos intencionais de uma espécie que permanece sempre não-contemporânea.

Desta sorte, a sociologia literária de Ernst Bloch não somente incluirá a análise do tradicional, mas por via de aprofundamento no concretamente utópico constatado nas superestruturas, atenderá à orientação fenomenológica - posta em obra no estudo de tal positividade diferenciada.

- Por sua vez, nesse estudo se distingue de início uma universalidade velada, com a qual a espécie que permanece sempre não-contemporânea é em contato: é o elemento subversivo e utópico do homem, da vida, que não foi satisfeito em época alguma, o qual, no realismo estético de Ernst Bloch, será apreciado como o elemento postulativo propriamente histórico-filosófico.

Em seguida se nota que a positividade da espécie não-contemporânea é também em contato com as positivities que foram evocadas muito cedo contra o capitalismo como formas e elementos de uma matéria antiga. Tratando-se em realidade de conteúdos intencionais, essas positivities precoces serão apreciadas como momentos da contradição não-contemporânea, seguintes: (a) - os elementos positivos da burguesia revolucionária, dentre os quais a natureza da Arcádia, simbólico-bucólica, assumida por Rousseau; (b) - os elementos positivos misturados de elementos da Restauração; (c) - os elementos misturados de abdicação da revolução, classificados "ilusões de um passado não posto em dia", como o *Moyen Âge* do romantismo, incluindo neste, "o renascimento de um mundo hierarquizado em feição qualitativa e orgânica a partir dos espaços vazios do pro-

---

<sup>67</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, pp.111.



---

blema da coisa em si" (no sentido da insuficiência da crítica hegeliana ao kantismo de que nos fala Kierkegaard em **O Conceito de Angústia**<sup>68</sup>).

O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, *a lenda fabulosa mantida sem solução do velho ser obscuro da natureza*. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado.

Nesse aprofundamento fenomenológico do concretamente utópico, os momentos da contradição não-contemporânea já estão suscitados na vida do elemento que não foi satisfeito em época alguma e também já o estão na totalidade com vários níveis de realidade histórica ou de passado.

Quer dizer, essa vida da espécie que permanece sempre não-contemporânea e essa totalidade múltipla com a qual é em contato configuram o marco de onde se tira a matéria autêntica que: (a) – se opõe à alienação e que (b) – inspira, seja favorecendo o lado das forças da nova sociedade ou contemplando outros lados, o que Ernst Bloch classifica “o bravio de tornar in-domesticado” (no sentido da figura do “bom selvagem”, de Montaigne a Diderot; daquele que se esquia de relacionar-se com os homens e se apraz em viver sozinho e retirado). Mais ainda: o bravio do agarramento ao espaço, o bravio da natureza dionisíaca (extasiante, inspiradora, entusiasmante) e arcadiana embrulhadora (ou metamorfoseante). Em poucas palavras: na história literária da humanidade, as modalidades de tornar in-domesticado o bravio valem nessa filosofia estética histórico-crítica como manifestações da vida da espécie não-contemporânea.

Desta forma, se classifica essa vida utópica e essa **totalidade múltipla** (a) – como espécie humana sob o aspecto da criatura que não foi saciada (inclusive em sua aspiração); (b) – como a advertência profética e o testemunho de esferas (no sentido do conhecimento místico-simbólico) que, acentuando o alcance postulativo da matéria, exigem da própria reflexão filosófico-sociológica, na medida em que é uma reflexão desenvolvendo-se no âmbito do capitalismo, a formulação em termos do problema dessa totalidade com vários níveis de tempos passados. Note-se que Ernst Bloch ele próprio oferecerá em seu realismo estético uma formulação inicial dessa totalidade com vários níveis de tempos passados.

Trata-se de uma formulação que (a) – ultrapassa o cálculo abstrato e reducionista inerente ao capitalismo bem como ultrapassa a orientação em metade racionalista que lhe corresponde também; (b) – desenvolve uma orientação ascética a respeito das exigências da “natureza fabulosa”, tomada esta como não passando de um museu de todos os enigmas sem solução, o que levará nosso autor ao ideal estético realista.

Segundo Ernst Bloch como já o notamos o problema metodológico alcançando o modo de produção capitalista, o problema do legado do passado dentro do processus histórico não pode ser adequadamente apreciado caso a reflexão filosófico-

---

<sup>68</sup> Lembrem-se em especial as argumentações críticas de Kierkegaard sobre a insuficiência e até impropriedade do posicionamento de Hegel ao incluir o problema da passagem da quantidade à qualidade no sistema da Lógica. Ver também aqui, mais adiante, as observações de Ernst Bloch sobre a noção de *realidade essencial* na filosofia de Hegel.



sociológica se limite ao capitalismo como ao presente em seu estágio último. O fundamento da contradição não-contemporânea é o conto irrealizado do bom velho tempo, o mito literário, *a lenda fabulosa mantida sem solução do velho ser obscuro da natureza*. Nessa lenda fabulosa se encontra um passado não superado desde o ponto de vista do desenvolvimento das oposições econômicas, mas sob o aspecto material também é um passado que não foi ainda dignificado como passado <sup>69</sup>.

---

*O realismo Estético, a análise das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI e o elemento postulativo histórico-filosófico em obra: descobrindo o gótico tardio no milenarismo.*

---

► Neste ponto tem início o segundo desdobramento da reflexão estético-sociológica de Ernst Bloch, uma vez compreendido não só que a busca do campo estético, no primeiro desdobramento dessa reflexão, se realiza na constatação do concretamente utópico, mas que o âmago metodológico dessa busca é o problema filosófico do legado do passado dentro do processo histórico, como superestrutura e nesta como *não-contemporaneidade*.

Desta forma, neste segundo desdobramento da reflexão no capitalismo, mas para além do presente capitalista, a análise dialética do tradicional desenvolve um realismo estético que incorpora a corrente filosófica vinda de Avicena e Averroes passando por alguns filósofos como Giordano Bruno e humanistas da Renascença como Júlio César Scalígero, mas tirada de Aristóteles e da sua Poética.

- Trata-se da corrente filosófica que via na natureza a matéria grávida de formas e pendente de ulterior liberação, a *natura naturans*; tanto mais relevante porque uma corrente na qual se aproximam *pensadores tão diferentes como Hegel e Schopenhauer*.

*Com efeito, segundo Ernst Bloch esses dois pensadores coincidem na idéia de um parturimento artístico da forma a partir da matéria-natureza grávida de forma, levando a conceber toda a arte em contínuo desenvolvimento a respeito do material elaborado, como da elaborada matéria-sujeito da coisa.*

*Em ambos, o artista aparece como "motor perfeccionante" (dator formarum) e em Hegel a arte como o que converte cada uma de suas formas em um Argos de mil olhos <sup>70</sup>, a fim de que a alma interior e a espiritualidade sejam percebidas em todos os pontos do fenómeno <sup>71</sup>.*

---

<sup>69</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Héritage de ce Temps*, op. cit, pp.112.

<sup>70</sup> Argos (Panoptes), lenda da antiguidade que simboliza a capacidade de tudo ver, que em princípio Hegel aplica à arte.

<sup>71</sup> Cf. G.W.F. Hegel: "Lecciones sobre la Estética", apud Bloch, Ernst: "Avicena y la Izquierda Aristotélica" (*Avicenna und die Aristotelische Linke*, Berlin 1951), *Ciencia Nueva*, Madrid, 1966, pp.66 sq.



*Nota-se assim uma espécie (species) de educação artística de conteúdos criados pela formação na medida de um ideal estético prefigurado imanentemente no fenômeno, um ideal como arquétipo entelequial imane das coisas, dos caracteres, das situações.*

*O artista moderno é a força emancipadora e ao mesmo tempo aperfeiçoadora pondo em relevo a configuração da matéria disposta já na matéria mesma, de tal sorte que a forma, a espiritualidade se torna idêntica ao ideal entelequial. O artista não imita a natureza igual que um ator, mas, como um novo deus leva a termo a criação.*

*Nessa corrente filosófica tendente para os elementos de um realismo prevalece, pois não a figura de Proteu, a qual se imporá na literatura e arte de avant-garde, mas sim a figura de Prometeu. A beleza artística é buscada em vista de pôr em relevo no existente, em maneira direta e sem encontrar a resistência do obstáculo, o real típico, e, igualmente, haverá que dar forma criadora à perfeição indicada nas normas e dimensões da matéria-natureza.*

A arte criadora põe manifesto o típico ao mesmo tempo em que prefigura como ideal realista a possibilidade não realizada ainda, estimulando-a na realidade viva.

Segundo Ernst Bloch a passagem ao realismo estético pode ser detectada ainda no aristotelismo *goetheano*<sup>72</sup> no qual a *função da enteléquia* é colocada de cabeça para baixo e permanece inconclusa, ou seja: “o artista, agradecido à natureza que também engendrou a ele, devolve a esta uma segunda natureza que desta feita é uma natureza sentida, pensada, aperfeiçoada humanamente”.

É o artista que aspira a continuar pintando a natureza imanentemente. Portanto, a arte criadora põe manifesto o típico ao mesmo tempo em que prefigura como ideal realista a *possibilidade não realizada ainda*, estimulando-a na realidade viva.

Em poucas palavras, o ideal realista é imane à realidade aberta, à latência da possibilidade real, à matéria inconclusa. Tal a orientação filosófica para o realismo estético assimilada em Ernst Bloch, à luz do qual poderemos compreender porque esse autor examina como milenarismo o fenômeno coletivo da ambiência tradicional, que muitos autores de sociologia se limitaram a abordar pelo aspecto mais objetivado no messianismo (para Max Weber trata-se de um aspecto das exaltações carismáticas).

Com efeito, na apreciação desse fenômeno coletivo da ambiência tradicional estudado em sociologia a partir da observação das insurgências camponesas intensificadas no século XV e tornando-se revolucionárias no século XVI, a análise dialética (a) – acentua a exigência metodológica de examinar sob orientação filosófica a manifestação dos rurícolas revoltosos; (b) – põe em relevo a interveniência de clamores de outra índole que não apenas comportamentais; (c) – faz notar no evoluir autônomo desses clamores a latência da possibilidade real, apegada do ideal estético realista em obra.

---

<sup>72</sup> Orientação esta que Ernst Bloch situa em relação ao Goethe que traduziu *l'Essai sur la peinture* de Diderot (1798) publicada em 1816.



Tanto é assim que, mesmo destacando constituírem as apetências econômicas as motivações mais razoáveis e constantes, a análise visará a influência exercida desde longe pelo evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos.

Aliás, note-se que este evoluir autônomo, por não se mostrar plenamente não-histórico, se revelará no fim histórico-filosófico e imprimirá o alcance postulativo, ascético do caráter espiritual e religioso como processus de auto-educação da linhagem humana<sup>73</sup>. Quer dizer, o fato de produzir-se uma época lendária de revolução comunista e cristã no século XVI, sobrepujando tudo o que fizeram os hereges anteriores, é um fato total que escapa à consideração apenas econômica.

Mesmo destacando constituírem as apetências econômicas as motivações mais razoáveis e constantes, a análise fenomenológica concreta visará a influência exercida desde longe pelo evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos como níveis da realidade estética.

O enfoque pelo aspecto econômico se arrisca não somente despojar aquele fenômeno coletivo do seu caráter originário como revolução social, mas tende a tornar reflexos e parecer irreais trasladando-os ao plano meramente ideológico (a) - tanto os ali resplandecentes conteúdos profundos da história humana quanto (b) - a própria visão in-dormida do antilobo, isto é a visão de um reino enfim fraternal<sup>74</sup>. Com esta abordagem metodológica a análise por Ernst Bloch porá em destaque que o evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos tem pelo menos uma realidade sociológica: a realidade de estímulo.

Sustentará Ernst Bloch que as exaltações visionárias tão características das insurgências camponesas têm certo papel em sociologia bem reconhecido. Max Weber notará a compreensão de que as orientações in-conexas da vontade junto com os conteúdos culturais e religiosos devem ser considerados como complexos ideológicos superiores dos quais depende a consciência econômica como estado do modo de produção em cada momento concreto.

Karl Marx por sua vez nota a compreensão de que o papel de estímulo desempenhado pelas exaltações visionárias atua ao começo de toda a grande revolução (a) - na medida em que os novos senhores da situação tornaram a se sentir pagãos como os romanos da antiguidade clássica; (b) - na medida em que os camponeses alemães dos séculos XV e XVI - mais tarde também os puritanos - tomaram emprestado do Antigo Testamento a linguagem, as paixões e ilusões para sua revolução burguesa; (c) - na medida em que até mesmo a Revolução Francesa se adornou com nomes, palavras de ordem e enfeites procedentes da época do Consulado e do Império romanos. Nada obstante Ernst Bloch insistirá na importância da idéia milenarista para a compreensão de uma grande revolução social como a do século XVI no ambiente tradicional agrário da cultura. Censurará a Karl Marx o positivismo deste ao ter arrancado o comunismo do âmbito da teologia para deixá-lo restrito ao da economia política e que,

<sup>73</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución* (Thomas Münzer als Theologe der Revolution, München 1921) Editorial Ciencia Nueva, Madrid, 1968, pág. 66.

<sup>74</sup> Como se sabe as teorias de hegemonia e dominação partem da premissa que o homem é o lobo do homem.



assim procedendo, Karl Marx privou o comunismo dos seus laços profundos com a idéia milenarista de sua origem, laços estes constatados tanto historicamente quanto congenitamente<sup>75</sup>.

Compreendendo as exaltações visionárias e o milenarismo como crença coletiva real, o gótico tardio (séculos XV e XVI) é o fenômeno cultural da ambiência tradicional mais enraizada no medievo do qual se receberá em legado a profundidade do sentimento passado pela realidade estética da cultura.

Podemos ver então no que seguirá que a compreensão do milenarismo decorre do ideal estético realista em obra (o evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos) e que esta compreensão por este ideal entelequial <sup>76</sup> será confirmada e será recorrente em várias passagens textuais do estudo por nosso autor sobre o teólogo milenarista Thomaz Munzer, lá onde se trata de sublimação ou sedução.

Ensina-nos Ernst Bloch (a) – que o milenarismo se faz de afeições, sonhos (o onírico in-dormido), emoções sérias e puras, entusiasmos projetados para um fim; (b) – que estas manifestações não decaem, mas contribuem para dar cor de realidade a um largo período da história e da vida social; (c) – que tais estados são provenientes de um ponto original criador e determinante de valores que há na alma humana; (d) – que tais estados mantêm em todo o tempo como assunto de permanente atualidade a orientação em profundidade do Século XVI, isto é o milenarismo, afirmado tanto na chamada guerra dos camponeses quanto no movimento anabatista como vertentes da marcha do gótico tardio, fenômeno cultural do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade da cultura.

Ensina-nos ainda Ernst Bloch que, nesse caso das insurgências camponesas, do movimento iconoclasta e do espiritualismo, ademais dos elementos do desencadeamento e do conteúdo do conflito que são de ordem econômica, há que considerar justamente o elemento essencial originário em si mesmo, a saber: o retorno do mais antigo sonho; o maior espocar para todo o tempo da história das heresias; o *êxtasis* do caminhar guiado e da impaciente, rebelde e severa vontade de paraíso <sup>77</sup>.

Na literatura de *avant-garde* encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce.

---

<sup>75</sup> O comunismo primitivo e espiritual será evocado na revolução camponesa do século XVI em consonância com a crença tirada da idéia milenarista de que haveria de preparar o advento do Terceiro Império como sendo o de Jesus Cristo, quem reinaria na Terra mil anos antes do Juízo final. Ver Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit.

<sup>76</sup> Entelequial no sentido de que o ideal estético em obra cria dependências, correlações, estímulos relacionados à sublimação.

<sup>77</sup> Ver Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit. págs.67, 68.



---

■ Neste ponto, a fim de não nos afastarmos do nosso objetivo e apesar do suposto contraste em apreciar o milenarismo em um ensaio sobre literatura e arte de avant-garde, não deve causar espanto essa compreensão por Ernst Bloch do ideal estético realista (entelequial), como posto em obra na história das heresias. Basta lembrarmos que outro pensador da estética sociológica como Georges Lukacs encontra na reflexão de Ernst Bloch e em sua pesquisa do concretamente utópico, uma grande admiração pela literatura de James Joyce e que esta admiração é confirmada como já o mencionamos na constatação de que o *Ulysses* de Joyce, datado em 1924, compreende como leitmotiv uma tentativa a mais quimérica de refundar a escolástica no caos. Quer dizer, na literatura de avant-garde encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce. Além disso, é digna de nota a coincidência de datas entre a notável obra crítico - histórica sobre Thomas Münzer, de Ernst Bloch, assunto deste nosso comentário, a qual é datada em 1921, e o *Ulysses* de Joyce que é de 1922. Quer dizer, a pesquisa em história das heresias é uma orientação intelectual dos anos vinte, notada inclusive em Thomas Mann. Portanto, a apreciação mais detalhada dos temas dessa história das heresias através da análise em realismo estético por Ernst Bloch nos aproximará mais intimamente do universo literário do século XX, em sua vertente de atualização das épocas renascentistas e modernas.

---

### *A Marcha do Gótico Tardio, a Renascença e a História das Heresias.*

---

Sem dúvida é pela história das heresias que se desvela em cor de realidade o caráter postulativo, ascético do ambiente tradicional mais enraizado no medievo. Não que tenhamos deixado de assinalá-lo, mas até este ponto só tivemos a oportunidade de mencionar a relevância na morfologia social da forma gótica, sua persistência como significação prática efetiva na vida rural através do feitiço dos objetos, móveis e mansões.

Entretanto, com a história das heresias e muito mais profundamente do que um nível cristalizado, estático apenas simbolizando a fixação do apego místico ao solo e à mansão, a análise do tradicional põe em relevo que se trata da própria configuração dinâmica da ambiência coletiva como um todo, se trata da marcha do gótico tardio caracterizando com a cor da realidade todo o complexo cultural insurgente dos séculos XV e XVI.



- Observação esta tanto mais relevante quanto se põe em relevo a outra face da Renascença, da qual Ernst Bloch dirá ser não a face mais conhecida das musas, do lirismo e versificação, mas a outra face que é orientada no sentido do milenarismo desde Joaquim Di Fiori nos séculos XI e XII até Eckardt, Thomas Münzer, Paracelso, Jacob Boheme. Será esse gótico tardio em marcha que definirá o quadro de referência como incluindo a efervescência dos setores sociais e a rebeldia das massas, e delimitará o campo de percepção dos temas, sobretudo a Guerra dos Camponeses, o movimento iconoclasta (incluindo o anabatismo e os predicadores ambulantes), o espiritualismo (incluindo o visionarismo astrológico e o milenarismo).

A análise crítica do tradicional do ponto de vista da história das heresias põe em relevo na marcha do gótico tardio que se trata da própria configuração dinâmica da ambiência coletiva como um todo: a marcha do gótico tardio caracteriza com a cor da realidade todo o complexo cultural insurgente dos séculos XV e XVI.

- A história das heresias compreende, pois as seguintes linhas: (a) – a idéia milenarista como ultrapassando o messianismo e toda a expressão sociológica da crença coletiva real de que Jesus Cristo reinaria na Terra mil anos antes do Juízo Final. É a essa idéia que se liga a doutrina herética de Joaquim Di Fiori sobre o Terceiro Evangelho ou Evangelho Eterno, a qual será afirmada no século XVI por Thomas Münzer contra os papistas e como incentivo à preparação do advento do Senhor para realizar o Terceiro Império que então se cria iminente, como o Império que, na doutrina milenarista, haverá de seguir-se ao Império da Lei (triunfo do Deuteronômio no Estado Imperial Romano da Antiguidade Clássica) e ao Império da Graça (triunfo da Igreja no Sacro Império Romano-Germânico); (b) – o movimento das seitas milenaristas constituídas sem continuidade direta com a doutrina de Di Fiori, mas que eram voltadas para a Preparação do Advento do Terceiro Império e afirmavam o sentimento de ser escolhido para tal Dia, o sentimento de formar uma estirpe seleta, salvaguardada, constituída e favorecida para presenciar o Dia do Senhor; (c) – a difusão e a afirmação da crença na idéia milenarista e no imperativo da Preparação como se disseminando no ambiente tradicional das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI, sobretudo em virtude da atuação dos predicadores andarilhos. Na análise por Ernst Bloch, que investiga também a procedência superestrutural da **idéia milenarista** – como foco de criação de seitas, do milenarismo, da própria difusão e afirmação da crença – o que caracteriza a heresia cristã em sentido estrito é a experiência do êxtasis místico-ascético de sentir-se escolhido para presenciar o Dia do Senhor, experiência esta que forma a base da seita como realidade sociológica e místico-ascética do século XVI.

Todavia, para visualizarmos a construção metodológica do gótico tardio como quadro de referência devemos desdobrar a compreensão da história das heresias desde o ponto de vista do ideal estético-realista (e não história religiosa). Nessa abordagem será então posto em relevo o processus de passagem do elemento postulativo ou histórico-filosófico nas superestruturas, como o elemento que resta não-realizado e que se afirma correlativamente com o fortalecimento da interioridade do homem, base do individualismo camponês e de seu ascetismo.



Por esta via, a análise dialética desdobrará o âmbito do misticismo católico em vista de sobressair por sua vez o lado não milenário por distinção de certos aspectos do primeiro como a chamada à introspecção, a chamada à viagem sem retorno, à santificação e à comunhão universal, como aspectos do misticismo católico precisamente mais compatíveis ao chamado milenário. Compreender-se-á por este enfoque da interioridade do homem a diferença da Igreja cultural, seguinte: instituição pedagógica que, no sentido da apreciação paulina da Lei antiga, educa e dirige, mas que no outro mundo não há lugar para ela.

A história das heresias será diferenciada então em relação a esta figura cultural de uma Igreja milenarista que, localizada no horizonte entre este mundo e o Mais-além, afirma o contraste de uma Igreja invisível sob a forma totalmente desconhecida pertencente ao tempo vindouro e ao Mais-além: a forma desconhecida da comunhão dos santos.

Mas não é tudo. Do ponto de vista estético realista que é o da análise dialética desenvolvida por Ernst Bloch, o misticismo católico é percebido como estrato intermédio entre, por um lado, a estática ideologia do Corpo Místico de Cristo, sustentada por este mundo terrenal (nível do secularizado), e por outro lado a verdadeiramente utópica idéia do Corpo Místico como correspondendo a um mundo autêntico. Na seqüência é detectada uma repercussão desse estrato intermédio pela qual se admite uma sedução ou sublimação alcançando não só os espaços da música de Bach, mas a universalidade da filosofia de Leibniz e, sobretudo a filosofia de Hegel, no que esta última preserva da antiga sedução do Império.

■ Quer dizer, há uma repercussão do misticismo católico como estrato intermédio entre a ideologia do Corpo Místico de Cristo e a utopia do Corpo Místico, repercussão que alcança a filosofia de Hegel lá onde essa filosofia relaciona o mundo real no domínio cultural, por um lado, com a visão de um mundo que se fez realidade, por outro lado (relacionar este que, então a análise detecta como o componente estético-sociológico do conceito hegeliano de realidade essencial). Seja como for, essa repercussão estética do catolicismo legado do Sacro Império Romano-Germânico afirma, pois conteúdos de índole cultural e não milenária, desprovendo do zelo cristão a todo o complexo cultural duradouro, de tal sorte que nesses conteúdos se torna perceptível o que a análise crítica-histórica classificará de princípio universal mais suportável, a saber: o puro princípio cultural da Igreja, equiparável ao das grandes utopias sociais por uma vida melhor, como, por exemplo, o otimismo industrialista de Saint-Simon<sup>78</sup>.

Sem dúvida, a percepção desse princípio cultural é fundamental para pôr em relevo o elemento que resta não-realizado nas superestruturas. Isto não só porque a análise dialética da história das heresias distingue duas linhas de afirmação do indivíduo – a da liberação externa do Eu e a do fortalecimento da interioridade – mas também porque desdobra uma compreensão diferenciada da ascensão capitalista.

Quer dizer, na abertura do mundo moderno há uma tensão cujos termos são, por um lado, o novo tipo de homem que surgiu com o capital: um homem emancipado e individual. Por outro lado, surge o novo tipo de dominação técnica e racional da existência. Entretanto, na outra face desta tensão nota-se que tornaram a formular-se as primeiras utopias, colocando-se de novo o velho problema do direito natural em sua perspectiva do racionalismo estóico (atitude ascética), mas, desta feita com o horizon-

---

<sup>78</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit, págs.203-204.



---

te da mentalidade burguesa, numa formulação que Max Weber examinará em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Como se sabe a análise weberiana contempla antes de tudo a racionalização deixando-se influenciar pelo culturalismo abstrato. Por contra, embora igualmente interessado no estudo da racionalização, Ernst Bloch investigará a nova formulação tendo em conta o seguinte: (a) – a metamorfosis a que o catolicismo primitivo submetera aquele velho problema do direito natural e (b) – o recobrimento superestrutural neoplatônico e escolástico do mesmo.

Na Alemanha, a mentalidade comunitária e até mesmo a profundidade do sentimento de interioridade herdado do gótico tardio e do afundamento do tabu sacramental, se subtraindo ao fracasso político, foram se refugiar no âmbito do meramente afetivo e emocional.

Entrementes, a percepção do princípio cultural da Igreja faz notar também uma profunda ambigüidade e certa complementaridade no processus dessa abertura do mundo moderno, acentuadas com a obra devastadora da revolução francesa ao fazer desmoronar por completo a superestrutura das relações econômicas do passado remoto (patriarcal) <sup>79</sup>.

Com essa ambigüidade e esse fragoroso desmoronamento aflorou na abertura do mundo moderno não só (a) – que a burguesia afirmou a vontade individual ao lograr um poder político e (b) – que esta mesma burguesia, em câmbio, permaneceu debilitada inclusive no aspecto de crença e reconhecimento público do seu modo de ser; mas também (c) – que, nas regiões do mais tenaz reduto do medievo, como a Alemanha, esse Eu externamente liberado e a ascensão capitalista levaram não ao poder político, mas ao fracasso da vontade individual e à falta de escrúpulos do Estado autoritário. Surgido este, por sua vez, na seqüência de inumeráveis príncipes pavorosamente emancipados todos eles e na base da ausência de unidade econômica combinando-se à falta no país de maturidade política e à inexistência de uma entidade jurídica.

Desta forma, com essa percepção da desagregação dos valores cavaleirescos feudais em detrimento da pessoa dos camponeses, a análise desenvolvida por Ernst Bloch põe em relevo o seguinte:

Primeiro: com o desmoronamento da superestrutura de relações econômicas de um passado remoto, os demais países perderam a mentalidade comunitária;

Segundo: na Alemanha, essa mentalidade comunitária e até mesmo a profundidade do sentimento de interioridade herdado do gótico tardio e do afundamento do tabu sacramental, se subtraindo ao fracasso político, foram se refugiar no âmbito do meramente afetivo e emocional<sup>80</sup> (daí surgirá a psicologia fenomenológica típica do pequeno homem e o concretamente utópico de que já falamos nas observações sobre os anos vinte).

---

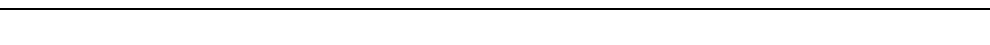
<sup>79</sup> A superestrutura correspondente ao antigo Sacro Império Romano Germânico.

<sup>80</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit, pág. 200.



A partir da percepção do princípio cultural em alternativa à análise weberiana e situando-se não sob a mentalidade de acumulação capitalista, mas no horizonte da marcha do gótico tardio, Ernst Bloch encontrará a abordagem concreta para a nova formulação do velho problema do direito natural, no exame do qual terá em conta o catolicismo primitivo e a escolástica.

■ Deste ponto em diante, tendo descoberto a partir da percepção do princípio cultural o estatuto ambivalente da mentalidade comunitária no quadro de abertura do mundo moderno, Ernst Bloch encontrará em alternativa à análise weberiana a abordagem concreta para a nova formulação do velho problema do direito natural, no exame do qual terá em conta o catolicismo primitivo e a escolástica. E o fará não pelo lado da mentalidade de acumulação capitalista, mas no horizonte da marcha do gótico tardio, estudando a comunidade primitiva sobre o enfoque da graduação de terrenal e supraterebral, cotejando a situação no século II, no século IV e no século XI a partir do contraste entre o aborrecimento do mundo e a sublimação estética do universo estatal racionalizado<sup>81</sup>.



---

## A ambiência tradicional legada na desagregação do Sacro Império Românico-Germânico

---

Compreendendo as exaltações visionárias e o milenarismo como crença coletiva real, o gótico tardio (séculos XV e XVI) é o fenômeno cultural da ambiência tradicional mais enraizada no medievo, do qual se receberá a profundidade do sentimento passado pela realidade aberta do processo histórico

---

<sup>81</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit, págs. 181 a 204.



Ernst Bloch examina como vimos no âmbito do milenarismo o fenômeno coletivo da ambiência tradicional que muitos autores de sociologia limitaram-se a abordar pelo aspecto mais descritivo no messianismo.

Há uma orientação para o *realismo estético* à luz da qual se torna possível alcançar em modo sociológico a realidade aberta do processo histórico, sua possibilidade real.

Trata-se da apreciação da ambiência tradicional legada na desagregação do Sacro Império Romano-Germânico, a qual será então estudada a partir das insurgências camponesas intensificadas no século XV e tornando-se revolucionárias no século XVI.

■ Do ponto de vista da realidade aberta, a análise desenvolve-se nas seguintes linhas: (a) - acentua a exigência de examinar o alcance histórico-postulativo da manifestação dos *paysans*<sup>82</sup> revoltosos; (b) - põe em relevo a interveniência de clamores de outra índole que não apenas comportamentais; (c) - faz notar no evoluir autônomo desses clamores a latência da possibilidade real, a pegada do ideal estético realista em obra.

Mesmo destacando constituírem as apetências econômicas as motivações mais razoáveis e constantes, a análise visará a influência na psicologia coletiva exercida desde longe no passado pelo evoluir autônomo da eficiente interveniência no processo histórico de conteúdos culturais e religiosos.

Por não se mostrar plenamente não-histórico, o evoluir autônomo dos conteúdos se revelará, no fim, histórico-filosófico e imprimirá o alcance postulativo, ascético, próprio do caráter espiritual e religioso como *processus de auto-educação da linhagem humana*<sup>83</sup>.

Quer dizer, o fato de produzir-se uma época lendária de revolução comunista e cristã no século XVI, sobrepujando tudo o que fizeram os hereges anteriores, é um fato total que escapa à consideração apenas econômica.

O enfoque pelo aspecto econômico se arrisca não somente a despojar o fenômeno coletivo da ambiência tradicional do seu caráter originário como revolução social, mas tende a tornar reflexos e a parecer irrealis, trasladando-os ao plano meramente ideológico, os seguintes níveis reais do processo histórico: (a) - os conteúdos profundos da história humana que ali são resplandecentes; (b) - a própria *visão in-dormida do antilobo*, isto é a visão de um reino enfim fraternal<sup>84</sup>.

Portanto, a análise do processo histórico na perspectiva do realismo estético porá em destaque que o evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos tem pelo menos uma realidade sociológica: a realidade de estímulo.

► Sustentará Ernst Bloch que as *exaltações visionárias* tão características das insurgências camponesas têm certo papel em sociologia bem reconhecido. Por exemplo, Max Weber notará a compreensão de que as orientações *in-conexas* da vontade junto com os conteúdos culturais e religiosos devem ser considerados como complexos

<sup>82</sup> O homem do campo estudado por Ernst Bloch, dado seu distanciamento do moderno, está em um tempo bem diferente da paysannerie francesa, mas tem em semelhança o conteúdo econômico objetivo dos conflitos verificados no século XVI nas terras germânicas.

<sup>83</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución (Thomas Münzer als Theologe der Revolution, München 1921) Editorial Ciencia Nueva, Madrid, 1968, pág. 66.

<sup>84</sup> Como se sabe, contrárias às utopias sociais, as teorias de hegemonia e dominação partem da premissa de que "o homem é o lobo do homem" (Thomas Hobbes).



ideológicos superiores dos quais depende a consciência econômica, como estado do modo de produção em cada momento concreto.

Karl Marx por sua vez nota a compreensão de que o papel de estímulo desempenhado pelas *exaltações visionárias* atua ao começo de toda a grande revolução (a) – na medida em que os novos senhores da situação tornaram a se sentir pagãos como os romanos da antiguidade clássica; (b) – na medida em que os camponeses alemães dos séculos XV e XVI – mais tarde também os puritanos – tomaram emprestado do Antigo Testamento a linguagem, as paixões e ilusões para sua revolução burguesa; (c) – na medida em que até mesmo a Revolução Francesa se adornou com nomes, palavras de ordem e adereços procedentes da época do Consulado e do Império romanos.

No caso das insurgências camponesas, do movimento iconoclasta e do espiritualismo (como milenarismo), ademais dos elementos do desencadeamento e do conteúdo do conflito que são de ordem econômica, há que considerar justamente o elemento essencial originário em si mesmo, a saber: a história das heresias cristãs.

Nada obstante, Ernst Bloch insistirá na importância da idéia milenarista para a compreensão de uma grande revolução social como a do século XVI no ambiente tradicional agrário da cultura. Censurará a Karl Marx o positivismo deste ao ter arrancado o comunismo do âmbito da teologia para deixá-lo restrito à economia política. A seu ver Marx privou o comunismo dos seus laços profundos com a idéia milenarista de sua origem, laços estes constatados tanto historicamente quanto congenitamente<sup>85</sup>.

■ Podemos ver, então, no que seguirá, que a compreensão do milenarismo decorre do ideal estético realista em obra (*o evoluir autônomo da eficiente interveniência de conteúdos culturais e religiosos*) e que esta compreensão por este ideal entelequial<sup>86</sup> será confirmada e será recorrente em várias passagens textuais do estudo por Ernst Bloch sobre o teólogo milenarista Thomas Münzer, sobretudo lá onde se trata de sublimação ou sedução estética *em cor de realidade*.

Os postulados básicos são os seguintes: (a) – o milenarismo se faz de afeições, sonhos (*o onírico in-dormido*), emoções sérias e puras, entusiasmos projetados para um fim; (b) – estas manifestações não decaem, mas contribuem para dar *cor de realidade* a um longo período da história e da vida social; (c) – tais estados são provenientes de um foco original criador e determinante de valores que há na alma humana<sup>87</sup>; (d) – tais estados mantêm em todo o tempo como assunto de permanente atualidade a orientação em profundidade do Século XVI, isto é, o milenarismo, afirmado tanto na chamada guerra dos camponeses quanto no movimento anabatista, como vertentes da marcha do gótico tardio e da profundidade do sentimento que nos chega através da realidade aberta da cultura literária.

<sup>85</sup> O comunismo primitivo e espiritual será evocado na revolução camponesa do século XVI em consonância com a crença tirada da idéia milenarista de que haveria de preparar o advento do Terceiro Império como sendo o de Jesus Cristo, quem reinaria na Terra mil anos antes do Juízo final. Ver Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit.

<sup>86</sup> Entelequial no sentido de que o ideal estético em obra cria dependências, correlações, estímulos relacionados à sublimação.

<sup>87</sup> Como níveis de aproximação desse foco estético criador no fundo do milenarismo, Ernst Bloch estudará no processo histórico (incluindo a filosofia da arte) o onírico in-dormido e buscará as expressões da vontade de paraíso (e não "visão do paraíso", como preferem os historiadores brasileiros).



Ensina-nos ainda Ernst Bloch que, nesse caso das insurgências camponesas, do movimento iconoclasta e do espiritualismo (como milenarismo), ademais dos elementos do desencadeamento e do conteúdo do conflito que são de ordem econômica, há que considerar justamente o elemento essencial originário em si mesmo, a saber: o retorno do mais antigo sonho; o maior espocar para todo o tempo da **história das heresias**; o êxtase do caminhar erguido e da impaciente, rebelde e severa **vontade de paraíso** <sup>88</sup>.

Na literatura de avant-garde encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce.

► Neste ponto, não deve causar espanto a ligação entre o milenarismo e a arte e literatura de avant-garde com influência crescente nos Anos Vinte. Nem deve espantar, por outras palavras, a compreensão por Ernst Bloch do ideal estético realista (entelequial) como posto em obra na *história das heresias*.

Basta lembrarmos que outro pensador da estética sociológica como Georges Lukacs encontra na reflexão de Ernst Bloch e em sua pesquisa do *concretamente utópico*, uma grande admiração pela literatura de James Joyce e que esta admiração é confirmada como já o mencionamos na constatação de que o Ulysses de Joyce, datado em 1924, compreende como *leitmotiv* uma "tentativa a mais quimérica de refundar a escolástica no caos" – na avaliação do próprio Ernst Bloch.

Quer dizer, na literatura de avant-garde encontram-se motivos artísticos recorrentes que não somente procedem da ambiência tradicional, mas que, confluindo justamente com a reflexão de Ernst Bloch, são tirados da própria história das heresias, como o é ademais a assinalada tentativa sonhada de Joyce.

Além disso, é digna de nota a coincidência de datas entre a notável obra crítico-histórica sobre Thomas Münzer, de Ernst Bloch, assunto deste nosso comentário, a qual é datada em 1921, e o Ulysses de Joyce que é de 1922. Quer dizer, a pesquisa em história das heresias é uma orientação intelectual dos anos vinte, notada inclusive em Thomas Mann.

Portanto, a apreciação mais detalhada dos temas dessa história das heresias através da análise em realismo estético por Ernst Bloch nos aproximará mais intimamente do universo literário do século XX, em sua vertente de atualização das épocas renascentistas e modernas.

\*\*\*

---

<sup>88</sup> Ver Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit.págs.67, 68.



---

## Marcha do Gótico Tardio, Renascença, História das Heresias

---

Sem dúvida é pela história das heresias que se *desvela em cor de realidade* o caráter postulativo, ascético, do ambiente tradicional mais enraizado no medievo. Não que tenhamos deixado de assinalá-lo, mas até este ponto só tivemos a oportunidade de mencionar a relevância na morfologia social da forma gótica, sua persistência como significação prática efetiva na vida rural através do feitio dos objetos, móveis e solares.

Entretanto, com a história das heresias e em modo muito mais profundo do que um nível cristalizado ou estático, servindo somente para simbolizar a fixação do apego místico ao solo e aos solares, a análise do tradicional põe em relevo que no gótico tardio se trata da própria configuração dinâmica da ambiência coletiva como um todo, *caracterizando com a cor da realidade* todo o complexo cultural insurgente dos séculos XV e XVI.

Observação esta tanto mais relevante quanto se põe em relevo a outra face da Renascença, da qual Ernst Bloch dirá ser não a face mais conhecida das musas, do lirismo e versificação, mas a outra face que é orientada no sentido do milenarismo desde Joaquim Di Fiori nos séculos XI e XII até Eckardt, Thomas Münzer, Paracelso, Jacob Boheme <sup>89</sup>.

Será esse gótico tardio em marcha que definirá o quadro de referência como incluindo a efervescência dos setores sociais e a rebeldia das massas, e *delimitará o campo de percepção dos temas*, sobretudo a Guerra dos Camponeses, o movimento iconoclasta (incluindo o anabatismo e os predicadores ambulantes), o espiritualismo (incluindo o visionarismo astrológico e o milenarismo).

■ A história das heresias compreende, pois, as seguintes linhas:

(A) – a **idéia milenarista** como ultrapassando o messianismo e toda a expressão sociológica da crença coletiva real de que Jesus Cristo reinaria na Terra mil anos antes do Juízo Final.

É a essa idéia que se liga a doutrina herética de Joaquim Di Fiori sobre o *Terceiro Evangelho ou Evangelho Eterno*, a qual será afirmada no século XVI por Thomas Münzer contra os papistas e

---

<sup>89</sup> Ao referenciar Jacob Burckhardt, Ernst Bloch pressupõe a leitura de "*A Filosofia da Renascença*."



como incentivo à preparação do advento do Senhor para realizar o Terceiro Império, que então se cria iminente.

Em conformidade com a doutrina milenarista, acreditava-se fervorosamente, *com a cor da realidade*, que o Terceiro Império haveria de seguir-se ao Império da Lei (identificado ao triunfo do Deuteronômio no Estado Imperial Romano da Antiguidade Clássica) e ao Império da Graça (identificado ao triunfo da Igreja no Sacro Império Romano-Germânico);

(B) – o **movimento das seitas milenaristas** constituídas sem continuidade direta com a doutrina de Di Fiori, mas que eram voltadas para a Preparação do Advento do Terceiro Império e *afirmavam o sentimento de ser escolhido para tal Dia*, o sentimento de formarem uma estirpe seleta, salvaguardada, constituída e favorecida para presenciar o Dia do Senhor;

(C) – a **difusão e a afirmação da crença** na idéia milenarista e no imperativo da Preparação como disseminando-se no ambiente tradicional das insurgências camponesas dos séculos XV e XVI, sobretudo em virtude da atuação dos *predicadores andarilhos*.

Na análise pelo realismo estético, que investiga também a procedência superestrutural da idéia milenarista – como foco de criação de seitas, do milenarismo, da própria difusão e afirmação da crença – **o que caracteriza a heresia cristã em sentido estrito é a experiência do êxtasis místico-ascético de sentir-se escolhido para presenciar o Dia do Senhor**, experiência esta que forma a base da seita como realidade sociológica e místico-ascética do século XVI.

► Todavia, para visualizarmos a construção metodológica do gótico tardio como quadro de referência, devemos desdobrar a compreensão da história das heresias desde o ponto de vista do ideal estético-realista (e não história religiosa).

Nessa abordagem será então posto em relevo *o processus de passagem do elemento postulativo ou histórico-filosófico nas superestruturas*, como o *elemento que resta não-realizado* e que se afirma correlativamente com o fortalecimento da interioridade do homem, base do ascetismo e individualismo camponês.

Por esta via, a análise desdobrará o âmbito do misticismo católico em vista de sobressair por sua vez **o lado não milenário**, por distinção de certos aspectos do próprio misticismo católico – tais como a chamada à introspecção, a chamada à viagem sem retorno, à santificação e à comunhão universal – que são mais compatíveis ao chamado milenário.

Compreender-se-á por este enfoque da interioridade do homem a diferença da **Igreja cultural**, seguinte: instituição pedagógica que educa e dirige<sup>90</sup>, mas que no outro mundo não há lugar para ela.

A história das heresias cristãs será diferenciada então em relação a esta figura cultural de uma Igreja milenarista que, localizada no horizonte entre este mundo e o Mais-além, afirma o contraste de uma Igreja invisível sob a forma totalmente desconhecida pertencente ao tempo vindouro e ao Mais-além: a forma desconhecida da comunhão dos santos.

---

<sup>90</sup> Para Ernst Bloch esta compreensão da Igreja como instituição pedagógica corresponde ao sentido da apreciação paulina da Lei antiga.



► Mas não é tudo. Para pôr em relevo *o processus de passagem do elemento postulativo ou histórico-filosófico nas superestruturas* ainda há outros níveis sobrepostos na realidade aberta a descrever.

Do ponto de vista estético realista – que não é história religiosa – o misticismo católico é percebido como *estrato intermédio* entre, por um lado, a estática ideologia do Corpo Místico de Cristo, sustentada por este mundo terrenal (nível do secularizado), e por outro lado a verdadeiramente utópica idéia do Corpo Místico, como correspondendo a um mundo autêntico.

■ Na seqüência é detectada uma repercussão desse estrato intermédio pela qual se admite uma sedução ou sublimação alcançando não só os espaços da música de Bach, mas a universalidade da filosofia de Leibniz e, sobretudo a filosofia de Hegel, no que esta última preserva da *antiga sedução do Império*.

Quer dizer, há uma repercussão do misticismo católico como estrato intermédio entre a ideologia do Corpo Místico de Cristo e a utopia do Corpo Místico (correspondendo a um mundo autêntico).

Repercussão que alcança a filosofia de Hegel lá onde essa filosofia relaciona o mundo real no domínio cultural, por um lado, com a visão de *um mundo que se fez realidade*, por outro lado (relacionar este que, então, em sua análise Ernst Bloch detecta como o componente estético-sociológico do conceito hegeliano de *realidade essencial*).

Seja como for, essa repercussão estética do catolicismo legado do Sacro Império Romano-Germânico afirma, pois, conteúdos de índole cultural e não milenária, desprovido do zelo cristão a todo o complexo cultural duradouro, de tal sorte que nesses conteúdos se torna perceptível o que a análise classificará de princípio universal mais suportável, a saber: o puro princípio cultural da Igreja, equiparável ao das grandes utopias sociais por uma vida melhor, como a de Saint-Simon, por exemplo<sup>91</sup>.

\*\*\*

► Sem dúvida, a percepção desse princípio cultural é fundamental para pôr em relevo o elemento que resta não-realizado nas superestruturas. Isto não só porque a análise por Ernst Bloch da história das heresias distingue duas linhas de afirmação do indivíduo – a da liberação externa do Eu e a do fortalecimento da interioridade – mas também porque desdobra uma compreensão diferenciada da ascensão capitalista.

Quer dizer, na abertura do mundo moderno há uma tensão cujos termos são, por um lado, o novo tipo de homem que surgiu com o capital: um homem emancipado e individual. Por outro lado, surge o novo tipo de dominação técnica e racional da existência.

Entretanto, na outra face desta tensão nota-se que tornaram a formular-se as primeiras utopias, colocando-se de novo o velho problema do direito natural em sua

---

<sup>91</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit, págs.203-204.



perspectiva do racionalismo estóico (atitude ascética), mas, desta feita com o horizonte da mentalidade burguesa, numa formulação que Max Weber examinará em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

■ Como se sabe a análise weberiana contempla antes de tudo a racionalização deixando-se influenciar pelo culturalismo abstrato. Por contra, embora igualmente interessado no estudo da racionalização, *Ernst Bloch investigará a nova formulação*, tendo em conta o seguinte: (a) – a metamorfosis a que o catolicismo primitivo submetera aquele velho problema do direito natural e (b) – o recobrimento superestrutural neoplatônico e escolástico do mesmo.

Na Alemanha, a mentalidade comunitária e até mesmo a profundidade do sentimento de interioridade herdado do gótico tardio e do afundamento do tabu sacramental, se subtraindo ao fracasso político, foram se refugiar no âmbito do meramente afetivo e emocional.

Entrementes, a percepção do princípio cultural da Igreja faz notar também uma profunda ambigüidade e certa complementaridade no processus dessa abertura do mundo moderno, acentuadas com a obra devastadora da revolução francesa ao fazer desmoronar por completo a superestrutura das relações econômicas do passado remoto (patriarcal e comunitário)<sup>92</sup>.

Com essa ambigüidade e esse fragoroso desmoronamento aflorou na abertura do mundo moderno não só (a) – que a burguesia afirmou a vontade individual ao lograr um poder político e (b) – que esta mesma burguesia, em câmbio, permaneceu debilitada inclusive no aspecto de crença e reconhecimento público do seu modo de ser; mas também (c) – que, nas regiões do mais tenaz reduto do medievo, como a Alemanha, esse Eu externamente liberado e a ascensão capitalista levaram não ao poder político, mas ao fracasso da vontade individual e à falta de escrúpulos do Estado autoritário. Surgido este, por sua vez, na seqüência de inumeráveis príncipes pavorosamente emancipados todos eles e na base da ausência de unidade econômica combinando-se à falta no país de maturidade política e à inexistência de uma entidade jurídica.

■ Desta forma, com essa percepção da desagregação dos valores *chevaleresques* feudais em detrimento da pessoa dos camponeses<sup>93</sup>, a análise de Ernst Bloch põe em relevo o seguinte: primeiro: com o desmoronamento da superestrutura de relações econômicas de um passado remoto, os demais países perderam a *mentalidade comunitária*; segundo: na Alemanha, essa mentalidade comunitária e até mesmo a profundidade do sentimento de interioridade herdado do gótico tardio e do afundamento do tabu sacramental, se subtraindo ao fracasso político, foram se refugiar no âmbito do meramente afetivo e emocional<sup>94</sup> (daí surgirá a psicologia fenomenológica tí-

<sup>92</sup> A superestrutura correspondente ao antigo Sacro Império Romano-Germânico.

<sup>93</sup> Há uma desesperação nova, individual, e uma reminiscência pagã. Ernst Bloch assinala que a desagregação dos valores chevaleresques acompanha-se da exigência dos camponeses que não visava apenas que a situação se corrigisse para o Bem, mas que se lhes devolvesse o que outrora houveram possuído como ocupantes originários. Almejavam que tudo voltasse a ser como antes, quando existiam homens livres, plebeus livres dentro da comunidade e quando a terra à maneira primitiva era de todos e se explorava em regime comunal. Ver adiante, pág.107.

<sup>94</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit, pág. 200.



---

...pica do pequeno homem e o concretamente utópico de que já falamos nas observações sobre os anos vinte).

A partir da percepção do princípio cultural, em alternativa à análise weberiana e situando-se não sob a mentalidade de acumulação capitalista, mas no horizonte da marcha do gótico tardio, Ernst Bloch encontrará a abordagem concreta para a nova formulação do velho problema do direito natural, no exame do qual terá em conta o catolicismo primitivo e a escolástica.

Deste ponto em diante, tendo descoberto a partir da percepção do princípio cultural o estatuto ambivalente da mentalidade comunitária no quadro de abertura do mundo moderno, Ernst Bloch encontrará em alternativa à análise weberiana a abordagem concreta para a nova formulação do velho problema do direito natural, no exame do qual terá em conta o catolicismo primitivo e a escolástica.

E o fará não pelo lado da mentalidade de acumulação capitalista, mas no horizonte da marcha do gótico tardio, estudando a comunidade primitiva sobre o enfoque da gradação de terrenal e supraterrâneo, cotejando a situação no século II, no século IV e no século XI a partir do contraste entre o aborrecimento do mundo e a sublimação estética do universo estatal racionalizado<sup>95</sup>.

\*\*\*

Etiquetas:

Comunicação, crítica, história, ideologia, relações humanas, sociologia, século vinte, movimentos camponeses, modernização, realismo estético, milenarismo, heresia cristã, Alemanha tradicional, utopias sociais, consciência coletiva.

---

## Fim

Do artigo Milenarismo e Insurgência

*Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital*

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>



---

<sup>95</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit, págs. 181 a 204.



*O Tradicional na Modernização:*

*Leituras sobre Ernst Bloch*

---



## **MILENARISMO, COMUNISMO E UTOPIA:**

*O Gótico Tardio na Filosofia Literária de Ernst Bloch*



*MILENARISMO, COMUNISMO E UTOPIA:  
O Gótico Tardio na Filosofia Literária de Ernst Bloch.*

---

**PRELIMINARES**

- Para a análise crítica do tradicional na modernização a percepção do princípio cultural da Igreja<sup>96</sup> de que falamos anteriormente é fundamental para pôr em relevo o elemento que resta não-realizado nas superestruturas.

Isto não só porque a análise por Ernst Bloch da história das heresias distingue duas linhas de afirmação do indivíduo – a da liberação externa do Eu e a do fortalecimento da interioridade – mas também porque desdobra uma compreensão diferenciada da ascensão capitalista.

Quer dizer, na abertura do mundo moderno há uma tensão com duas faces. Na primeira face, há uma dicotomia cujos termos são, por um lado, o novo tipo de homem que surgiu com o capital: um homem emancipado e individual e, por outro lado, o novo tipo de dominação técnica e racional da existência.

Entretanto, na outra face desta tensão nota-se que tornaram a formular-se as primeiras utopias, colocando-se de novo o velho problema do Direito natural (antigo) em sua perspectiva do racionalismo estóico (atitude ascética), mas, desta feita com o horizonte da mentalidade burguesa, numa formulação que Max Weber examinará em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Como se sabe, a análise weberiana contempla antes de tudo a racionalização, mas, entretanto, terminou deixando-se influenciar pelo culturalismo abstrato.

Por contra, embora igualmente interessado no estudo da racionalização, Ernst Bloch investigará a nova formulação das primeiras utopias tendo em conta o seguinte: (a) – a metamorfosis a que o catolicismo primitivo submetera aquele velho problema do Direito natural (antigo) e (b) – o recobrimento superestrutural neoplatônico e escolástico do mesmo.

- Entrementes, a percepção do princípio cultural da Igreja faz notar também uma profunda ambigüidade e certa complementaridade no *processus* dessa abertura do mundo moderno, acentuadas com a obra devastadora da revolução francesa ao fazer desmoronar por completo a superestrutura das relações econômicas do passado remoto (patriarcal e comunitário)<sup>97</sup>.

Com essa ambigüidade e esse fragoroso desmoronamento, aflorou na abertura do mundo moderno não só (a) – que a burguesia afirmou a vontade individual ao lograr um poder político e (b) – que esta

---

<sup>96</sup> Este artigo dá continuidade ao capítulo anterior intitulado "Milenarismo e Insurgência: Aspectos da Crítica da Cultura Tradicional".

<sup>97</sup> A superestrutura correspondente ao antigo Sacro Império Romano Germânico.

---



mesma burguesia, em câmbio, permaneceu debilitada inclusive no aspecto de crença e reconhecimento público do seu modo de ser; mas também (c) – que, nas regiões do mais tenaz reduto do medievo, como a Alemanha, esse Eu externamente liberado e a ascensão capitalista levaram não ao poder político, mas ao fracasso da vontade individual e à falta de escrúpulos do Estado autoritário. Surgido este, por sua vez, na seqüência de inumeráveis príncipes pavorosamente emancipados, todos eles, e na base da ausência de unidade econômica, combinando-se à falta no país de maturidade política e à inexistência de uma entidade jurídica.

Em suma: a análise crítica do tradicional na modernização põe em relevo na abertura do mundo moderno os dois aspectos seguintes: primeiro: com o desmoronamento da superestrutura de relações econômicas de um passado remoto (completado na esteira da Revolução Francesa), os demais países perderam a *mentalidade comunitária* (legado do patriarcalismo tradicional); segundo: na Alemanha, essa *mentalidade comunitária* e até mesmo a profundidade do sentimento de interioridade herdado do gótico tardio e do afundamento do tabu sacramental, se subtraindo ao fracasso político, foram se refugiar no âmbito do meramente afetivo e emocional<sup>98</sup> (daí surgirá a psicologia fenomenológica típica do pequeno homem e o concretamente utópico de que já falamos nas observações sobre os anos vinte).

Ernst Bloch examinará a comunidade primitiva sobre o enfoque da graduação de terrenal e supraterebral, cotejando a situação no século II, no século IV e no século XI a partir do contraste entre o aborrecimento do mundo e a sublimação estética do universo estatal racionalizado

► Deste ponto em diante, tendo descoberto a partir da percepção do princípio cultural o estatuto ambivalente da mentalidade comunitária no quadro de abertura do mundo moderno, Ernst Bloch encontrará em alternativa à análise weberiana a abordagem concreta para a nova formulação do velho problema do Direito natural, no exame do qual terá em conta o catolicismo primitivo e a escolástica.

E o fará não pelo lado da mentalidade de acumulação capitalista, mas no horizonte da marcha do gótico tardio, estudando a comunidade primitiva sobre o enfoque da graduação de terrenal e supraterebral, cotejando a situação no século II, no século IV e no século XI a partir do contraste entre o aborrecimento do mundo e a sublimação estética do universo estatal racionalizado<sup>99</sup>.

\*\*\*



<sup>98</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit, pág. 200.

<sup>99</sup> Cf. Bloch, Ernst: Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución, op. cit, págs. 181 a 204.



*MILENARISMO, COMUNISMO E UTOPIA:  
O Gótico Tardio na Filosofia Literária de Ernst Bloch.*

---

## Primeira Parte: Dupla Maneira de Viver

### *Apresentação*

Considerando o catolicismo primitivo no âmbito de um estudo da história das heresias cristãs, a análise crítica do tradicional na modernização põe em relevo de início o impacto da investidura na posse dos templos pagãos.

Compreende daí a linha que leva ao surgimento do clero que, com a finalidade de cancelar o "*patrimonium pauperum*" (patrimônio dos pobres), então constituído em forma econômica, sacramental e dogmática, irá colocar-se por cima da comunidade primitiva de tipo comunista. Desta maneira, afirmou-se a Igreja dos clérigos como semelhante aos sistemas sacerdotais de quaisquer outros povos e épocas.

Houve, porém, rejeição contra qualquer tipo de secularização e, mencionando os que se refugiaram na vida monástica, o estudo da história das heresias cristãs nos reenvia à presença de Montano, para assinalar a ocorrência do fervor milenarista.

■ Assinala Ernst Bloch que esse personagem levantou a voz (a) – contra a incipiente decomposição, (b) – contra a vinculação com o mundo, (c) – contra a consolidação eclesiástica, e que essas *três vocalizações do fervor* encontraram no Século II da nossa Era partidários entusiastas e numerosíssimos.

■ Daí a compreensão crítica de que a dupla maneira de viver, imperial e cristã ao mesmo tempo – tida como já recomendada pelo apóstolo Paulo – triunfou com muito maior razão e já definitivamente, após o fracasso de tão desesperada rememoração do fervor milenarista.

Nada obstante, admitido o muito escasso interesse da comunidade cristã pelas coisas deste mundo, Ernst Bloch nos lembrará que, em linhas gerais, o Império Romano e a Igreja Cristã permaneceram substancialmente separados.

■ *Em mirada sociológica esquemática, são assinaladas as seguintes correlações: (1) – por um lado, (A) – o Império Romano aniquilava toda a autonomia nacional, havendo repartido a porção do mundo por*



---

*ele conhecida em Províncias do seu Estado universal; (B) – uma burocracia cada vez mais torpe campeava sobre um demos (povo) amorfo.*

*(2) – Por outro lado, (a) – ia-se desobstruindo, ia-se postulando e prefigurando o campo para uma religião unitária; (b) – mostrava-se em realidade indiferente a respeito disso se tal Igreja única se ajustasse ou não aos conteúdos ideológicos do sistema político vigente, então desarraigado e já quase convertido em um ente abstrato.*

Embora sem apreciar os móveis ou motores da ação que tornou possível a evolução pela qual, *primeiro*: se tolerou aos cristãos e, *segundo*: após meia vitória, se lhes facilitou o triunfal reconhecimento como religião do Estado, Ernst Bloch acentua a efetividade das relações humanas e nos sugere como explicação um aspecto microssociológico, a saber: que a vida dos homens entre si, a vida pré-estatal e extra-estatal se viram penetradas pela capacidade do sentimento amatório de Jesus Cristo, como *momento de triunfo interior localizado para-além das ideologias*.

Deste ponto de vista, o batismo do Imperador romano Constantino (272 - 337) não permite como já foi dito outra conclusão senão que o Império Romano e a Igreja Cristã permaneceram separados *em substância*.

Isto significa que os obstáculos ao compromisso com os negócios terrenos provieram não da mumificada organização jurídica daquele Estado, resíduo da Antiguidade com uma feitura extremamente antiquada e incapaz de qualquer novação; mas, além de toda a rejeição, foi o velho rigor monacal que, com a maior virulência e por encima de toda a acomodação utilitária, impediu o compromisso com os negócios terrenos, fazendo-o, porém, com mera intenção reguladora.

Quer dizer, no prevalecimento dessa mera intenção reguladora e revelando sua abordagem fenomenológica, Ernst Bloch constata que efetivamente faltava vontade aos novos dignitários da consciência intranquã (*conscience malheureuse*, infeliz, não-satisfeita) para assumir tal compromisso com os negócios terrenos que os levaria a acolher a alternativa de reedificar o humano em um Sacro Império Romano.

Aliás, é nessa figura fenomenológica que se descobre a consciência moral cristã precisamente como a configuração daquela tensão a respeito do compromisso com os negócios terrenos.

Descobre-se na consciência intranquã a recusa de uma possibilidade a efetuar-se por uma alternativa, no caso, uma atitude de recusa na possibilidade de reedificar o humano em um Sacro Império Romano a expensas de reedificá-lo somente para sua salvação, isto é, em lugar de canalizar as almas fora de tal apaziguamento terrenal, em lugar de canalizá-las unicamente para sua salvação.

■ *Como se sabe, concorreram para essa atitude de recusa configurando a consciência intranquã (não-satisfeita) os seguintes fatores: (a) – o clero de feitura antiga não se decidiu a derivar de sua posição política e social os oportunos compromissos culturais à medida do mundo; (b) – estava ainda muito próximo o resplandecer e a capacidade de estimular as consciências que provém do exemplo dos márti-*



---

*res deste mundo e dos santos de outro mundo; (c) – o próprio episcopado continuava sendo ainda de extração monacal preferentemente, procedendo, portanto, de um segmento social que rompeu com os princípios do mundo e os receia.*

## ***A Primeira Etapa***

*Da crítica do tradicional na modernização sendo aplicada à história das heresias*

▶ *A comunidade cristã primitiva e a dupla maneira de viver*

Neste ponto, podemos visualizar esquematicamente as seqüências e os desdobramentos desta Primeira Etapa da crítica do tradicional na modernização sendo aplicada à história das heresias na comunidade cristã.

*Como se verá do ponto de vista sociológico, a história das heresias cristãs constitui nos estudos de Ernst Bloch um quadro social de referência novador para a história da filosofia medieval, de Agostinho a Tomás de Aquino.*

Vale dizer, para efetuar o estudo da formação do sistema do catolicismo primitivo é preciso: (1º) – examinar as tendências e tensões da consciência intranquã na afirmação do espírito cristão; (2º) – pesquisar a diferenciação e a descrição dos momentos do processus de sedução estética pelo universo estatal racionalizado levando à formação da filosofia social cristã; (3º) – pôr em relevo a descrição dos fatores do equilíbrio (conciliação Igreja-Estado) no sistema mais elaborado do catolicismo primitivo e a diferenciação e afirmação da consciência moral contrária levando ao ressurgimento da seita cristã primitiva, ou seja, a presença da *comunidade originária*.

Nesta Primeira Etapa, portanto, serão distinguidos três desdobramentos no estudo da formação do sistema do catolicismo primitivo.

\*\*\*

Ao descrever a configuração da consciência intranquã, Ernst Bloch assinalará o amplo alcance do desmedido *aborrecimento do mundo* na comunidade cristã, sublinhando o seguinte: (a) – não só que se trata de um sentimento bastante comum em toda a baixa Idade Antiga, mas (b) – que chega a dominar como vontade central, como dogma fundamental, sobre toda a *gnosis* pagã e cristã.



## *A história das heresias na comunidade cristã*

### *Primeiro Desdobramento*

*No estudo da formação do sistema do catolicismo primitivo.*

No primeiro desdobramento, em que é questão do exame das tendências e tensões da consciência intranquã na afirmação do espírito cristão, como mencionado, toma-se em consideração justamente aquela situação da comunidade cristã como estando às voltas com a alternativa ou sob o impacto da recusa na possibilidade de reedificar o humano em um Sacro Império Romano.

Neste marco, Ernst Bloch detecta desde o Século II DC o seguinte: (a) – a linha doutrinária que, partindo das proposições heréticas de Marcio, acentua a reação cristã maniquéia contra o mundo, (b) – examinando as orientações de Santo Agostinho para a compreensão do espírito cristão.

■ Em fatos, nota-se que, já durante o Século IV, aquela reação contra o mundo era ainda bastante acesa, destacando-se os seguintes efeitos: (a) - Santo Agostinho nela está envolvido e percebe a situação dos homens de espírito cristão na Terra como a de quem se encontra em país francamente hostil, não tendo descanso nem contentamento a não ser em Deus; (b) – este pensador distingue a "comunidade dos condenados", na qual inclui as guerras internas e as guerras entre nação e nação, caracterizando tal situação negativa limite como sendo movida pela obsessão do poder e da autoridade e por enganosos valores da cultura terrenal.

**Mas não é tudo. Em face desse aborrecimento do mundo, mas ultrapassando (a) – a doutrina maniquéia e herética de Marcio (para quem não apenas Cristo, mas Deus é tido como o "forasteiro" que leva as almas da mansão da dor para a mais perfeita e bem aventurada distância remota); (b) – e ultrapassando igualmente a doutrina do católico Tertuliano, novação maniquéia (para Tertuliano, "forasteira" é a verdade nesta Terra, pois sabe que é no Céu onde tem sua origem, pátria, esperança, sua recompensa e dignidade); (c) – Agostinho conceberá sua orientação para-lá da contraposição de dois princípios mutuamente excludentes.**

*Sua Civitas Dei não é uma estratificação metafísica à maneira platônica, nem tampouco uma "Cristiano-polis", uma polis clerical (ou Igreja Sacramental). Segundo Ernst Bloch, a Civitas Dei de Santo Agostinho é uma comunidade de puro desígnio espiritual, portanto impossível de ser relacionada a algum lugar.*



Aplicando a mirada sociológica se compreenderá em maneira contextualizada ou por correlações funcionais as orientações subseqüentes de Santo Agostinho, desdobradas de seu posicionamento acima diferenciado em face do *aborrecimento do mundo*.

Vale dizer, (a) – admitindo que o mundo está adjudicado aos anjos decaídos que, irrompendo na criação de Deus, pura nas suas origens, a arrastaram consigo para o abismo; (b) – as orientações subseqüentes de Agostinho permitem a imagem da Igreja como a comunidade dos homens de espírito cristão que se adentra, redentora, nos reinos de Belial.

Sensível ao fervor milenário, o vigor da reação cristã e o aborrecimento do mundo se compreendem porque o cariz, o semblante do mundo, mesmo longo tempo depois de Constantino, continua sendo muito similar ao que apresentava nas declarações de guerra do Apocalipse.

Quer dizer, a cara do mundo continuava similar ao reino do mal por excelência, no sentido de que se lhe pode suportar com o ânimo indiferente em virtude do único fato de seguir em vigor "a promessa daqueles pés que expulsam os dragões, o mundo e o Anticristo".

Segundo Ernst Bloch encontra-se nessa promessa configurada a imagem da Igreja Redentora que se tira de Santo Agostinho, como permitindo a *dupla maneira de viver* ao mesmo tempo imperial e cristã.

Todavia, o tema do aborrecimento do mundo não é assim tão simples. Se o que está em debate diz respeito à possibilidade e à maneira de alcançar o resgate em face dos reinos de Belial (o herético Marcio diminui o próprio Deus dos Judeus em favor da proposição de que só pelo sangue de Cristo se obtém o resgate), o estudo crítico da história das heresias compreende a comunidade cristã e situa o drama moral do espírito cristão em relação às três maneiras ordenadas em que o mundo mantém aferidos a quem por seu nascimento pertence a Cristo.

Em *primeiro lugar*, o mundo fermenta no interior do homem como tentação da carne; *depois*, o mundo fermenta dentro da comunidade humana como ordem da propriedade e do domínio, encarnada pelo Estado; *por último*, no aspecto cosmológico, o mundo fermenta como reino da criação em seu conjunto.

Finalmente, nesta configuração da consciência intranqüila, Ernst Bloch assinala o *amplo alcance desse desmedido aborrecimento do mundo* na comunidade cristã, sublinhando o seguinte: (a) – não só que se trata de um sentimento bastante comum em toda a baixa Idade Antiga, mas (b) – que chega a dominar como vontade central, como dogma fundamental, sobre toda a *gnosis* pagã e cristã.

Ademais, precisamente, foi cristã a operação que, desmontando e incorporando o paganismo, não só discrimina com todo o rigor "o Destino e os motores dos planetas" como divindades pagãs fatais, mas exatamente as afasta do mundo, *tornando com isso os homens piedosos liberados da tirania deste mundo, dos seus governantes e da sua astrologia*.

\*\*\*

Ernst Bloch aprecia a surpreendente doutrina herética de Filo introduzindo dupla legitimação do progressivo armistício com o Estado, que culminará no **agostinismo** ao século XI, como **estrutura gradual** formada na seqüência da Reforma Cluniacense – aliás, como não poderia deixar de ser, o evento dessa Reforma na comunidade cristã situa-se no âmago da história da filosofia social.



## *A história das heresias na comunidade cristã*

### *Segundo Desdobramento*

*No estudo da formação do sistema do catolicismo primitivo.*

No segundo desdobramento desta *Primeira Etapa* da crítica do tradicional na modernização sendo aplicada à história das heresias na comunidade cristã, referente à formação do sistema do catolicismo primitivo, ainda é questão da diferenciação e descrição dos momentos do *processus de sedução estética* pelo universo estatal racionalizado, levando à afirmação da filosofia social cristã.

Relacionando o nível moral ao nível dos interesses, sobressai a mudança de perspectiva da comunidade cristã com a ultrapassagem da *alternativa dramática inicial entre conquistar o mundo e perder a alma*. Então, passa a ter lugar uma questão de conveniência.

■ Quer dizer, (a) – não sendo mais necessário venerar o Imperador, deixavam de ser escandalosos por isso mesmo os negócios do mundo, embora constituíssem uma "questão vergonhosa e inconveniente"; (b) – em consequência, sendo batizado ou "batizável", o Império Romano da época tardia passou a ser visto como o terreno e a ocasião propícios para o mais intenso labor de pregação. Assinala Ernst Bloch que a unidade do Império proporcionava uma sustentação para a idéia da unidade do gênero humano e para o monoteísmo.

■ Embora marchando em paralelo com este último, a idéia da unidade do gênero humano comportava um plano preferencial e, com sua abordagem de realismo estético-sociológico, Ernst Bloch nos desvelará os momentos da marcha dessa idéia, tanto em estado de realidade social-histórica quanto na constituição da filosofia social cristã.

Trata-se de um *processus de elevação* que será descrito através da contextualização do que, incluindo a doutrina de Filo e a nascente *crença gradual* à mesma interligada, Ernst Bloch classificará **mediação filoniana** – talvez o seu mais significativo conceito crítico histórico para a descrição fenomenológica do catolicismo primitivo – visando apreender e designar a *coincidência com a racionalização do Direito Romano*.

Desta forma, uma vez posto o arrefecimento da acentuada tensão do maniqueísmo, inclusive da heresia de Marcio, Ernst Bloch aprecia a surpreendente doutrina de Filo. Embora afirmada em tendência inversa ao arrefecimento, a doutrina de Filo introduz dupla legitimação do progressivo armistício com o Estado, que culminará no **agostinismo** ao século XI, como **estrutura gradual** formada na seqüência da Reforma Cluniacense – aliás, como não poderia deixar de ser em matéria de história da filosofia social, o evento dessa Reforma na comunidade cristã situa-se no âmago da interpretação de Ernst Bloch.



► *A análise contextualizada da Doutrina Herética de Filo e o problema da possibilidade de vinculação espiritual com o Estado.*

Neste ponto, aprofunda-se na doutrina de Filo<sup>100</sup>, tendo em conta sua interligação à crença gradual.

Trata-se de uma doutrina das fases históricas da Revelação e Dedução do reino de Satanás *simplesmente a partir do Pecado original*, doutrina esta que, do ponto de vista sociológico, implica em um rodeio através da literatura política e moral pagã e que introduz o marco fundamental na *descoberta da realidade pagã*.

Ernst Bloch distinguirá, pois, em nível de realidade, um primeiro e um segundo momento de legitimação das fases históricas.

▪ No *primeiro momento de legitimação*, visando reconstituir as linhas que levaram a comunidade cristã a admitir a **possibilidade de vinculação espiritual com o Estado**, a análise aprecia como imbricada nessa doutrina e por ela impulsionada a crença de que desde os tempos imemoriais se haviam manifestado entre os homens certos *vestígios* espirituais ou religiosos orientados para o *vindouro*.

Na difusão dessa crença – por isso classificada crença gradual – não só tomou-se como foco de tais vestígios espirituais orientados para o vindouro (a) – a disposição natural do ser humano, (b) – a preparação da vinda do Cristo pela Lei Mosaica e (c) – as promessas dos profetas, mas também, (d) – se começou a discernir uma série de etapas de certa educação metódica.

Esse discernimento em etapas para o vindouro, por sua vez, configurou uma teleologia que acabou por incluir em suas gradações ao próprio Império Romano, mesmo sendo a concepção dessa gradação em princípio puramente espiritual e movendo-se em meio também puramente espiritual.

Tal inclusão é tida por compreensível malgrado – ou por causa disso – o fato de que, pelo legado do maniqueísmo, o Estado romano em si era vituperado em regra como sucessor da fundação nemrodiana, a qual era identificada ao reino da Babilônia.

Quer dizer, tal inclusão teleológica do Império Romano é compreensível se à imagem derivativa de Estado sucessor (portanto, só parcialmente identificado à fundação nemrodiana) estiver como efetivamente esteve combinada à convicção atribuindo à propriedade, à escravidão e até ao princípio estatal a qualidade de conseqüências lógicas da caída no Pecado, no crime originário da humanidade.

Segundo Ernst Bloch, tentou-se, então, aproximar a tal Estado sucessor do reino da Babilônia como do Mal a *disposição natural do homem* – na qual como vimos a crença gradual havia distinguido *vestígios espirituais para o vindouro* – de sorte que as leis do Império Romano deixariam de

<sup>100</sup> Philo of Alexandria ou Filón de Alejandría (Alejandría, hacia 20 a. C. ou hacia 50). Admite-se que sua obra encontrou ampla aceitação entre os primeiros cristãos, com seus escritos relacionados pelo pai da História da Igreja, Eusebio de Cesarea (275 - 339).

Ver fontes em Early Jewish Writings (Principios de los escritos judíos)

< <http://www.earlyjewishwritings.com/philo.html> >



carecer de certa relação natural ou função mediadora a respeito da Igreja do período último, o vicariato da parusia.

Sendo a destacar, finalmente, que, no âmago da análise desenvolvida por Ernst Bloch, a perspectiva de tal relação natural das leis do Império a respeito da Igreja está previamente compreendida na **mediação filoniana** e se confirma desde o *ponto de vista da sublimação do Direito romano racionalizado*.

Na seqüência da afirmação da Crença Gradual veio a ser estabelecida uma primeira equação entre a lei natural, por um lado – a Lei pela qual se regem os sábios da história primitiva, os patriarcas e os fundadores de linhagens –, e por outro lado a Lei de Moisés, o Decálogo.

▪ Com efeito, no *segundo momento* cumulativo de legitimação ou de transição do *compromisso cada vez mais concreto com o mundo*, a análise põe em relevo precisamente a sedução estética do universal estatal racionalizado e sua consideração pela mediação filoniana, como pontos constitutivos da filosofia social cristã.

Diante do fato então acrescentado de que a existência do Estado é devida tão somente ao Pecado Original em modo justo, e não ao *demiurgo*, não à Satanás como princípio irreparável em si, parecia tornar-se transparente a possibilidade de uma **vinculação espiritual**.

Na seqüência, ademais da "natural disposição religiosa da criatura" afirmada com a crença gradual, em vista de confirmar essa possibilidade de vinculação espiritual, veio a ser estabelecida uma primeira equação entre a lei natural, por um lado – a Lei pela qual se regem os sábios da história primitiva, os patriarcas e os fundadores de linhagens –, e por outro lado a lei de Moisés, o Decálogo.

Com essa equação, inclusive através da "mais funda perdição", a **vinculação espiritual** passa então a ter começo não somente na "natural disposição religiosa da criatura", mas, em modo ainda mais originário, também com a revelação divina, ao menos em sua segunda fase.

*Mas a marcha da idéia não é assim tão simples nem se processa tão diretamente. Esta análise mostra que não será somente tal equação direta com a lei natural que confirmará a possibilidade transparente (de vinculação espiritual com o Estado), mas (segundo a linha histórico-filosófica da sedução estética do universal estatal racionalizado) será o **apriorismo jurídico legado do postulado estóico** que se encaixará perfeitamente com a lei mosaica através da mediação da doutrina de Filo (e da crença gradual), ou seja, em modo indireto.*

Filo sustentou a teoria de que a moral filosófica pagã assentava-se na cópia prope-deútica da Bíblia, de tal sorte que a apreensão da aludida equação primeira desta forma, só seria direta em aparência.

Neste ponto, tomando como eixo principal a exigência em esclarecer o inventário do apriorismo jurídico, a análise toma em consideração o processus da mediação de Cícero nos seguintes termos: (a) – que, partindo do **postulado da congruência de**



**todo o obrar com a natureza racional**, com a natureza social do homem – por fora da tirania dos apetites sensuais e da fortuita determinação jurídica por parte do Estado, isto é, partindo do Direito natural propriamente dito; (b) – Cícero acabou dando uma forma racional ao Direito positivo romano.

Vale dizer: trata-se do *processus* histórico-filosófico pelo qual o inventário do apriorismo jurídico assim entendido como código da razão, *todavía pagão*, veio a encaixar perfeitamente com a lei mosaica.

Ernst Bloch chamará a essa vertente "tão transcendente *processus*" e, apoiando-se em estudos específicos comprobatórios, porá em relevo que, em relação a esse encaixe do inventário do apriorismo jurídico, Filo havia efetivamente sustentado a moral filosófica da antiguidade – nela incluindo a doutrina da idéias – como sendo um plágio propedêutico da Bíblia.

Quer dizer, a moral filosófica já combinava (com anterioridade em relação ao Decálogo) ao mesmo tempo a lei natural com a lei divina mediante o recurso à *primitiva revelação divina*.

Note-se *en passant* que a *teoria do plágio propedêutico da Bíblia como caracterizando o postulado estóico* esclarece para nós ser exatamente esta via que caracteriza igualmente o *elemento postulativo histórico-filosófico como tal*.

Quer dizer, uma vez refletida na *mediação filoniana* explicitando a sublimação ou sedução do universo racionalizado, aquela especial *intenção propedêutica* notada como *atitude ascética* na moral filosófica da antiguidade constitui precisamente a realidade (aberta) que confirma o ideal estético realista em sua efetividade, na eficácia do "*dator formarum*" (o elemento postulativo histórico-filosófico em obra <sup>101</sup>).

Em suma, esta análise põe em relevo sob a apreciação da doutrina de Filo e da respectiva crença gradual o seguinte: (a) – a coincidência entre a teoria do plágio propedêutico da Bíblia como caracterizando o postulado estóico, por um lado e, por outro lado, o *processus* de racionalização do Direito positivo romano encaixando na lei mosaica.

(b) – Além disso, abordando seu objeto desde um ponto de vista realista, esta análise enfatizará que toda a aproximação concreta à realidade pagã só foi possível por que: (b1) – efetuando-se como um rodeio através da literatura política e moral pagã (mediação de Cícero), (b2) – deu exatamente por resultado a sublimação do universo estatal racionalizado na mediação filoniana (que, através da *teoria do plágio propedêutico da Bíblia como caracterizando o postulado estóico*, levou como vimos ao encaixe do inventário do apriorismo jurídico com a lei mosaica); (b3) – daí porque essa mediação configura uma instância básica na filosofia social cristã (da mesma maneira em que o neoplatonismo o é para o dogma que então estava se constituindo).

\*\*\*

---

<sup>101</sup> A confirmação do postulado estóico como *atitude ascética* é fundamental na compreensão da história da filosofia por Ernst Bloch e constitui o núcleo de sua filosofia estética da história.



## *A história das heresias na comunidade cristã*

### ***Terceiro Desdobramento***

*No estudo da formação do sistema do catolicismo primitivo.*

Enfocando a doutrina de Orígenes, do Direito Contratual, afirmando uma condição ao Imperador Cristão, Ernst Bloch nos oferecerá uma explicação para a compreensão que então prevaleceu e que levará à diferenciação da consciência moral contrária ao sistema elaborado.

▪ **A constatação do estabelecimento da gradação levando a admitir e realizar a possibilidade de uma vinculação espiritual com o universo estatal, ao efetuar-se quase sem turbacão por sublimacão, configura no conjunto a operacão específica da consciência moral cristã, desse modo ampliada.**

Alcançamos assim o ponto de partida do **terceiro desdobramento** dessa primeira etapa da crítica do tradicional aplicada à história das heresias na comunidade cristã, referente à formação do sistema do catolicismo primitivo, cujas seqüências estamos a apreciar.

Neste *terceiro desdobramento*, como mencionado, nos será oferecida a descrição dos fatores do equilíbrio ou da conciliação Igreja-Estado e será notado o surgimento da consciência moral contrária, levando por sua vez ao *ressurgimento da seita cristã primitiva, a comunidade originária*.

Com efeito, esta análise considera como decorrência espontânea do discernimento da gradação das coisas a compreensão então alcançada de que é moralmente permitido e legítimo para o cristão cumprir com as leis do Estado, desde que tenha em conta, porém, na medida em que tais leis concordam com a lei natural.

Quer dizer, tal compreensão da consciência ampliada não é alcançada sem reservas, sendo precisamente essa cautela encontrada na base de uma doutrina do Direito Contratual aplicável por excelência no caso do Imperador cristão: a doutrina de Orígenes, de caráter teórico, isto é, cuja orientação mais funcional do que moralista busca uma espécie de verificacão da lei, sem preocupar-se com a linha cristã.

Conforme a doutrina de Orígenes, do Direito Contratual, (a) – o poder do Imperador é concebido como delegacão dos direitos do povo na pessoa do príncipe; (b) – *o Imperador cristão não podia ser Imperador senão na medida em que seu poder garantisse a salvaguarda da ordem moral natural*.

▪ Entretanto, o fato sociológico da maneira de aceitar, aplicar e valorar uma doutrina de pensamento deve ser aqui bem distinguido. A Análise feita por Ernst Bloch põe



em relevo não só a ambivalência que envolve o axioma de Direito Contratual da doutrina de Orígenes – especialmente o item b –, mas enfoca o *efeito sociológico* da circunstância apaziguadora na qual triunfava então a Igreja primitiva.

Desta forma, sob o enfoque por correlações funcionais, Ernst Bloch nos oferecerá uma explicação para a compreensão que então prevaleceu e que levará à diferenciação da consciência moral contrária ao sistema elaborado.

Conforme nosso autor, o *sentido revolucionário* do axioma condicionando o Imperador cristão – o mesmo axioma que servirá a Calvino e aos jesuítas – passou despercebido devido à *suma indulgência acompanhando o triunfo da Igreja primitiva*.

Acontece que, por essa mesma razão, por essa mesma indulgência, veio a ser valorizado o sentido inverso daquele axioma, seu valor de *justificativa*, servindo para favorecer tanto ao governante injusto e ao infame, quanto, finalmente, ao "originário reino diabólico do mundo político em sua totalidade".

Por esse *biais*, governante injusto ou o infame, ou anda o próprio reino diabólico, ambos passaram então a ser respaldados por um Direito natural, aquele referido no "item b" do axioma de Direito Contratual da doutrina de Orígenes condicionando o Imperador cristão.

Segundo Ernst Bloch, trata-se de um Direito natural de índole muito particular que deve ser classificado como **Direito natural de índole teocrática**, nada tendo a ver com o simples Direito natural estóico e mosaico. Tanto que, no processamento desta idéia, terá lugar o resgate do velho irracionalismo religioso, a afirmação da "*ira de Deus*".

Com efeito, na configuração desse Direito natural de índole teocrática verifica-se a superestrutura da própria teoria contratual, como teoria afrouxada em sentido concreto, alheia ao espírito cristão, isto é, como acomodação.

Desta forma, aflora a mudança de função do Pecado original na consciência moral do sistema em elaboração, passando *gradativamente* de (a) – critério para descobrir dentro mesmo do Estado "*certas vinculações com um mundo melhor*", para, em seguida, (b) – afirmar o castigo divino em si como característica da negatividade ou dos aspectos mais repugnantes do Estado e, assim procedendo, justificando-o.

**Quer dizer, em sua análise da história das heresias cristãs e no que concerne a compreensão do sistema mais elaborado do catolicismo primitivo, Ernst Bloch põe em relevo que *a perspectiva do mundo melhor* cede lugar. Ou seja, passou-se a considerar o governante nefasto e o Estado em sua totalidade como castigo imposto por Deus e antídoto contra o Pecado (isto é, como penitência).**

Portanto, seja o mau governante, seja o Estado, ambos tornam manifesta a ira de Deus, da mesma maneira que no outro extremo, com a perspectiva do mundo melhor, Cristo tornava manifesto o amor de Deus: tal o resgate do velho irracionalismo religioso como superestrutura da teoria contratual em sentido preferencialmente concreto, em sentido de acomodação.

Mas não é tudo. Dessa mudança de função do Pecado no sistema do catolicismo primitivo em sentido justificador, ocorre um rejuvenescimento da idéia teocrática pelo Direito natural. Da mesma maneira, há um rejuvenescimento da repressão instituída contra o Pecado, com o Imperador e seu regime deixando de ter limitações teóricas vindas *de-baixo* – afirmadas estas últimas no axioma de Orígenes quando tomado em sentido revolucionário.



Vale dizer, as limitações antepostas ao Imperador eram as vindas *de-cima*, isto é, vindas da Igreja com suas posses e seu poder jurisdicional, a Igreja como instituição da graça *post statum*.

Nada obstante, Ernst Bloch sustentará que nem mesmo na fase bizantina final desse processo de acomodação conseguiu-se obter uma unidade real Igreja-Estado, tendo sido alcançado somente aquela "*divisão de poderes*" cujo ponto de encontro era sua respectiva instauração por Deus, sua cumplicidade no exercício da **dupla teocracia**.

Entretanto, inspirada na Renascença, esta análise tem em vista como dissemos assinalar as linhas da história das heresias cristãs e da construção da marcha do gótico tardio, como quadros de referência em focos nos séculos XV e XVI.

Daí orienta-se para remarcar que aquela tendência ao concreto, acomodaticia, dirigindo o sistema do catolicismo primitivo, não abarca totalmente a comunidade cristã. Em conseqüência, no mesmo plano, mostra-se o desenvolvimento das congregações monacais ou laicas, acontecendo paralelamente àquela elaboração mais avançada do **sistema de dupla teocracia**.

*Notam-se desta forma a diferenciação e a afirmação de uma consciência moral contrária nessas congregações, com o fim de pôr ali a salvo a alma, o ensimesmamento e a caridade, a absoluta estima da interioridade do homem, deixando de lado todas as diferenças de nascimento, condição social e cultura.*

Segundo Ernst Bloch, será dessa ambiência monástica contrária àquele processus de conciliação entre a Igreja primitiva e o Estado do Império romano tornado cristão que surgirão: (a) – para a Igreja medieval, seus predicadores, *cuja ação supunha uma purificação constante*; (b) – para a ortodoxia grega, seus adoradores da luz e seus pneumáticos, "*nunca subordinados por inteiro à hierarquia, nem encastelados no Dogma*".

■ Cabe sublinhar como principal, todavia, (a) – o fato de que foi do âmbito dessas congregações que ressurgiu a seita cristã primitiva, a comunidade originária; e que (b) – esse ressurgimento é um fato de indispensabilidade no estudo histórico das heresias a partir do início da mais intensa **reação ascética**, no século XI, (c) – igualmente indispensável como fato motor para a posterior construção da marcha do gótico tardio como quadro de referência do saber histórico, tal que iremos expor adiante.

\*\*\*



## A SEGUNDA ETAPA

*Da crítica do tradicional na modernização sendo aplicada à história das heresias*

▶ *A época da Igreja Medieval e a estrutura gradual*

Antes de reencontrarmos o gótico tardio, iremos seguir a **segunda etapa** da crítica do tradicional aplicada à história das heresias cristãs, agora, porém, já na época da Igreja medieval, referente aos efeitos do agostinismo como estrutura gradual e à formação da Igreja racionalizada com a filosofia tomista.

Aliás, em relação ao aspecto sociológico do processus histórico de acomodação acima descrito, cabe lembrar que a análise da racionalização na civilização ocidental proposta por Ernst Bloch<sup>102</sup> é alternativa ao *culturalismo abstrato* de Max Weber e visa elucidar no concreto o legado superestrutural da sociedade patriarcalista. Desta forma, o velho problema do Direito natural é alcançado no desenvolvimento da percepção do puro princípio cultural da Igreja.

Por sua vez, a percepção histórico-cultural se desdobra em duas direções complementares, seguintes: uma **primeira etapa** que acabamos de expor e comentar, onde se desmonta a metamorfose a que o catolicismo primitivo submeteu o velho problema do Direito natural; outra, a **segunda etapa**, que nos propomos a expor na seqüência, desmonta o recobrimento superestrutural neoplatônico e escolástico do mesmo.

Para começar, nesta **segunda etapa**, a crítica do tradicional aplicada à história das heresias cristãs se efetua em *duas abordagens complementares* que são *convergentes sobre a reforma cluniacense*, quando entra em foco o agostinismo e a estrutura gradual.

I – Pela *abordagem mais histórico-filosófica* do que estrutural-funcional, se aprecia em especial o quadro da filosofia de São Tomás de Aquino para-além do feudalismo, tomando-a como sendo orientada para a compreensão de que a **confiança** distintiva do universo corporativo da Idade Média – através das cidades medievais – deve ser vista como prelúdio imediato da Doutrina do Corpo Místico de Cristo.

II – Pela *aproximação propriamente estrutural-funcional*, por sua vez, Ernst Bloch abordará no Império carolíngio o que classifica *singularíssima fusão de Igreja e Estado*, pondo em foco de maneira contrastada (a) – a aspiração universalista do apogeu da Idade Média, como constituindo uma cristandade estranhamente secularizada no engajamento de uma simples missão cultural mundana, a saber: buscar uma configuração deste mundo que fosse mais tolerável ou mais fácil de suportar (nisto in-

---

<sup>102</sup> A racionalização no Ocidente em dois eixos: (1) processus de sedução estética pelo universo estatal racionalizado do Império romano, levando à formação da filosofia social cristã; (2) formação da Igreja racionalizada com a filosofia tomista.

---



---

cluindo as Cruzadas); (b) – o início da mais intensa reação ascética, no século XI.

► *A abordagem mais histórico-filosófica.*

A análise desenvolvida por Ernst Bloch começa por reencontrar e valorizar a expectativa de que o espírito cristão acabaria se impondo no Império romano cristianizado com a irrupção dos novos povos. Isto porque se tratavam de massas cujos ímpetos grosseiros seriam compensados já que (a) – careciam da frieza e crueldade dos antigos romanos conquistadores; (b) – traziam as primitivas **virtudes cooperativas** da veneração aos mais velhos, da piedade filial e, notadamente, a estipulação não-escrita entre os indivíduos – isto é, a **confiança** como instituição social –, costumes simples esses que caracterizam o modelo de sociedade patriarcalista, tido como o ideal de sociedade da Igreja.

Vale dizer, as **virtudes cooperativas** marcariam as relações econômicas e as relações entre os grupos desde os fins da época merovíngia, quando ruiu completamente o regime urbano da antiguidade (economia monetária, sistema estatal abstrato e burocrático), e posteriormente, durante um longo tempo no Império carolíngio.

Inclusive as cidades que ressurgiram guardavam ainda o caráter semi-agrário – pelo que se diferenciavam substancialmente da polis antiga, organizada que fora esta sem estratificar e distanciada da natureza. Ademais, perdurou nas cidades ressurgidas não só o sistema cooperativo, mas a ordem hierárquica patriarcalista, a equidade e a solidariedade entre indivíduos e entre grupos – características essas a que a crítica da cultura histórica tradicional equipará posteriormente o comunismo das insurgências camponesas nos séculos XV e XVI.

Nesta análise, o caráter semi-agrário imprime às cidades a figura sociológica de uma entidade estabelecida e coesa, um organismo à base de corporações que girava sobre seu próprio eixo, com estratificações flexíveis e variáveis, estando ainda sem nivelar e nos puros começos da formulação abstrata do Direito.

► Neste ponto podemos ver que, estabelecendo correlações funcionais ao modo da sociologia do conhecimento filosófico, a crítica do tradicional estenderá desse patamar morfológico das cidades semi-agrárias as vertentes constitutivas do **homem não-subordinado**, o qual aparecerá para a reflexão de São Tomás de Aquino e, como assinala Ernst Bloch, deve ser levado em conta na compreensão realista da filosofia tomista em sua efetividade, como logo veremos.

Trata-se do homem sob aquela figura de corporações girando em seu próprio eixo, o homem urbano, não o da *chevalerie*, que é o sistema feudal propriamente dito.

A respeito dessa diferença, Ernst Bloch remarca que, através das Cruzadas, o homem do sistema feudal será submetido ao honroso serviço da Igreja e ao culto de Maria por efeito de uma idealização magistral, a saber: por efeito da *aspiração universalista* do apogeu da Idade Média, já mencionada.

Da mesma maneira, submetido ao honroso serviço da Igreja está o Rei, com a função importante para o milenarismo de *representação de um reino* e, dessa forma, executor da ordem de vida cristã. Segundo Ernst Bloch, a importância para o milenarismo estaria em que, como elemento moral natural, a *ordem de vida cristã* permitia com mais eficácia do que na Antiguidade sujeitar o soberano sob o Direito canônico, isto é, sob os princípios básicos de direção moral e espiritual.

---



Uma vez posto esse elemento de representação e em face da autonomia das cidades medievais e seu alcance como focos de conhecimentos, a crítica do tradicional desenvolverá as correlações sociológicas sustentando o seguinte: (1) – em São Tomás de Aquino, a ênfase principal recai justamente sobre a cidade medieval, com manifesta postergação do feudalismo; (2) – o mesmo São Tomás de Aquino enaltece o *coerente patriarcalismo* da estrutura da cidade medieval.

*Para Ernst Bloch o reconhecimento da cidade não somente reforça a relevância da **confiança não-codificada** como valor da filosofia, mas projeta seu estatuto, pelo qual essa confiança espontânea anuncia em maneira imediata a doutrina do Corpo Místico de Cristo.*

Aliás, a **confiança não-codificada** era valorizada não em modo abstrato, mas como questão de fato, como prática ou modo coletivo, chegando-se mesmo a afirmar, idealisticamente, a existência de uma surpreendente harmonia entre a economia natural, o patriarcalismo e o princípio de solidariedade: uma harmonia apoiada em elementos residuais do *sistema dular* típico da organização agrária patriarcal em sua pureza, e do comunismo primitivo.

► *A abordagem mais estrutural-funcional.*

Quanto ao aspecto complementar mais funcional do que histórico-filosófico, e que será também convergente sobre a reforma cluniacense, isto é, *a singularíssima fusão de Igreja e Estado*, a crítica da cultura tradicional acentua a ambigüidade sob a aspiração universalista do apogeu da Idade Média.

Nota-se a preeminência da disposição clerical adaptando-se às circunstâncias em dois momentos seguintes: (a) – na trajetória que levará à singularíssima fusão; (b) – na trajetória que levará depois a Gregório VII.

Desta forma, na seqüência, primeiro, da maior influência dos senhores rurais sobre os monges e, segundo, na seqüência da quebra da unidade classificada "infantil" por Ernst Bloch, chegou-se à criação das Igrejas locais.

Neste ponto deve-se notar o seguinte:

(a) – que essa quebra de unidade da Igreja – chamada "infantil" exatamente pelas razões que se seguem – tem a ver (a1) – não só com o fato da abrangência da Igreja em seu conjunto incluir numerosos povos novos ingênuos e diferentes, mas que, (a2) – por essa mesma via sociológica, mal se reconhecia o Papa que tão longe estava;

(b) – que a influência dos senhores feudais na criação das Igrejas locais se fazia cada vez mais esmagante, com os costumes religiosos se moderando e a salvação eterna sendo amoldada às circunstâncias.

Adicionem-se a essas características estruturais da situação da época os seguintes dados de conjuntura: (a) – que a única potência docente era a Igreja dos Francos; (b) – que a mesma estava colocada ao serviço de um Imperador dono de imensas propriedades territoriais que (c) – passou a exercer sua disposição sobre os bens da Igreja; (d) – que, sob outro aspecto, deixou de ter caráter hereditário o cargo dos altos prelados, (e) – passando desse modo os mesmos a serem convenientes a Carlomagno por se terem tornado eletivos e, finalmente, isto tudo adicionado, teremos as vertentes de onde **surgiu a fusão de Igreja e Estado, o Império Carolíngio**, com seu alto clero privilegiado, possuidor de terras e partícipe de todos os interesses imperiais.



Daí o florescimento de uma *Cristandade* desse modo estranhamente secularizada, isto é: secularizada em vista de empreender uma *missão cultural mundana*, haja vista que lhe fora dada a tarefa de *procurar uma mais suportável configuração deste mundo*.

### *As Ambigüidades Sociológicas na configuração da reforma cluniacense e da estrutura gradual.*

► Todavia, na exposição que se seguirá, poderemos ver com clareza em razão de que a crítica da cultura histórica tradicional classifica *singularíssima* a fusão de Igreja e Estado ou *estranho* o caráter secularizado da Cristandade.

Segundo Ernst Bloch, a razão disso releva de que, tanto aquela  *fusão* quanto o  *caráter secularizado*, deveram-se muito mais aos aspectos sociológicos da experiência coletiva e cultural de *alargamento do espaço*, já notada por Jacob Burckhardt, do que a episódios ou disposições da moral cristã por si sós, como fora o caso do estabelecimento do sistema mais elaborado da **dupla teocracia**, surgida na subsequência do catolicismo primitivo dentre as decorrências da mudança de função do Pecado, como vimos.

Tanto é assim que, acentuando os aspectos sociológicos, será posto em relevo até mesmo uma inusitada ambigüidade limitando a independência do que na moral cristã é o mais radical, a saber: o *ascetismo* – radical porque servirá a esta análise para distinguir entre a *seita* e a *radical vida monacal*.

Tal ambivalência se observa a respeito da *reação ascética do século XI*, que teve por efeito não a *des-mundanação* da Igreja, mas, antes, levou a que o ente híbrido do Estado cultural carolíngio fosse tomado ao seu encargo pelo Papa, o novo senhor universal da Cristandade.

É claro que este *tomar ao seu encargo* revela a disposição clerical adaptando-se às circunstâncias, não um imperativo de sistema de moralidade.

Tanto que a seqüência coordenada dos episódios e atitudes que Ernst Bloch nos apresenta para mostrar que o lugar de Carlomagno viera a ser ocupado pelo Papa Gregório VII, embora seja uma demonstração de qual modo a aspiração universalista redundou em proveito do Imperador e do Papa, revela a incidência dos aspectos sociológicos empurrando para essa *acomodação do talante clerical*.

Desta forma, no âmbito da reação ascética do século XI, nota-se que a insurgência do monge contra as relações de vassalagem ou submissão ao poder secular (que desviavam os altos prelados para a acomodação ao Estado) e a efervescência então ocorrente, tomada juntamente com o concurso das cidades, deve ser compreendida em uma correlação nos termos de antecedentes e conseqüentes, seguinte: (a) – por um lado produziu o efeito de quebrantar a influência da classe senhorial e manter com bons olhos a figura do Papa; (b) – por outro lado, reagiu fundamentalmente contra a simonia; (c) – assim procedendo deixou o campo livre para o Papa não só trazer para si o que se havia tirado dos príncipes, mas também (d) – para perseguir aos mais avançados na luta contra a venda dos bens e cargos da Igreja.

Por sua vez, com essa reação, o reaparecimento da atitude moral que, então, reprovava o Estado extra-elesiástico como situação pecaminosa por excelência, ne-



gando-lhe em nível de princípio toda a capacidade de Bem, apresenta igualmente uma ambigüidade.

Ou seja, o reaparecimento da atitude moral alterou as relações com o Estado que havia sido submetido e colocado em nível infra-eclesiástico, fazendo com que o mesmo tornasse a se impor como possível poder disciplinário e curativo (penitencial), com os efeitos do Direito natural.

*Podemos ver neste ponto que será dessas ambigüidades e das correlações sociológicas mencionadas que a análise por Ernst Bloch reencontrará as **influências convergentes para a configuração da reforma cluniacense e da estrutura gradual**, como levando ao enfraquecimento do próprio ascetismo impulsionante (em foco na reação motora desse século XI), bem como ao tomismo e à sua realidade fragmentária.*

Quer dizer, a *re-posição* do Estado com relação ao Direito natural já não o torna desta feita imediatamente responsável perante Deus. O entendimento que deste se adquiriu passou a equivaler a um *ponto infinitamente distante* onde haveriam de convergir as linhas paralelas do Estado e da Igreja.

Desta forma, o Estado havia que prestar contas à própria Igreja diretora e redentora ao mesmo tempo, isto é, a Igreja como o supremo círculo concêntrico, como o sistema instrumental divino capaz de toda a mediação.

Ernst Bloch vê nesse supremo círculo como figura moral (e geométrica) a recorrência da **dupla relação** agostiniana com o Mundo. Não somente tornava-se a contemplar o Estado como devendo sua existência ao pecado original, mas a gradação passa a distinguir-se em relação à Igreja como colocada no ponto mais alto, cume este que, então, não é Deus e sim a mediação, portanto não absolutamente transcendente ao Mundo.

Por sua vez, essa recorrência da **dupla relação** agostiniana com o Mundo já não atende apenas à exigência de comprovar a possibilidade de vinculação espiritual com o Mundo, tal como acontecia na formação do sistema do catolicismo primitivo. Vale dizer, a **dupla relação** é concebida desta feita pela Igreja da Idade Média com a intenção unicamente de: (1) – evitar as flutuações do Mundo e, igualmente, (2) – evitar que a *Cité de Deus*, isto é, a comunidade puramente espiritual ficasse por consequência de tais flutuações equiparada com o sistema da *Polis clerical*/ou Igreja sacramental, entretempos constituída.

■ Aprofundando nessa recorrência da **dupla relação** com o Mundo, a crítica da cultura histórica tradicional deixa ver (a) – não somente a convergência dos dois níveis iniciais, a saber: a confiança não-escrita, por um lado e, por outro lado, a disposição clerical; mas também, por esta via, (b) – nos mostra a configuração da reforma cluniacense no desdobramento da estrutura gradual, com a filosofia tomista se realizando no sistema da Igreja da alta Idade Média, mas preservando o livre-arbítrio (em diferença de Lutero).

Na seqüência desta análise, a recorrência da **dupla relação** agostiniana com o Mundo, tendo sido concebida para evitar a equiparação da *Cité de Deus* à *Polis clerical* deu ensejo e/ou somou-se plenamente (a) – aos critérios da racionalização do Direito positivo romano (combinações da lei natural com a lei divina); (b) – à equiparação pelo catolicismo primitivo de lei natural e lei mosaica; (c) – à firme gradação espacial da pirâmide das idéias, platônica e neoplatônica.

*Quer dizer, é a esse somatório das disposições históricas convergentes, articuladas e equilibradas em torno da **dupla relação**, que*



---

*Ernst Bloch classifica **estrutura gradual**, configurada na esteira da reforma cluniacense, então provocada pelo monacato.*

Desta forma, duas linhas são postas em destaque.

(a) – O monacato veio a ser avassalado ao sistema da Igreja sacramental, limitando-se em consequência o valor institucional do ascetismo, que passou a contar somente como força vivificadora, tornado desprovido da capacidade para a consagração ritual ou litúrgica da fé cristã.

Sem embargo, a capacidade virtuosa do ascetismo está sempre ligada à infusão da fé cristã, ainda que este sacramento tenha sido reservado aos sacerdotes.

(b) – A instituição da Igreja sacramental *não tinha interesse algum em preservar o intenso desprendimento e rigor da vida cristã diante do Mundo*, persistindo somente em seus objetivos seguintes: (b1) animar moralmente àquela sociedade da estrutura social corporativa; (b2) santificá-la mediante os sacramentos; (b3) codificar e ideologizar precisamente o substrato de Igreja estatal logrado no período carolíngio, afirmando uma cultura moral e religiosa que em parte era resultado de uma evolução espontânea e em parte produto do cristianismo.

### ***As Bases Sociológicas da Filosofia de São Tomás de Aquino.***

► Descobrimos correlações de sociologia do conhecimento filosófico, Ernst Bloch observa que esse sistema de relações da instituição da Igreja sacramental, *concedendo ao âmbito da Terra dons quase mais preciosos do que os outorgados ao Céu*, ao invés de invalidar tal sistema, o aperfeiçoa e ainda o sublima. Desta sorte, essa ambigüidade constituirá um modelo refletido na filosofia de Tomás de Aquino em sua eficácia cultural, tanto quanto será igualmente a figura corporativa da cidade medieval.

Com efeito, a filosofia tomista é lida em modelo sociológico como a arte realizada de São Tomás de Aquino, o feito do *"mais eminente sumista da transação alto-medieval entre o Mundo e Cristo"*.

Nessa filosofia tomista abordada pelo aspecto de sua eficácia, Ernst Bloch porá em relevo "o vibrar excessivamente harmonioso" de um sistema hierárquico de causas ou impulsões finais, em que *cada parte conforme sua índole própria opera em favor do todo*.

Assinala-se uma tensão entre, por um lado, um realismo concreto afirmando uma transcendência *imanentemente classificada* e distribuída: uma estratificação composta de um número de sistemas subordinados e particulares, equivalentes ao número dos diversos círculos de atividades e entidades naturais que existem.

Por sua vez, no outro lado dessa tensão, afirma-se o *severo caráter ultraterrenal da meta absoluta* que deve reger a tal estratificação.

Todavia, a análise por Ernst Bloch põe em relevo que Tomás de Aquino eliminou ou fragmentou excessivamente o paradoxo uno e indiviso do postulado cristão ao dar uma total localização terrenal na instituição milagrosa e misericordiosa da Igreja ao caráter ultraterrenal, isto é, ao sobre-natural por excelência.

---

*Em consequência, o fato de que o sumista faça triunfar precisamente no catolicismo o imenso poder espiritual do Cristianismo, com*



---

*sua doutrina do sobrenatural e milagroso, como natureza autêntica da situação originária do homem, implicando a virtude suprema do amor ou capacidade amatória de Jesus Cristo, aparece para Ernst Bloch algo completamente desprovido de nocividade na diluição do Mundo.*

***Ascetismo e sacramentalismo na acentuação postulativa da situação originária do homem.***

► Mas não é tudo. Ernst Bloch é sempre sensível ao fervor e à idéia milenarista e sempre atento para com a supressão crítica de sua virtualidade como diluição do Mundo.

Daí, por via do amortecimento da nocividade, mostra-se coerente que, nessa doutrina do milagroso como natureza originária do homem, se deixe a salvo o livre-arbítrio e que, nessa mesma doutrina, a vontade humana não adquira um caráter diabólico definitivo.

Desta maneira, adquire relevo no pensamento de Tomás de Aquino a intensa *acentuação postulativa* da situação originária e a referência intencional do Direito natural à primitiva santidade do homem.

Destaca-se assim que, da situação originária do homem, em razão de que a vontade humana não adquire um caráter diabólico definitivo, permanece *um resíduo que, mesmo debilitado pelo pecado original, não está de todo corrompido, podendo cooperar na tarefa da salvação.*

Nada obstante, tanto a acentuação postulativa quanto a referência intencional à primitiva santidade do homem servem ao Direito natural *racional*, isto é, ao sistema estatal organicamente escalonado e socialmente harmonizado.

Assim é porque o sistema estatal escalonado e harmonizado revela-se *praebula ecclesiae* e potência do ato de graça que, ademais, é um poderoso reforço diante do Direito natural (antídoto do pecado) do Estado existente.

*Segundo Ernst Bloch o recobrimento superestrutural escolástico do velho problema do Direito natural tem um alcance crítico que se observa no rumo pouco ascético da acentuação postulativa da situação originária do homem em Tomás de Aquino.*

■ As linhas neste sentido são as seguintes: (1) – o *resíduo incorruptível/não* serve à *direta imitação* do Cristo rompendo os moldes do Mundo e os da Igreja sacramental; (2) – as regras adjudicadas ao Direito natural racional são as da racionalização do Direito positivo romano, as de Aristóteles e as do Decálogo, e não as da reta convivência de Jesus Cristo.

■ Além disso, Ernst Bloch sublinha a ambivalência em Tomás de Aquino, quem concebe a queda no Pecado antes de tudo como perda da perfeição do homem na Graça, concepção esta que é de ordem espiritual e mística e, portanto, mais próxima do ascetismo, entretanto, nem por isso deixará o sumista de celebrar a faculdade sacramental da Igreja como a única possibilidade de restituir tal perfeição (*ex opere operato Christi*).

\*\*\*





## Segunda Parte: Do Século XI Ao Século XV: A Queda Do Tomismo E A Construção Da Marcha Do Gótico Tardio.

---

### DO SÉCULO XI AO SÉCULO XV: A QUEDA DO TOMISMO E A CONSTRUÇÃO DA MARCHA DO GÓTICO TARDIO.

---

► Neste ponto, a análise por Ernst Bloch nos permite avançar rapidamente na construção da marcha do gótico tardio como quadro de referência da crítica da cultura tradicional aplicada à história das heresias cristãs.

Lembre-se que nesta análise a compreensão da história das heresias desenvolve-se em duas linhas básicas, seguintes:

(a) – se desdobra desde o ponto de vista do ideal (entelequial) estético realista e não é história religiosa. O elemento postulativo é tal porque vem do humano e, através da função do "*dator formarum*", o reafirma como capaz de elevar-se e, por via deste "elevar-se", como capaz de chegar ao reconhecimento de sua qualidade, a humanidade. Cabendo lembrar que na crítica do tradicional se procede à desdogmatização de toda a pré-concepção religiosa ou teológica que encobre em função representacional o *elemento postulativo*.

(b) – Trata-se de uma compreensão que põe em relevo o processus de passagem do elemento postulativo ou histórico-filosófico nas superestruturas, como aquilo (*quid*) que nelas *resta não-realizado* e que se afirma em correlação com o fortalecimento da interioridade do homem, base do individualismo campesino.

Sem embargo, para avançarmos na construção da marcha do gótico tardio basta assinalar a linha que leva ao nominalismo de Occam, no século XIII, e constatar os

---



processos pelos quais na seqüência dessa linha histórica veio abaixo o tomismo, já na ambiência tradicional das insurgências camponesas que encontraremos nos séculos XV e XVI.

Segundo Ernst Bloch, com o laborioso *sistema hierárquico* que, em modo "quase panlogista", se estendia desde a Terra até o Céu, o tomismo deixou instituído assim o salto desde o singular, desde o novo e voluntário de cada esfera *até o suscetível de reflexão*, preordenando o espiritualmente contínuo, embora Tomás de Aquino reduza essa distância na medida do possível.

Desta forma, alcançando no âmago do sistema hierárquico a *analogia* através da aplicação dessa noção lógico-hegeliana de "salto", Ernst Bloch sublinha que *a liberdade, a disposição de ânimo, a paixão, inclusive a paixão cristã como ascetismo, chegam a ver-se mediatizadas* como simples elementos do *sistema hierárquico*, elementos da obra, da *objetividade* racional, do conteúdo ético objetivo.

Por tanto, afirma-se o compromisso entre o Mundo e Cristo: a compenetração da evolução natural entendida à maneira aristotélica, por um lado, com a revelação escalonada e com a doutrina emanantista dos neoplatônicos, por outro lado.

► Prosseguindo em sua interpretação de São Thomas de Aquino, remarca Ernst Bloch que, diante desse compromisso, deve-se fazer a *assombrosa ressalva* de que é no terreno do livre, voluntário e inclusive natural (espontâneo) que se acusa às vezes uma intervenção do elemento supramundano ou milagroso, tida por maior em relação à intervenção ocorrida no terreno espiritual da Igreja como seu Céu.

Vale dizer, dessa *assombrosa ressalva* será delimitada a correlação sociológica levando ao nominalismo de Occam, qualificado o *arranque nominalista do gótico tardio*.

Tem-se em vista aqui a afirmação da *consciência suscetível de reflexão* (mediatizada pelo espiritualmente contínuo do sistema), como consciência do elemento individual e voluntário levando ao surgimento de um novo tipo de homem – emancipado e individual.

■ **Ou seja, a possibilidade de que a *consciência de reflexão* viesse a ascender com o capital mercantil e principesco nos finais da Idade Média e destruísse a estrutura formal do tomismo deve ser atribuída àquela aceitação tomista da intervenção do milagroso no âmbito do livre, do espontâneo.**

■ **Bem entendido: no estatuto tomista do milagroso, não só o livre-arbítrio, sua espontaneidade e a afirmação do caráter, como móveis de ação e reflexão por si, tornaram-se mais relevantes, por um lado, mas, por outro lado, também a razão veio a dissociar-se da teologia, haja vista a primazia da vontade sendo estabelecida em Deus (um ponto infinitamente distante).**

No nominalismo aconteceu que o saber (racional) dos puros mandamentos e proibições divinas passou a carecer de todo o objeto suscetível de reflexão (no sentido tomista de teologia).

Segundo Ernst Bloch, deve-se notar que a *ideologia* (separação do espiritualmente contínuo) assim afirmada em extensão do nominalismo, embora proveitosa aos capitalistas e aos príncipes, não chegou a determinar em seu tempo a dissolução do espírito cristão.



Isto porque, nesse período do Gótico tardio, o mundo tornava-se ao contrário cada vez mais religioso, e o único que se quebrou foi a entidade unitária carolíngio-gregoriana, com sua correspondente subordinação do paradoxo cristão sob uma *razão hierarquicamente articulada* e um panlogismo escalonado.

► Neste ponto, cabe observar as extensões da razão tomista. Ernst Bloch lembra-nos que a *primazia da razão* deve ser relacionada à vertente do misticismo eckardtiano, na medida em que por esta via foi introduzido na noção do *Logos* um *incremento por obra do sujeito*. Daí que o rastro da primazia da razão tomista seja seguido no anabatismo e no espiritualismo.

Neste marco de *subjetividade*, sobressai que o aspecto do *Logos* já não equivale ao arbitrário *Logos cosmológico* de Tomás de Aquino, o qual, desde o exterior, atua dentro de cada ser segundo sua condição respectiva. Em modo singular, o *Logos* agora se apresenta essencialmente como a mais pura simplicidade, a mais profunda autovisitação do espírito como Espírito Santo, pura porque subtraída a toda a possibilidade de mistura com razão universal de tipo piramidal.

Finalmente, Ernst Bloch observa serem de *ordem sociológica* os fatores que levaram pouco a pouco abaixo a própria doutrina tomista das essências inculcadas, hierárquicas e preordenadas, o universo inteiro das espécies e sua sonora estrutura à base de inserções e superposições, cimentada sobre uma harmonia orgânica perfeitamente sossegada.

Destacam-se então os seguintes fatores sociológicos da derrocada do tomismo: (a) – o surgimento da figura do capitalista com plena liberdade de movimentos, infringindo a proibição canônica do empréstimo com interesse; (b) – a transformação do príncipe, passando de senhor feudal que fora em soberano emancipado, livre de toda a referência real com respeito ao patrocínador da cristandade em qualquer de suas duas formas, imperial ou papal.

### *Do Arranque Nominalista à Marcha do Gótico Tardio*

► Podemos, então, dirigir mais de perto nossa atenção para a construção como quadro de referência do fenômeno que, no *horizonte das grandes utopias sociais*, Ernst Bloch investiga como a **marcha do gótico tardio**, e podemos fazê-lo sem solução de continuidade a respeito da análise crítica da escolástica que acabamos de expor.

Com efeito, o arranque nominalista nos permitiu chegar à compreensão de como veio a ruir a própria doutrina tomista das essências inculcadas, e isto por efeito da correlação sociológica com a ascensão do capital mercantil.

Acresce que este mesmo fato, juntamente com outros aspectos sociológicos interligados, nos permitirá igualmente apreciar a marcha do gótico tardio como configuração de temas e situações da história das heresias nos séculos XV e XVI.

Lembre-se que, nesta análise, a compreensão da história das heresias desenvolve-se como foi assinalado em duas linhas básicas, seguintes:

(a) – se desdobra desde o ponto de vista do ideal (entelequial) estético realista e não é história religiosa. O elemento postulativo é tal porque vem do humano e, através da função do "*dator for-*



*marum*", o reafirma como capaz de elevar-se e, por via deste "elevar-se", como capaz de chegar ao reconhecimento de sua qualidade, a humanidade. Cabendo lembrar que na crítica do tradicional se procede à desdogmatização de toda a pré-concepção religiosa ou teológica que encobre em função representacional o *elemento postulativo*.

(b) – Trata-se de uma compreensão que põe em relevo o processus de passagem do elemento postulativo ou histórico-filosófico nas superestruturas, como aquilo (*quid*) que nelas *resta não-realizado* e que se afirma em correlação com o fortalecimento da interioridade do homem, base do individualismo campesino.

■ Será, portanto, no desdobramento da história das heresias nos séculos XV e XVI, em prolongamento da própria desmontagem dos dispositivos ligados à quebra da entidade unitária carolíngio-gregoriana, que se pode alcançar e efetivamente se alcança a *compreensão justa do afundamento do tabu na consciência coletiva*, o tabu que envolve o sacramento legado da instituição da Igreja da Alta Idade Média.

Em fato, a crítica da cultura tradicional estuda essa configuração complexa do gótico tardio diferenciando-a nas superestruturas da mentalidade burguesa em formação, precisamente, em vista de acentuar o elemento que ali resta não-realizado.

*Aliás, com foi anteriormente sublinhado, o eixo da reflexão de Ernst Bloch em torno do velho problema do Direito natural consiste precisamente em pôr em relevo no nível superestrutural a ambigüidade no processus de abertura do mundo moderno. Tem-se em conta que, perdida nos países politicamente mais avançados na seqüência da Revolução Francesa, a mentalidade comunitária houve por se refugiar no psiquismo coletivo das regiões culturais onde havia o mais tenaz reduto do medievo, como na Alemanha.*

Daí que a *marcha do gótico tardio* seja apreciada a partir da constatação de duas linhas de afirmação do indivíduo:

(a) – a liberação externa do Eu levando não ao poder político, como havia levado no caso dos países mais avançados, mas, sim, ao fracasso da vontade individual e à falta de escrúpulos do Estado Autoritário – surgido este na seqüência dos inúmeros príncipes pavorosamente emancipados todos eles na base da ausência de unidade econômica e da inexistência de uma entidade jurídica;

(b) – a afirmação do indivíduo baseada no fortalecimento da interioridade do homem, linha esta que fora acentuada pelos predicadores andarilhos.

### ***O Influxo histórico-filosófico do caráter espiritual e religioso no gótico tardio afirmando-se como uma esperança.***

► Desta sorte, desta dupla afirmação do indivíduo, se compreende porque as expressões do espírito cristão como compromisso entre o Mundo e Cristo no gótico tardio são tão diferenciadas e envolvidas em tantas ambivalências.



Vale dizer, no gótico tardio, Ernst Bloch observa as expressões do espírito cristão no seguinte: (a) – através de temas como a Guerra dos Camponeses, o movimento iconoclasta (incluindo o anabatismo e os predicadores andarilhos) e o espiritualismo (incluindo, por sua vez, o visionarismo astrológico e o milenarismo); (b) – através das próprias linhas da história das heresias, como a idéia milenarista, o movimento das seitas milenaristas, a difusão e a afirmação da crença na idéia milenarista.

Coerente com a constatação dessa dupla afirmação do indivíduo, a crítica da cultura tradicional segundo Ernst Bloch insistirá não só na insuficiência da análise econômica, mas sustentará que a explicação para o fato de produzir-se um acontecimento histórico tão tremendo como a Guerra dos Camponeses é um fato total.

■ Quer dizer, a explicação para o produzir-se desse acontecimento histórico em sua magnitude extraordinária põe em relevo o influxo exercido desde longe pelo curso autônomo e postulativo ou histórico-filosófico do caráter espiritual e religioso, afirmando-se mediante a função do *dator formarum*, como processus de auto-educação da linhagem humana, influxo este que Ernst Bloch descreverá nas cores do gótico tardio como uma **esperança**.

Diferencia-se, portanto, o ponto de vista da pegada do ideal estético realista em obra, em eficácia, como o evoluir autônomo do elemento postulativo penetrado pelo ascendente de humanidade que resta não-realizado nas superestruturas do mundo moderno e passa para o nível do psiquismo coletivo.

### O Lugar da Percepção da Realidade.

► Como dissemos, será deste ponto de vista, que a análise desenvolvida por Ernst Bloch alcançará o afundamento do tabu que envolve o sacramento legado da instituição da Igreja da Alta Idade Média.

Trata-se de uma análise focada nas regiões mais arraigadas ao *medievo* em que a atuação dos predicadores andarilhos é tratada não só com o destaque devido à sua influência histórica, mas, sobretudo, como o lugar preferencial da percepção da realidade.

Esse tratamento deve-se à situação privilegiada dos monges andarilhos naquele contexto de transição da Cristandade para a abertura do mundo moderno. Na análise de Ernst Bloch, o quadro do gótico tardio em marcha constitui a mediação daquela transição.

Nesta análise, a Cristandade é tratada por sua vez como complexo cultural e material de onde verte o povo como existência do caráter coletivo (o aspirar aos valores como *ambiência*) que, justamente no quadro do gótico tardio, absorverá no psiquismo o impacto inicial da abertura do mundo moderno. Com efeito, a análise por Ernst Bloch dá ênfase à atuação dos predicadores andarilhos em torno do perseguido monge sacerdote católico e teólogo milenarista Thomas Münzer<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> Cf. Bloch, Ernst: *Thomas Münzer, Teólogo de la Revolución* (Thomas Münzer als Theologe der Revolution, München 1921) Editorial Ciencia Nueva, Madrid, 1968, págs. 61 a 76.



---

*De fato, em meio ao estouro desesperado dos camponeses nos anos de 1525, Thomas Münzer é a quem se atribui tê-los convocado à guerra que ele mesmo teria matizado e dirigido espiritualmente em medida considerável.*

\*\*\*

MILENARISMO, COMUNISMO E UTOPIA:  
*O Gótico Tardio na Filosofia Literária de Ernst Bloch.*

---

## Segunda Parte (Continuação): O Estudo Dos Níveis De Percepção Da Cristandade Na Perspectiva Dos Predicadores Andarilhos No Gótico Tardio.

Título Hum

---

### O ESTUDO DOS NÍVEIS DE PERCEPÇÃO DA CRISTANDADE NA PERSPECTIVA DOS PREDICADORES ANDARILHOS NO GÓTICO TARDIO.

---

Para compreender a corrente desses predicadores andarilhos e seu papel preeminente na marcha do gótico tardio levando ao afundamento do tabu sacramental na consciência coletiva é preciso observar que o prisma através do qual chegavam eles à Cristandade, ou a forma como esta se lhes figurava, trazia em níveis sobrepostos muitos elementos complexos que Ernst Bloch analisará em detalhes.

Em nível preliminar põem-se em relevo uma desesperação nova, individual, e uma reminiscência pagã.

Ou seja, a exigência dos camponeses não visava apenas que a situação se corrigisse para o Bem, mas que se lhes devolvesse o que outrora houveram possuído como ocupantes originários. Almejavam que tudo voltasse a ser como antes, quando existiam homens livres, plebeus livres dentro da comunidade e quando a terra à maneira primitiva era de todos e se explorava em regime comunal.



---

Será, portanto, a essa aspiração como elemento do ascetismo que Ernst Bloch classificará "vontade de restauração do Cristianismo Primitivo". Tal o foco principal da desesperação individual.

À parte disto, nota-se um traço de *caráter pagão* decorrente (a) – do fato de ser o camponês desprezado e (b) – decorrente, outrossim, da *interiorização* deste fato. Ou seja, contagiado por esse desprezo, acabou por sentir-se o camponês *orgulhoso* de sua humilde condição, considerando-a bem próxima à condição dos apóstolos.

Desta forma, assinala Ernst Bloch, com sua mirada estético-sociológica do psiquismo coletivo, que o suor do trabalho foi então *ponderado em modo plástico*, como água que apaga o fogo, que purifica e justifica.

Portanto, foi a esta *interiorização do desprezo* através de certo orgulho, em seu aspecto plástico (moldagem de um sentimento), que se classifica "reminiscência pagã somando-se à desesperação individual".

\*\*\*

MILENARISMO, COMUNISMO E UTOPIA:  
*O Gótico Tardio na Filosofia Literária de Ernst Bloch.*

---

## Segunda Parte (Continuação): O Psiquismo Coletivo Visionário Como Referência No Estudo Da Crença Milenarista Na Ambiência Do Gótico Tardio

### Título Hum (Continuação)

#### *Primeiro Capítulo*

---

## O PSIQUISMO COLETIVO VISIONÁRIO COMO REFERÊNCIA NO ESTUDO DA CRENÇA MILENARISTA NA AMBIÊNCIA DO GÓTICO TARDIO

---



Será no Segundo Nível do Estudo da percepção da Cristandade na *Perspectiva dos Predicadores Andarilhos no Gótico Tardio* que esta análise torna-se bem mais diferenciada ao examinar o elemento complexo das combinações de astro e zodíaco historicamente eficazes, mas objetivamente problemáticas – o **visionarismo** ou psiquismo coletivo visionário, como referência no estudo da crença milenarista na ambiência do gótico tardio.

Observa-se a intensidade ambivalente deste *nível místico-ascético* posto diante dos predicadores andarilhos. Aliás, estes predicadores precisarão afirmar por contra, não ser das estrelas de então (nas quais lia-se o Mal junto ao Bem) de onde haver-se-ia de obrar o Bem e buscar a solução.

Portanto, este nível do encontro da Cristandade pelos predicadores andarilhos é o das *miradas estranhas*, em que se pretendia *ler a vontade nas estrelas*.

Entretanto, devido à mistura com as profecias, Ernst Bloch contempla o *Relógio dos Céus*, notando a respeito deste que se acreditava anunciar o momento do Juízo Final e a hora da vinda do Messias.

Ou seja, nesta análise se observa em relação a tal *Relógio dos Céus* e ao anúncio dele tirado – isto é, as confirmações das profecias – o fato de terem os predicadores ampliado sua recepção entre o povo e, por esta via, difundido seus clamores milenaristas.

Com efeito, da situação restrita de serem acolhidos somente junto aos irmãos de vida retirada – os quais apenas participavam colocando tímidos símbolos na porta e no telhado – passaram os monges andarilhos a serem recebidos com a excitação e a visão do cumprimento da velha profecia, cujo prazo fora averiguado pela astrologia como ao redor de 1524.

■ *Visando sustentar o caráter real da fantasia envolvendo a desmesurada reflexão recíproca entre o Céu e a Terra, Ernst Bloch cita Goethe descrevendo uma cena na qual os personagens, caudilhos campestres ou personalidades notáveis da comunidade anabatista, comentam uma estranha visão que partilharam.*

Nesta cena goetheana, os notáveis comentam que presenciaram um grande cometa como sendo um sinal horrivelmente intranquilizador, e o descrevem não só como um braço curvado brandindo uma espada, todo ele amarelo e vermelho como o sangue, mas também acreditavam visualizar línguas de fogo e, no meio destas, rostos aterradores, com as cabeças e barbas de nuvem.

E a narrativa de Goethe reproduzida por Ernst Bloch deixa ver claramente o *êxtasis* com que a visão era experimentada, em manifestação incontestável de **crença efetivamente real**, com os personagens declarando ter sido tão forte a impressão, ou melhor, a visão, que lhes pareciam como se fossem desfalecer, perder o sentido.

Tais as visões e tais as expressões de crença real que preenchiam o ambiente encontrado pelos predicadores andarilhos.



### ***O Universo Simbólico Místico-Ascético do Visionarismo no Gótico Tardio e a noção histórico-filosófica de esperança.***

► Segundo a análise crítica da cultura tradicional desenvolvida por Ernst Bloch, na ambiência do gótico tardio em torno das predições da astrologia e das profecias havia um forte estado de excitação que fazia mirar para a vastidão de *um futuro ressoante*. Este era pleno de senhores e frades esculpido, vislumbrando ao longe, detrás de tudo isso, o Reino dos Céus.

Porém há mais. Em maneira análoga ao que será posto em obra literária por Joyce, no seu *Ulysse*, relacionando a astrologia à esperança, a análise por Ernst Bloch nos oferece um colorido variado dos conteúdos desses estados afetivos místico-ascéticos ou extáticos de uma **crença real**, compondo precisamente certa esperança à qual se ligará a *idéia milenarista*.

□ O universo simbólico místico-ascético do visionarismo pode então ser decomposto em prodígios planetários misturados a uma constelação maniqueia da mais tremenda discórdia entre potências morais e metafísicas contrapondo o reino de *Nemrode* e o reino de Cristo.

Todavia, esses contrários místicos se suscitavam mutuamente adquirindo uma correlação funcional nesta tremenda discórdia, representada esta, por sua vez, pela cruz pagã que cai ao abismo e pela cruz que é erguida pelos escolhidos muito acima de todos os mundos.

Em conexão com isto, Ernst Bloch destaca no visionarismo do gótico tardio tratar-se de uma *esperança ambivalente*, pondo em primeiro plano, por um lado, o Anticristo com suas hostes judaicas, mas, por outro lado, ao pôr a ênfase sobre o profeta Elias como o outro precursor do Espírito Santo Paráclito, esta esperança se manifestava na mística da tradição judaica e no fervor da Cabala, então impulsionada no Século XIII.

Assinala ainda Ernst Bloch o paralelo com o cabalismo nesta esperança e que essa mística judaica ascética tinha uma cidade por foco irradiador: a cidade de Tabor.

Era na cidade de Tabor que se esperava com a maior intensidade na dor e na ignomínia à vinda do *vingador messiânico*, a cuja ação creditava-se a derrocada do império papista, tido este, por sua vez, como conseqüência dos pecados de Israel. Além disso, esperava-se igualmente a implantação de uma realidade correspondente ao autêntico reino de Deus.

### ***As Crenças Coletivas Reais como afirmações da Vontade de Paraíso nas antípodas da Ideologia do Existente.***

Neste ponto podemos notar que, como conceito histórico-filosófico de análise realista estética, o alcance e a aplicação da noção de esperança abrange não somente o simbolismo místico-ascético, mas a psicologia coletiva subjacente ao visionarismo na marcha do gótico tardio. Daí a observação de Ernst

---



Bloch afirmando que as fantasias reais desse estado emotivo são manifestações do *fortalecimento da interioridade do homem* e fazem parte do caráter ascético.

A noção de *esperança* com a qual Ernst Bloch avaliza a autenticidade, capta o valor humano e a positividade dessas expressões tremendas e quase delirantes do visionarismo e do simbolismo ao mesmo interligado é notadamente um conceito para a análise mediante o princípio cultural da Igreja e no horizonte das grandes utopias sociais.

■ A *esperança* abarca esses fenômenos da ambiência tradicional do gótico tardio que são as **crenças coletivas reais**, como crenças não-induzidas ritualisticamente, mas espontaneamente afirmadas e difundidas no visionarismo. Seus conteúdos de astro e zodíaco são misturados com elementos das místicas ascéticas judeu-cristãs e essas **crenças reais** demonstram em seu espiritualismo uma inconfundível **vontade de paraíso**: um elemento essencial originário em si mesmo a que Ernst Bloch qualifica como o retorno do mais antigo sonho, anteriormente mencionado.

Aliás, a análise desenvolvida por Ernst Bloch utilizará em critério justamente essa **vontade de paraíso**, tomada como *conteúdo ascético que se procurava ler nas estrelas*. Vale dizer, o critério das **crenças reais encontra na vontade de paraíso o conteúdo que ultrapassa qualquer aspecto externo do Eu**.

*Em comentários fenomenológicos posteriores ao seu estudo sobre Thomas Münzer, que ora nos ocupa, Ernst Bloch esclarece que a vontade de paraíso ultrapassa a própria vontade de viver na medida em que esta última não só admite representação e, por isso, se externaliza nas coisas do mundo ou produz um Eu objetivado, mas também, por esta via, serve de base à ideologia do existente, subordinando o viver à vontade mundana*<sup>104</sup>.

► Já mencionamos inclusive que a base da seita como heresia propriamente dita consiste na experiência do êxtasis místico-ascético de sentir-se escolhido para o Dia do Senhor, para participar no momento do advento, quando Jesus Cristo reinaria na Terra mil anos antes do Juízo Final. Tomando por critério justamente a *vontade de paraíso*, Ernst Bloch nos deixa compreender que tal êxtasis é extensivo a toda a seita em sua realidade microsociológica como um Nós em comunhão.

Vale dizer, afirmando sua própria sociabilidade como um Nós, a seita assimila o tema da alma e da liberdade absoluta no Cristo/Nós da própria seita, definindo-se esta, então, como *comunhão no êxtasis do escolhido*.

Vemos desta forma que a *vontade de paraíso* na análise realista estética de Ernst Bloch é um princípio que se verifica na história das heresias e que opera no estudo do fortalecimento da interioridade do homem através das crenças coletivas reais.

Cabendo lembrar mais uma vez que, desse ponto de vista histórico-filosófico, as crenças coletivas reais constituem tão somente um aspecto do elemento não-realizado nas superestruturas diferenciadas na abertura do mundo moderno, elemento não-realizado este que passa para o nível

---

<sup>104</sup> Cf. *Entrevista com Ernst Bloch*, in Lowy, Michael : 'Para una Sociología de los Intelectuales Revolucionarios: la evolución política de Lukacs-1909/1929', tradução Ma. Dolores Pena, México, Siglo Veintiuno editores, 1978, 309 pp. (1ª edição em Francês : Paris, PUF, 1976), págs. 259.



do psiquismo coletivo e, por esta via, nos lega a *profundidade do sentimento* na seqüência do a-fundamento do tabu sacramental.

A importância da *vontade de paraíso* na composição da **esperança** está justamente nesta aplicação como critério. Vale dizer, é na medida em que constitui um *simbolismo místico-ascético* incluindo a respectiva psicologia coletiva, correspondendo ambos a uma crença coletiva real, que o elemento postulativo histórico-filosófico (a atitude ascética como intenção propedêutica) se afirma como esperança<sup>105</sup>.

### *O Psiquismo Visionário*

Mas a descrição do psiquismo visionário em sua ligação com o simbolismo místico-ascético ainda não está concluída. O *caráter ressoante do futuro vasto*, formando a mirada excitada pelas predições da astrologia e pelas profecias, podia ser observado como uma *corrente de ecos* em vários lugares na geografia do gótico tardio.

Pretendia-se haver visto a uns homens travando combate no firmamento da mesma maneira em que, noutro sítio, acreditava-se ter ouvido em pleno meio-dia um grande estrépito e o chocar de armas no ar, como se tivesse lugar uma batalha campal.

Aprofundando na psicologia visionária desse *caráter ressoante*, Ernst Bloch deixa ver a seguinte correlação: (a) – por um lado, a convicção de que ao redor da lua se haviam formado igualmente três círculos com um archote ao lado, convicção esta que, sendo assemelhada à visão do Apocalipse 19, 17 em que aparece um anjo de pé no sol gritando de voz potente, fazia com que, (b) – por outro lado, parecia cumprir-se a velha profecia milenarista da chegada do *Momento do Juízo Final* e da chegada da *Hora do Messias*.

Sentia-se que se acercava o momento em que haviam de transbordar as águas, o que, naquele ano de 1524, profetizado como o ano da desgraça, era então lido astrologicamente no *Relógio dos Céus* pela convergência de todos os planetas na casa zodiacal de Peixes. Porém, Júpiter, o radiante, mirava acusadoramente para Saturno e entrava em conjunção com a estrela dos camponeses.

### *A Renascença, a Astrologia, Joaquim Di Fiori e a Doutrina Milenarista.*

► Seja como for, na descrição desse universo ressoante sobressai o modo figurado com uma estranha instrumentação com que, naquela época, era suscitada, mostrada, ensinada e postulada pelas próprias estrelas a profecia de **Joaquim Di Fiori**, anunciando o próximo advento do Evangelho Terceiro e último.

---

<sup>105</sup> Cabe lembrar que no esquema de Ernst Bloch o elemento postulativo histórico-filosófico, a congruência de todo o obrar com a natureza racional, com a natureza social do homem – por fora da tirania dos apetites sensuais (dados sensíveis) e da fortuita determinação jurídica por parte do Estado – se, por um lado, leva ao apriorismo jurídico, como vimos, por outro lado, justamente como a *intenção propedêutica* de que o apriorismo é a formação, se desdobra da *atitude ascética*.



Quer dizer, a influência indireta da doutrina desse notável abade dos Séculos XII e XIII, a **doutrina milenarista** deve ser apreciada em maneira circunstanciada.

► Segundo Ernst Bloch, estando combinada aos sinais da astrologia, a doutrina milenarista deve ser entendida como já o dissemos na trilha dessa outra face da **Renascença** orientada não para a Retórica, mas, justamente, em sentido milenarista.

De fato, como se sabe Joaquim Di Fiori, ou De Fiore, ou De Floris, ou De Flora (1145 - 1202), nascido na região da Calábria, foi nomeado abade em um monastério cisterciense e fundou pouco depois a Congregação Florense. Com suas tendências ao mesmo tempo místicas e apocalípticas tinha a intenção de preparar a ambiência da época para os tempos que se avizinhavam e nos quais creia haver de predominar a concepção puramente espiritual do Evangelho de Cristo sob a iluminação do Espírito Santo.

Conforme sua doutrina há três grandes épocas na humanidade: a época do Pai, que começa com a Criação; a época do Filho, que se inicia com a redenção; e a época do Espírito Santo, que começa na própria época de Joaquim Di Fiori e que há de manifestar-se antes de tudo por uma reforma e por uma completa espiritualização das instituições eclesiásticas sob a égide do Evangelho eterno.

Sua influência direta foi sempre muito intensa nos meios monacais. Daí que muitos seguidores seus tiveram escritos condenados. As próprias obras de Di Fiori foram condenadas pela comissão papal em 1254 e, antes desta data, o foram pelo próprio Concílio de Latrão, em 1215.

Segundo Ernst Bloch, nota-se que no Século XVI o universo astrológico inteiro parecia repercutir a profecia de Joaquim Di Fiori, que desempenha o papel de profeta do Terceiro Império.

A imagem de um Terceiro Império era aspirada como aquele que haveria de seguir-se aos Impérios da Lei (o Estado) e da Graça (a Igreja), e que fora visualizado em correspondência aos próprios escritos do abade Joaquim Di Fiori.

Por sua vez, os escritos de Di Fiori eram chamados o Terceiro e Último Evangelho, o Evangelho Eterno, onde a imagem do Terceiro Império é descrito como o da iminente festa de Pentecostes Total, isto é, a festa da iluminação e liberação de todos os oprimidos e aflitos, mediante a intervenção do Espírito Santo e pela comunhão sem hierarquias com Ele.

■ *Examinando a sedução dessa profecia sobre os camponeses dos séculos XV e XVI, Ernst Bloch distingue as duas observações seguintes: que a profecia do Terceiro Império era atraente não só (1) - por proclamar que no futuro próximo Deus Pai ou a Lei e, ainda, Deus Filho ou a Graça amorosa, deixariam de ter vigência ou de alçarem-se sobre a mansão (à qual, como já assinalamos, os camponeses tinham forte apego), mas também (2) - em estabelecer que o Último Evangelho com Deus Espírito Santo ou plenitudo intellectus, não necessitando, portanto, nem do Estado nem da Igreja, passa a intervir na ruínosa pré-história que até aquele momento se viveu.*

Desta forma, os seguidores confirmavam tal profecia pelos sinais da astrologia inteiramente no sentido de um momento de crise e, ao mesmo tempo, no sentido de uma degradação da humanidade, acompanhada esta em contrapartida do milagre de Pentecostes.



Neste afresco sobressaia ademais o sentimento de ter uma participação no cosmo, ainda que se tivesse de enfrentar a irrupção apocalíptica em uma estrutura universal já desamparada, como era o Sacro Império Romano Germânico de então.

\*\*\*

*MILENARISMO, COMUNISMO E UTOPIA:  
O Gótico Tardio na Filosofia Literária de Ernst Bloch.*

---

## Segunda Parte (Continuação): O Enorme Fortalecimento Da Interioridade Do Homem E O Estrépito Milenarista.

Título Hum (Continuação)

### Segundo Capítulo

---

#### O ENORME FORTALECIMENTO DA INTERIORIDADE DO HOMEM E O ESTRÉPITO MILENARISTA.

---

Quanto ao terceiro nível do Estudo da percepção da Cristandade na *Perspectiva dos Predicadores Andarilhos no Gótico Tardio*, o nível mais profundo do ponto de vista místico-ascético, encontra-se exatamente o enorme fortalecimento da interioridade do homem.

Segundo Ernst Bloch, esse fortalecimento da interioridade do homem como afirmação do ponto de vista místico-ascético no Gótico Tardio desenvolve-se em um

---



---

tempo próprio por efeito de uma  *muito funda transformação do próprio marco temporal deste mundo.*

■ Isto se compreende se tivermos em conta o aspecto de crença real com que se assimilava no Gótico Tardio a interioridade do homem afirmada como uma chispa nova vinda de outro mundo.

■ Era essa chispa que inflamava o cambaleante Sacro-Império daquela época e que se refletia na predicação milenarista e no anabatismo, como é flagrante na seguinte expressão de Thomas Münzer: "*e assim haverá de acontecer com todos nós no advento da fé, que, de homens carnavais e terrenais que somos, nos convertamos em deuses por graça da encarnação do Cristo*".

## O Homem Abismático

Quer dizer, independentemente das combinações de astro e zodíaco, havia um processus de tomada de consciência desenvolvendo-se em tempo e dimensão próprios.

Por sua vez, essa tomada de consciência flamejante do Gótico Tardio era percebida pelos predicadores andarilhos e pelo anabatismo a partir do que Ernst Bloch designará a *analogia da verdade ascética*, seguinte: "*se Deus se fez homem, haverá de entender-se como verdadeiro em qualquer medida que o homem abarcado em sua totalidade, o **homem abismático**, se converta igualmente em Deus tomando consciência da imagem de si próprio que porta no mais recôndito de sua alma, isto é, tomando consciência da encarnação do cristó*".

Desta forma, a análise de Ernst Bloch que tanto apreciou o velho problema do Direito natural em sua perspectiva do racionalismo estóico (atitude ascética), como vimos, assinala nesta predicação de Thomaz Münzer *certo desenvolver-se da imitação de Jesus Cristo pelo tema da alma*, promovido em um tempo próprio na mística-ascética eckardtiana como a base da idéia milenarista.

Para tal predicação do **homem abismático**, em *analogia da verdade ascética*, não era a partir das estrelas como indicando enganosamente o Mal junto ao Bem em um tremendo combate de mútuos chamamentos que se devia caminhar. Por contra, era unicamente a liberdade (em sentido absoluto) que dispunha de signos e claves para acabar com "a coação de cima", *acabar com a subjugação do destino humano ao arbitrário do governante e do zodíaco*.

*Há, portanto, no horizonte dos predicadores milenaristas toda uma situação de subjugação para contrastar e ultrapassar que corresponde a uma única série de crenças determinadas pelo objeto.*

*Segundo Ernst Bloch, tratava-se de uma série de ligações à eficiência ou virtude santificante do tabu em si, do sacramento, do objeto material. Ademais, nesta situação de crença real a alma se sentia pobre por princípio, não se aninhando nela o mistério, mas decisivamente fora dela, sendo-lhe, pois, alheia sua validade.*



---

*Aliás, o alheamento da alma se afirmava não tanto em respeito ao seu corpo ou à sua determinação telúrica, astral, mas no que toca ela mesma como alma.*

*Desta sorte, essa situação exógena de crença se encontra estabelecida com o poder conjurador sendo ordenado por potências reitoras extra-humanos e com o próprio Deus Pai, Deus do Mundo, Deus do Universo, habitando deste modo em uma região morta, longínqua, por cima deste mundo, é certo, mas que era tomada em meio às meras alturas estelares deste mundo.*

*Tais são os termos com que a análise por Ernst Bloch nos apresenta o desafio à perspectiva reformadora, assimilada pelos predicadores andarilhos alemães no Gótico Tardio, em face das crenças assentadas na Igreja sacramental.*

### **A Pegada do Mito Astral e a improbabilidade da idéia de República.**

► Havia a compreensão de que a ascense, a elevação até Deus no mundo sacramental, embora fosse mágica e teúrgica (como arte mágica de fazer milagres), não era tão vigoroso e substancial seu fervor que leva desde a intimidade da alma até Deus, para que houvesse podido estremecer seriamente o mito astral no arraigamento da lenda imperial.

Aliás, este ponto é fundamental para compreender como foi possível que os camponeses chegassem à insurgência e porque essa atitude insurgente decorre da história das heresias cristãs, como esperança histórico-filosófica.

A inação ou a calma dos camponeses, agachados ou com os olhos postos no César salvador, deve ser atribuída não só ao nível suportável da situação econômica, mas à *pegada do mito astral*, como adiante se verá.

Com efeito, na descrição desse processus pelo qual os camponeses passam à insurgência Ernst Bloch distingue uma primeira fase de calma marcada pelo arraigamento da crença de que o Imperador Frederico II, que já havia sido profetizado pelo mesmo Joaquim Di Fiori como libertador do povo, não podia estar morto sem haver realizado sua obra.

Dessa maneira, se mantinha ele escondido e haveria de tornar um dia a re-empresender sua obra inconclusa, a saber, a reforma divina (ligando-se a esta crença também as lendas régias francesa e alemã).

Nota Ernst Bloch como se combinando a essa *crença messiânica* caracterizando a *lenda imperial*, não só o fato de que se imaginara ao Imperador escondido no interior de uma montanha, tendo se mostrado somente para a gente simples do povoado.

Além disso, observa-se que essa imagem por ela mesma revela certos contornos muito antigos, lembrando o mito ctônico mais originário, as imagens de divindades lunares que guardam alguma relação com a visão do Messias hebreu escondido em um ninho de pássaro.

► Segundo Ernst Bloch, esse arraigamento da *lenda imperial* confirma a ultrapassagem à época do ideal de uma República patrícia e, mais ainda, confirma a improbabilidade em que a própria idéia de República posteriormente propagada e imposta pela Revolução Francesa viesse a predominar nas regiões de maior enraizamento no medievo.



### A Cólera Aguilhoada na formação dos Camponeses

► Nada obstante, tais fantasias astrais não refrearam os camponeses e se deve compreender o *caráter espontâneo* como foco capaz de produzir uma insurgência. Os condicionantes de situação econômica não bastam para precipitar uma insurgência.

No caso dos camponeses do Gótico Tardio, embora houvesse uma situação econômica cada vez mais difícil, Ernst Bloch compreende a *erupção* que leva a produzir insurgência colocando-se desde o ponto de vista do sentimento em que é ressentido o já mencionado *elemento superestrutural não-realizado*, designando esse sentimento eruptivo como *cólera aguilhoada*.

Aliás, na história social das insurgências camponesas, essa *cólera aguilhoada* houve por estar já em 1300, na Lombardia (Milão), e oitenta anos depois na França, com a insurreição conhecida por Jacquerie, e também na Alemanha, onde se produziram distúrbios por todo o século XV.

Segundo Ernst Bloch, foi em 1420, com a Guerra dos Husitas somando-se às diferenças entre checos e alemães, que esse processus de **formação dos camponeses** chega a um novo patamar de qualidade.

Verifica-se, então, uma assimilação do impacto inicial da abertura do mundo moderno naquela região arraigada ao medievo, como vimos. Ou seja, observam-se a ascensão do capital mercantil e o aumento do poder dos principados ao mesmo associado, cujo efeito se fez sentir por volta de 1400, com *as restrições acentuadas nos negócios dos camponeses com as cidades*.

Observa Ernst Bloch que até então quase todas as heresias se haviam mantido no estreito marco das comunidades pequenas, predominantemente apaziguantes em razão não só de sua própria debilidade, mas da força do adversário e do seu próprio pacifismo, à maneira dos cristãos primitivos.

Mas, naquela data de 1420, na região da Bohemia, com seu precoce auge industrial, se iniciou o que Ernst Bloch classifica "*uma época lendária de revolução comunista e cristã*". Contando-se dentre suas circunstâncias favoráveis inclusive o comunismo da cidade de Tabor.

Seja como for, já em 1520, quando domina a cena Thomas Münzer, aquela época lendária acabou por determinar a posta em marcha do tremendo acontecimento que foi a Guerra dos Camponeses, em muito amplas proporções.

\*\*\*

### A esperança de conteúdo humano e a outra face da Renascença.

► Segundo Ernst Bloch, ademais dos predicadores andarilhos a se enfrentarem ao tabu e às fantasias astrais, o milenarismo também foi propagado pelo anabatismo da reforma verdadeira, em relação ao qual essa análise aplicará igualmente a noção de **esperança**. Desta feita, porém, porá em relevo ao lado do fervor ascético uma *aspiração alquímica*.

Ou seja, a reforma verdadeira possuía a nova dimensão infinita do que Ernst Bloch classifica "**a esperança de conteúdo humano**".



Trata-se de uma esperança que, naquela época de transição estendendo-se igualmente como a época *receptora da outra face da Renascença*, só aspirou a que, em virtude do poder da fé, ficasse transformada toda a terra ruim e criaturidade ruim em ouro.

Vale dizer, como receptora da outra face da Renascença, *a aspirar dessa época colocou uma utópica alquimia por cima da astrologia*, acabada e constrictiva que era esta, e assim revirando a Deus do mundo sacramental para o amor, para o iminentíssimo império dos espíritos.

*Com esta **esperança de conteúdo humano** afirmada desde Münzer, até Paracelso e Bohme, tem-se, pois, em vista, no respectivo processus de tomada de consciência da comunhão na verdade ascética, a linha de pensamento místico-ascético levando ao **erguimento da alma** em si própria, em um tempo e dimensão próprios, a que se vincula a liberdade como novo e último elemento de redenção.*

Este *erguimento da alma*, por sua vez, como conteúdo humano afirmado no núcleo mesmo da idéia milenarista, teria sido então promovido por Eckardt, tendo nascido com as confrarias laicas, e foi emergindo progressivamente com Münzer e os espiritualistas, incluindo o anabatismo.

■ Significava o Cristo da plenamente acabada dimensão do Nós, que atropelava a todas as potências terrenais, que depreciava todos os procedimentos sacramentais e ainda julgava aos próprios anjos, querendo conceber a *graça* como último fundo da alma e como chegada, regresso e manifestação fenomênica da liberdade em si.

Desta forma, Ernst Bloch nos deixa ver o anteriormente observado incremento do sujeito sobre a razão milagrosa, a qual deixa então de ser aquela hierárquica do tomismo, tanto quanto essa significação eckardtiana do *erguimento da alma* será classificada como "*revolucionária magia do sujeito*".

*Ou seja, nesta plenamente acabada dimensão do Nós em e com o Cristo, a alma se torna então na "única erva milagrosa" (o aspirar dessa época colocou uma utópica alquimia por cima da astrologia); a alma se torna em filha e criadora da palavra eterna que tão somente em Deus revela a Deus, destacando-se o aspecto classificado "revolucionária magia do sujeito", no que, nesta e por esta dimensão do Nós místico, se transporta inteiramente Deus até a esfera do mais íntimo, até o prodígio de sua própria imagem intuída, **ainda não consciente**, mais além das coisas, do mundo e de Deus mesmo.*

► Trata-se, portanto, de impulso e conteúdo tão profundos que Ernst Bloch os classificará uma *revolução a mais espiritual* do que até então conhecera o mundo em amplitude, estendendo-se assim a predicação de Thomaz Münzer como orientada para os absolutos de Cristo e do Apocalipse, da qual, ademais, se pode tirar *um paralelo com a busca do paraíso nas grandes viagens* e descobrimentos de novos continentes acontecidos nos séculos XV e XVI.

\*\*\*



## *Comunismo, humanismo, antifeudalismo: o estrépito milenarista.*

Mas não é tudo. Para compreendermos o processus que levou ao afundimento do tabu ligado ao sacramento da Igreja alto-medieval, nessa análise da marcha do gótico tardio como quadro de referência da história das heresias cristãs, é preciso também levar em conta a atuação dos humanistas em relação àquela época receptora da outra face da Renascença que tem um sentido milenarista.

É preciso levar em conta a atuação dos humanistas na demolição da sociedade feudal, porém empreendida com intenção terrenal por excelência e remetendo-se às fontes da antiguidade, sobretudo a Platão, igualmente citado por Münzer e pelos anabatistas.

Essa vertente intelectual do gótico tardio combina-se então à influência cada vez mais generalizada dos predicadores sobre os camponeses em direção ao desprendimento terrenal deles em meio de sua simples vida apostólica.

Segundo Ernst Bloch, deve-se atribuir à autoridade de Platão o fato de que o distanciado Erasmo chegasse a simpatizar com a causa camponesa, tanto mais que à época o livro de Platão sobre o Estado prefigurando princípios fundamentais comunistas encontrava sua primeira paráfrase significativamente amenizada no "*Utopia*" de Thomas Moore.

Quer dizer, o retorno à leitura de Platão nos círculos intelectuais determinou uma decisiva invalidação do compromisso aristotélico, no sentido em que esse compromisso favoreceu a afirmação do mundo e a proteção da propriedade. Segundo Ernst Bloch, a essa utilização da orientação de Aristóteles favorecendo a afirmação do mundo e da propriedade liga-se o fato de que Tomás de Aquino e toda a economia medieval tenham conseguido esquivar-se ao conflito cristão.

**Portanto, na vertente intelectual do gótico tardio se põe em relevo que o comunismo dos camponeses do século XVI tinha correspondência com os humanistas, estava em consonância com o antifeudalismo deles.**

Há, pois, por um lado, um aspecto crítico a mais nas doutrinas de Tomás de Aquino que, aproveitando-se das nuances introduzidas por Aristóteles a respeito da afirmação de que a propriedade havia sido condenada por Jesus Cristo – no estagirita, o indivíduo passa a poder possuir bens, mas o uso destes deveria aproveitar à generalidade – teria deixado prevalecer a propriedade no plano jurídico a fim de relegar o comunismo postulado pelos primeiros cristãos, o qual era alheio à economia e ao Estado, mas formava mesmo assim uma hierarquia, ao nível do primitivo comunismo monacal.

*Por outro lado, Ernst Bloch tem em vista pôr em relevo o alcance do **estrépito milenarista**, com sua mistura de despeito pessoal e vontade de restauração do cristianismo primitivo, sobre toda aquela época, como o **fator que deu ressonância não só à invalidação do compromisso aristotélico**, através da leitura de Platão, mas às demais expressões da vida intelectual que, assim, passaram a ser significativas para o **processus que levou ao afundimento do tabu na consciência coletiva**.*

---



Quer dizer, nesta análise se observa que tanto a alentadora consciência moral dos humanistas, quanto o Direito romano e as antíteses de São Paulo (estas últimas favorecendo a monarquia absoluta unicamente), como recepções ou assimilações pelo movimento do gótico tardio, mas provindas de um acervo cultural alheio ao milenarismo, só alcançaram ressonância em virtude do estrépito milenarista.

Observa-se igualmente que o fato desta recepção pelo movimento campesino teve por efeito reduzir qualquer vontade reformista ou revolucionária de índole puramente terrenal a uma simples preparação breve para o reino eterno, a fim de que o Cristo quando regressasse para julgar e levar consigo os bons, encontrasse o mundo vivendo uma era apostólica geral, não passando, portanto, de aparência na marcha do gótico tardio qualquer vontade ligada ao torrão natal.

Mas ainda não é tudo. Esta conclusão de que qualquer vontade terrenal era aparência pode ser confirmada quando apreciamos a percepção que o anabatismo desenvolveu, da qual Ernst Bloch realçará a virtude despontada justamente com o afundimento de toda a virtude santificante do tabu sacramental.

Além disso, Ernst Bloch reafirmará o ponto de vista da verdade ascética como fundamental no comunismo espiritual a que se dedicava a cidade-acampamento de Tabor, relacionando a esta última o surgimento de Munster como cidade propriamente adventista.

■ Quer dizer, para chegar à compreensão da postulação anabatista do comunismo como preparação para o Juízo Final tem relevo acima de tudo que o Deus da causa münzeriana seja equiparado ao texto do Exodus, 13, 21-22, rezando que *"Yaveh subia à frente deles de dia em uma coluna de nuvem para guiá-los pelo caminho, e à noite em coluna de fogo para alumiar-los, caminhando assim de dia e de noite. A coluna de nuvem não se retirava da frente do povo durante o dia, nem a de fogo durante a noite"*.

Tratava-se de uma reviravolta pela qual o que ontem era sonho haverá de realizar-se amanhã, pois, ao menos contra a nostalgia, nem a coação nem as trevas podem coisa alguma e, ao outro lado do deserto aguarda a terra de Canaã com fulgor ignoto.

■ Deste ponto de vista se compreende então que a democracia mística das intenções do anabatismo significa uma fundura que a humanidade jamais desejou ou experimentou maior. Segundo Ernst Bloch, se lutava para privar de realidade as dificuldades terrenais, não no âmbito de uma civilização eudemonista, à época sem integração ainda, mas, sim, mediante a erupção do Império.

### **A Virtude Despontada contra a tese da opressão não compreendida.**

► Desta forma a análise por Ernst Bloch põe em relevo a limitação da tese desqualificadora da percepção anabatista, tese que equivocadamente atribui a tal percepção o desconhecimento não só da opressão, mas da submissão à obscuridade da situação social tida por não compreendida.



Ernst Bloch nos faz lembrar que a força da crença na proximidade do Juízo Final era tal que mesmo Lutero, embora rechaçando as obras políticas e morais para servir de preparação desse Final, manifestou a convicção de que o Final chegaria aos meados daquele seu "absoluto século".

Mas os anabatistas acreditavam ver o final no testemunho da Bíblia como uma precisa postulação operativa, isto é, justamente o fato de que o comunismo existira no princípio, antes de Nemrod, e existira no período intermédio, entre os Apóstolos. Contemplação esta que lhes fazia parecer o comunismo como postulado da Época Final, como a ascese própria da época então chegada e entendida como fim dos tempos, e que devia perdurar até o retorno do Cristo, quem viria com temíveis perguntas.

■ Portanto, muito além de uma percepção afeita à obscuridade da situação social, tida supostamente por não-compreendida, Ernst Bloch enfatiza haver despontado para a consciência exatamente uma luz temporal fugidia, cuja formulação só é possível de alcançar pelo reconhecimento de que então tinha lugar (no Nós da seita, na comunhão na verdade ascética) o afundimento de toda a virtude santificante do tabu, seja como sacramento, seja como objeto que encerra em si a divindade.

Desta sorte, a única alternativa parecia consistir em um subjetivismo místico, sendo a aliança deste com o absoluto a única virtude que restava.

Segundo Ernst Bloch fora também em razão desta *virtude despontada* que os humanos se juramentassem em um lugar cuja morfologia era totalmente outra e não mais as reuniões domésticas em ambiente medroso impondo um vai e vem, nem as catacumbas dos monastérios, nem mesmo as comunidades livres pacíficas a que todos refluíam sentindo-se já inflamados e purificados por sua fé no iminente advento do Cristo.

*Quer dizer, foi em razão da nova virtude despontada que surgiu a cidade de Tabor como inteiramente dedicada ao comunismo espiritual, com Munster aparecendo como cidade advéncia, como dissemos, em ambas as quais se lutava não por uns tempos melhores, mas já pelo fim de todos os tempos.*

*Tal a nova consciência milenarista na marcha do gótico tardio. Tal a erupção do Império na história das heresias cristãs.*

---

FIM  da Artigo Milenarismo, Comunismo e Utopia

Website Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумieraautor.pro.br>

©2009 by Jacob (J.) Lumier



Website Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумieraautor.pro.br>

*Perfil do Autor Jacob (J.) Lumier*<sup>106</sup>



Publica seus ensaios sociológicos em versão e-book a partir de sua Web "*Leituras do Século XX*", e os difunde em cooperação junto à Web da *Organización de Estados Ibero-americanos para la educación, la ciencia y la cultura* –OEI. Também os difundiu na Web do Ministério da Educação (*website Domínio Público*) e no OpenFSM. É membro da Internet Society (ISOC) e do Sociologists without borders-Think Tank.



*Websítio Produção Leituras do Século XX - PLSV:  
Literatura Digital*  
<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

---

<sup>106</sup> Este E-book foi concluído em Maio de 2009.

